

MESTRADO EM TURISMO

Lugares no Douro: Património
Paisagístico e Turismo
Percurso com Eça de Queiroz, hoje!

Felisberto Ribeiro de Almeida

M

2017



Felisberto Ribeiro de Almeida

**Lugares no Douro: Património Paisagístico e Turismo
Percursos com Eça de Queiroz, hoje!**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Turismo orientada pela Professora
Doutora Inês Amorim

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2017

Lugares no Douro: Património Paisagístico e Turismo

Percursos com Eça de Queiroz, hoje!

Felisberto Ribeiro de Almeida

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Turismo orientada pela Professora Doutora
Inês Amorim

Membros do Júri

Professor Doutor Luís Paulo Saldanha Martins
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor António Nuno Rosmaninho Rolo
Universidade Aveiro

Professora Doutora Maria Inês Ferreira de Amorim Brandão da Silva
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 17 valores

*Dedico esta dissertação às minhas filhas,
a luz dos meus olhos.*

Sumário

Agradecimentos	9
Resumo	10
Abstract	11
Índice de ilustrações	12
Índice de tabelas (ou de quadros)	14
Lista de abreviaturas e siglas	15
Introdução	16
Capítulo 1 – Turismo, Cultura, Literatura e Património Rural	28
1.1. Turismo Cultural	31
1.2. Turismo Literário	34
1.3. Património Rural	39
Capítulo 2 – Reler Eça de Queiroz e conhecer o Douro	42
2.1. Eça e o Douro	42
2.2. O Douro: Baião, Cinfães, Resende e Lamego – o quadro demográfico e o potencial turístico	45
2.2.1. Evolução da população	46
2.2.2. Evolução do turismo pelo lado da oferta.	48
Capítulo 3 – Percursos Turísticos “Passear com Eça de Queiroz pelo Douro”	53
3.1. Touring Cultural e Paisagístico	53
3.2. Os Percursos	55
3.2.1. Viajar pela Linha do Douro	55
3.2.2. O “Caminho de Jacinto em <i>A Cidade e as Serras</i> e a atualidade.	67
3.2.3. Viajando desde o Museu Vivo de Tormes pelas terras de Baião e Cinfães	76

3.2.4. Partindo do Montemuro para percorrer Terras da <i>Ilustre Casa de Ramires</i> e dos <i>Maias</i>	84
Considerações finais.....	100
Referências.....	102
Anexos	107
Anexo I – Transcrições de <i>A Cidade e as Serras</i>	107
Anexo II – Transcrições de <i>A Ilustre Casa de Ramires</i>	127
Anexo III – Transcrições de <i>O Crime do Padre Amaro</i>	151
Anexo IV – Transcrições de <i>Os Maias</i>	152
Anexo V – Evolução da Designação das Freguesias em Baião, Cinfães, Lamego e Resende	158
Anexo VI – Evolução da capacidade de Alojamento Turístico no concelho de Baião (2010-2016).....	162
Anexo VII – Evolução da capacidade de Alojamento Turístico no concelho de Cinfães (2010-2016).....	162
Anexo VIII – Evolução da capacidade de Alojamento Turístico no concelho de Lamego (2010-2016).....	162
Anexo IX – Evolução da capacidade de Alojamento Turístico no concelho de Resende (2010-2016).....	162

Agradecimentos

Às minhas filhas, foram elas que me incentivaram e impulsionaram para fazer este Mestrado. Agradeço-lhes também a constante ajuda e carinho.

À Cristina, a minha mulher, que, apesar das muitas horas em que a deixei só, permaneceu a meu lado.

À minha mãe, pelo muito que rezou para que eu conseguisse terminar e pelo carinho que me foi transmitindo

Aos familiares e amigos mais próximos, que, nos momentos de maior desânimo, tiveram uma palavra amiga de incentivo e conforto.

Agradeço também aos meus colegas de mestrado, por me ajudaram a rejuvenescer mentalmente. Uma menção especial para a Marla, pela camaradagem, ajuda, incentivo e acompanhamento, na (re)descoberta do Eça de Queiroz.

Por último, um agradecimento muito especial à minha orientadora, a Dra. Inês Amorim, pela força que me deu e pela forma como me ajudou a estruturar esta dissertação. Sem o seu saber, mas essencialmente sem a sua compreensão e humanismo, as minhas dificuldades seriam muito maiores.

Resumo

O Turismo Cultural tem vindo a assumir, quer no âmbito académico, quer no económico, social e político, tanto em Portugal como no mundo, uma quota de mercado cada vez mais expressiva, contribuindo desta forma para a dinamização, entre outras, das áreas rurais empobrecidas e abandonadas.

Neste quadro geral elaborou-se este estudo perspetivando-se que o Turismo Cultural, mais especificamente o Turismo Literário, associado ao Património, funcione como alavanca potenciadora para o desenvolvimento territorial.

O ponto de partida foi a investigação baseada na análise das obras escritas por Eça de Queiroz (A Cidade e as Serras, A Ilustre de Ramires, os Maias e o Crime do Padre Amaro), há 100 anos, que retratam lugares, paisagens, usos, costumes e tradições sobre a região do Douro, fora do grande Porto, nomeadamente sobre os concelhos de Baião, Cinfães, Lamego e Resende.

Apresentam-se números que demonstram por um lado o continuado decréscimo de residentes nestes territórios e por outro lado uma crescente oferta em termos de capacidade de alojamento turístico (aumento do número de unidades de alojamento, de quartos e de camas) que justificariam a articulação de estadias à procura dos registos de Eça na paisagem de hoje.

Sem se pretender quantificar o quanto esta vertente do Turismo pode contribuir para o desenvolvimento local, demonstra-se, no entanto, que o turismo literário é capaz de potencializar estas regiões, pois, muito do descrito por Eça de Queiroz nas suas obras é passível de se vivenciar na atualidade, podendo ser usufruído de forma genuína, porque único.

Para tal, abriram-se percursos que podem ser seguidos de acordo com a vontade e sensibilidade de cada turista, deixando-se também em aberto possibilidades de estudo para que outros possam aprofundar toda esta metodologia de exploração das paisagens do Douro, experimentando o sentido de cada lugar observado e descrito por uns e revisto por nós, um olhar iluminado.

Palavras-chave: Turismo Cultural, Turismo Literário, Percursos Turísticos, Douro.

Abstract

The Cultural Tourism has assumed in terms of academic, economic, social and political conditions, both in Portugal as in the world, an increasingly expression in market share, thus contributing to the dynamization, among others, of impoverished and abandoned rural areas.

Considering this framework, this study was developed prospecting that Cultural Tourism, more specifically Literary Tourism, in association with the Heritage, functions as an improving trigger for territorial development.

The starting point was the investigation based on the analysis of the written works by Eça de Queiroz (“A Cidade e as Serras”, “A Ilustre Casa de Ramires”, “Os Maias” e “O Crime do Padre Amaro”), 100 years ago, that portray places, landscapes, uses, customs and traditions about the Douro region, outside Oporto’s metropolitan area, on the regions of Baião, Cinfães, Lamego and Resende.

The numbers shown prove, by one hand, the continued decline of residents in these territories and, on the other hand, a growing supply of touristic accommodation capacity (there is an increase in the number of accommodation units, rooms and beds) that would justify the articulation of stays in search of the records of Eça’s in today's landscape.

Without intending to quantify how this aspect of tourism can contribute to local development, it is demonstrated, however, that Literary Tourism is capable of enhancing these regions, since much of what Eça de Queiroz described in his works is likely to be lived in the present, and can be enjoyed in a genuine, unique way.

For that, were described routs that can be followed according to the will and sensitivity of each tourist, and were also left open possibilities of study so that others can deepen this methodology of exploration of Douro’s landscapes, living the sense of each place, observed and described by some and reviewed by us, an illuminated look.

Keywords: Cultural Tourism, Literary Tourism, Touristic Routs, Douro.

Índice de ilustrações

Figura 1 - Evolução do número de habitantes, População Residente (1950-2011).....	48
Figura 2 - Evolução no Número de Unidades de Alojamento (2010-2016).....	50
Figura 3 - Evolução do Número de Quartos (2010-2016)	51
Figura 4 - Evolução do Número de Camas (2010-2016)	52
Figura 5 - Evolução e envolvimento dos segmentos turísticos europeus: 2000-2020.....	54
Figura 6 - Linha do Douro.....	57
Figura 7 - Viaduto da pala e do Ovil	58
Figura 8 - Da Pala para Mosteirô	58
Figura 9 - Vale do Douro e Viaduto do Laranjal	59
Figura 10 - Estação de Aregos (Tormes).....	59
Figura 11 - Caldas de Aregos, margem esquerda do Douro	60
Figura 12 - Geografia da "Casa de Ramires"	61
Figura 13 - Alto Douro Vinhateiro	61
Figura 14 - Viaduto do Corgo	62
Figura 15 - Foz do Pinhão e Ponte Ferroviária	62
Figura 16 - Estação do Pinhão.....	63
Figura 17 - Ponte da Ferradosa.....	63
Figura 18 - Estação do Pocinho.....	64
Figura 19 - Troço da Linha do Douro desativado.....	65
Figura 20 - "Senhora da Veiga"	65
Figura 21 - Sítio Rupestre Canada do Inferno	66
Figura 22 - Gravura Rupestre	66
Figura 23 - Comboio Histórico do Douro.....	67
Figura 24 - Como chegar à estação de Tormes.....	68
Figura 25 - O Caminho de Jacinto.....	69
Figura 26 – Aregos-Tormes, início do Caminho de Jacinto	70
Figura 27 - Início do Caminho de Jacinto	70
Figura 28 - O caminho é ladeado de vegetação	71
Figura 29 - Muro secular e largas ramarias	72
Figura 30 - Vegetação frondosa e densa.....	73

Figura 31 - Casa de Lodeiro	73
Figura 32 - Casa da Torre do Cabeção	74
Figura 33 - Casa de Tormes	75
Figura 34 - Fotografia tirada na EN108 junto a Tormes	77
Figura 35 - Igreja de Baião	77
Figura 36 - Mosteiro de Santo André de Ancede	78
Figura 37 - S. Cipriano (Santa Irenéia).....	80
Figura 38 - Torre da Lagariça (Ilustre Casa de Ramires).....	81
Figura 39 - A Ilustre Casa de Ramires	81
Figura 40 - Forja com telhado em colmo	82
Figura 41 - Eira Comunitária de Vale de Papas	82
Figura 42 - Feirão	84
Figura 43 - Ponte da Panchorra	85
Figura 44 - Torre da Lagariça em 1927	86
Figura 45 - A Casa da Torre da Lagariça.....	86
Figura 46 - São Cipriano (igreja e envolvência).....	87
Figura 47 - Cascata no Cabrum.....	88
Figura 48 - Complexo Monástico de Cárquere	90
Figura 49 - Localidade de Caldas de Aregos	91
Figura 50 - Igreja de Resende	92
Figura 51 - Casa de Vila Pouca em Resende	93
Figura 52 - Igreja de São Martinho de Mouros.....	94
Figura 53 - Solar da Soenga e o Douro	95
Figura 54- Lamego, Diversos Monumentos.....	96
Figura 55 - Museu de Lamego	96
Figura 56 - Santuário da N ^a Sr ^a dos Remédios	97
Figura 57 - Antigo Seminário de Lamego.....	97
Figura 58 - Sé de Lamego	98

Índice de tabelas (ou de quadros)

Tabela 1 - Definições de Turismo Cultural	32
Tabela 2 - Alguns Itinerários de Turismo Literário na Europa	36
Tabela 3 - Evolução da população total (H-Homens e M-Mulheres), residente entre 1864 e 2011	46
Tabela 4 - Evolução da Capacidade de Alojamento Turístico (2010-2016)	50
Tabela 5 - Evolução do Número de Quartos (2010-2016).....	50
Tabela 6 - Evolução do Número de Camas (2010-2016).....	51

Lista de abreviaturas e siglas

- BNP – Biblioteca Nacional de Portugal
- CCDR – Comissões de Coordenação e Desenvolvimento Regional
- CM – Complementar Municipal
- CMB – Câmara Municipal de Baião
- CMFozCôa – Câmara Municipal de Foz Côa
- CMR – Câmara Municipal de Resende
- CP – Comboios de Portugal
- DGADR – Direção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural
- DGPC – Direcção-Geral do Património Cultural
- DRCN – Direção Regional de Cultura do Norte
- EN – Estrada Nacional
- GNR – Guarda Nacional Republicana
- ICOMOS – International Council on Monuments and Cities
- ICOMOS PT – Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios
- INE – Instituto Nacional de Estatística
- OMT – Organização Mundial de Turismo
- PAVC – Parque Arqueológico do Vale do Côa
- PENT – Plano Estratégico Nacional do Turismo
- RNET – Registo Nacional de Empresas de Turismo
- TP – Turismo de Portugal
- UA – Universidade de Aveiro
- UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
- UNWTO – United Nations World Tourism Organization

Introdução

(...) A grandeza igualava a graça. Para os vales, poderosamente cavados, desciam bandos de arvoredos, tão copados e redondos, de um verde tão novo, que eram como um musgo macio onde apetecia cair e rolar. Dos pendores, sobranceiros ao carreiro fragoso, largas ramarias estendiam o seu toldo amável, a que o esvoaçar leve dos pássaros sacudia a fragrância. Através dos muros seculares, que sustêm as terras liados pelas heras, rompiam grossas raízes coleantes a que mais hera se enroscava. Em todo o torrão, de cada fenda, brotavam flores silvestres. Brancas rochas, pelas encostas, alastravam a sólida nudez do seu ventre polido pelo vento e pelo sol; outras, vestidas de lichen e de silvados floridos, avançavam como proas de galeras enfeitadas: e, dentre as que se apinhavam nos cumos, algum casebre que para lá galgara, todo amachucado e torto, espreitava pelos postigos negros, sob as desgrenhadas farripas de verdura, que o vento lhe semeara nas telhas. Por toda a parte a água sussurrante, a água fecundante... Espertos regatinhos fugiam, rindo com os seixos, de entre as patas da égua e do burro (...) O ar fino e puro entrava na alma, e na alma espalhava alegria e força. Um esparso tilintar de chocalhos de guizos morria pelas quebradas...

Jacinto adiante, na sua égua ruça, murmurava: – Que beleza! (Queiroz, 1950, pp.163-164, 1ª edição de 1901.)

Esta descrição tem mais de um século¹ mas poderia ser atual. Na verdade, esta beleza criada pela narrativa de Eça de Queiroz, aviva os sentidos: visão, olfato, sons, recriam a imagem de harmonia, sem lugar, nem tempo, apenas a vontade de atingir um prazer imenso. Afinal, o turismo é mesmo isto, por definição, é tempo de lazer, sem tempo de trabalho, de puro deleite.

A ativação dos sentidos faz-se, por vezes, em situações que parecem do passado. “Paisagens rurais efémeras... espaços rurais em (trans)formação” da autoria de Ferreira, Pina e Leal (2012) é o título de um estudo que evoca o valor de um tempo que já passou, mas que, pelas circunstâncias, várias, foi reativado, pela própria diminuição da densidade, pelo despovoamento e envelhecimento populacional, bem como pela estagnação/declínio do quadro económico regional, o que acarreta a dificuldade de preservação destas paisagens.

Concordamos, em parte, com esta afirmação, porque, de forma paradoxal, essas paisagens foram sendo preservadas e, por isso, no interior de Portugal, continuam a existir particularidades genuínas capazes de fazerem despertar os sentidos e de extasiar pela sua calma e encanto.

¹ A cidade e as serras / Eça de Queiroz. - [1ª ed.]. - Porto: Livr. Chardron, 1901. - [6], 380 p.

No entanto, esse mesmo interior apresenta inúmeros problemas de cariz económico e social, mercê das dinâmicas verificadas ao longo dos anos, que acentuaram as dicotomias existentes no território português. As diferenças naturais, de cariz geográfico, nomeadamente o contraste do interior Norte e Centro montanhoso com o Sul plano, principalmente, as humanizadas, realçando-se, em oposição ao interior rural e despovoado, o litoral urbano e densamente habitado, sendo perceptíveis e notórias as diferenças entre o vasto desenvolvimento económico e social deste último por oposição à estagnação e pobreza do interior.

São múltiplos os estudos científicos, programas operacionais (nomeadamente das Comissões de Coordenação e Desenvolvimento Regional [CCDR]) e estudos jornalísticos sobre este contraste interior/litoral e sobre os processos associados à recomposição territorial, apontando em sentidos idênticos, indiciando os muitos problemas críticos da sociedade rural.

Na Visão *on-line* (2014, setembro 4), *Desertificação: O Portugal que fecha*, tomamos conhecimento de uma notícia, resultante de investigação jornalística, onde é comunicado que, de acordo com uma equipa de investigadores da Universidade de Aveiro (UA), a palavra “Abandono” é aquela que os portugueses mais associam à vida fora dos centros urbanos. Nessa notícia também é destacado o facto do continuado encerramento de serviços estatais contribuir para que esse “abandono” seja, cada vez mais, uma evidência. Informam, ainda, que, em dois dos distritos mais abandonados pelos serviços públicos, Beja e Viseu, observaram salas de aula ocupadas por caçadores, discotecas instaladas em antigos postos da Guarda Nacional Republicana (GNR) e juntas de freguesia a venderem selos.

Já o estudo *Passado, presente e futuro das Serras do Norte de Portugal: Duas Análises Geográficas* (Daveau, 2016) revela que de 1960 à atualidade, nos 7 distritos interiores, de Vila Real a Beja, representando um pouco mais de metade da superfície do “Portugal continental”, existiu um decréscimo percentual da distribuição da população portuguesa, de 22 % para apenas 11 %, e bastante envelhecida.

Abandono é, pois, a palavra-chave no que diz respeito à forma como estão votadas as povoações do interior de Portugal, sendo enormes as carências de dinâmicas inovadoras e criativas capazes de as revitalizar.

No entanto, na tese de doutoramento *Tempos de mudança nos territórios de baixa densidade. As dinâmicas em Trás-os-Montes e Alto Douro*, (Azevedo, 2010), não obstante ter como ponto de partida os pressupostos da sociedade rural (disfunções e contrariedades, como a elevada perda e o envelhecimento populacional, os baixos rendimentos e altos índices de desemprego que incentivam ao abandono dos territórios, o isolamento e solidão, a carência de equipamentos associada a uma rede de transportes insuficiente e o risco de degradação dos valores naturais, nomeadamente pelos incêndios), apresenta, nas conclusões, diversas perspetivas e dinâmicas positivas. Destas realçamos a importância do aproveitamento da diversidade paisagística e agro-cultural, a atratividade das atividades ambientais e a importância da biodiversidade e dos valores naturais, bem como o facto das diferentes situações em que se encontram os diferentes territórios suscitarem distintas dinâmicas de desenvolvimento e oportunidades.

Justificação e objetivos

Deste modo, e tendo em consideração que em diferentes localidades do interior de Portugal, por vezes, o Património é vasto e riquíssimo, tanto o material, como principalmente o imaterial, sofrendo, contudo, do facto de ser pouco ou mal divulgado e explorado, pretende-se, com esta dissertação, analisar potencialidades que se podem vir a desenvolver tendo em consideração o património e o tipo de património. Neste sentido, sendo que o excerto inicial, de Eça de Queiroz, traduz uma possibilidade, a de cruzamento entre a literatura e os percursos, entre a invenção e a descrição, as sensações e a revisitação dessas perceções, é esse caminho que iremos seguir – o de apresentar percursos baseados em leituras temporais do espaço, ontem e hoje, como o título da dissertação traduz.

Incrementar-se-á assim como que uma peregrinação aliciante da nossa vida a um outro tempo, onde possamos reconhecer marcas de uma existência passada, mas não perdida, onde conviveremos com a memória do que existiu e foi proporcionado, mas que não deixou de ser capaz de poder proporcionar ainda hoje. Ou seja, um conjunto de

sensações e imagens resultando atualmente como produto para novas vivências e contrastes.

Parte-se do princípio de que o património rural, associado ao turismo, atua como elemento suscetível de alavancar o desenvolvimento local, enquanto fonte geradora de rendimentos económicos, propiciando melhores condições de vida às populações ali residentes, funcionando como elemento cativador, capaz de assegurar o aumento do povoamento.

Tendo como objetivo fundamentar esta perceção e proposta procurou-se reunir estudos científicos que justifiquem essa ponte entre o património rural o desenvolvimento turístico local.

Na verdade, de acordo com os guias técnicos do Turismo de Portugal, a preservação, fruição e valorização do património cultural e artístico de Portugal tem no Turismo um cada vez mais importante fator de dinamização, apontando o Turismo Cultural como “(...) *um produto estratégico que fomenta a fruição do património cultural, mas, também, gera outputs económicos relevantes para os diferentes agentes da cadeia de valor da atividade turística.* (...)”²

No entanto, fica a perceção da dificuldade em dar resposta para uma questão crucial: estando as potencialidades nos locais, como poderemos dá-las a conhecer de forma a atraírem visitantes/turistas?

A Direção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR) considera que, baseado em pressupostos que enraízam nas diretivas europeias, património é “ (...) um conceito mais abrangente que compreende simultaneamente os elementos materiais e os imateriais, que testemunham as relações que uma comunidade estabeleceu no decurso da história com o território em que está inserida. ...) ” (Correia et al., 2009, p.17)³. Sob o ponto de vista jurídico “ (...) é uma noção que define todos os recursos que se herdam, bens mobiliários e imobiliários, capitais, etc. (...) Sob esta perspetiva, tem-se em conta

² Disponível em: <http://guiastecnicos.turismodeportugal.pt/pt/museus-monumentos>, última consulta em 20 de novembro de 2015.

³ Disponível em: http://www.dgadr.mamaot.pt/images/docs/div_meiorural/i010464.pdf, última consulta em 19 de agosto de 2017.

que, de uma geração a outra, o património pode ser acumulado, perdido ou transformado.
” (Pereiro Pérez, 2003, p.232)

Ainda de acordo com a DGADR⁴, Património Rural, sendo composto, ao mesmo tempo, por elementos materiais e imateriais, traduz-se em património paisagístico, natural, cultural e edificado, exuberante, capaz de funcionar como motor de desenvolvimento desse espaço e que urge preservar. Sendo importante conferir relevância ao passado, valorizar e proteger o património rural, é dando-o a conhecer de forma que possa ser acessível e interativo com as populações rurais, que será possível manter os equilíbrios ecológicos, preservando a autoestima e o desenvolvimento económico, cultural e social local.

Assim, o Turismo assente no Património Cultural Rural, material local (arquitetónico, monumental e paisagístico), mas também no imaterial (como a gastronomia, os usos, costumes, tradições, as festas e romarias, o artesanato e as práticas agrícolas) pode constituir-se como dinâmica revitalizadora fundamental, propiciadora da criação de emprego e de desenvolvimento, contribuindo para a diminuição de assimetrias entre regiões, fomentando o desenvolvimento sustentável, potenciando a coesão territorial. Sendo entendido o património cultural como “ (...) uma expressão da cultura dos grupos humanos que recupera memórias, ritualiza sociabilidades, seleciona bens culturais e transmite legados para o futuro.” (Pereiro Pérez, 2009, p. 142)

Se, teoricamente, todo o discurso incentiva a valorização do património rural, a questão surge nos procedimentos, nas metodologias e na seleção de espaços. Por isso traçamos um projeto que tivesse como espaço de análise, mais especificamente, o Douro, pelo que pretende-se, com este trabalho, contribuir para a revitalização do Património Rural no Douro, nomeadamente dos concelhos de Baião, Cinfães, Resende e Lamego, espaço que orientou a pesquisa e a reunião de materiais, assim como a proposta de percursos turísticos.

⁴ Disponível em: <http://www.dgadr.gov.pt/diversificacao/patrimonio-rural>, última consulta em 20 de agosto de 2017.

De acordo com o *site* dos Guias Técnicos do Turismo de Portugal – Portugal Contemporâneo⁵, verifica-se existir predisposição para a atratividade turística dos territórios, se potenciada a combinação do património histórico, edificado e imaterial com os procedimentos e as práticas mais interventivas e inovadoras, estando os turistas mais propensos às novas experiências, explorando outras visões dos lugares, personificando e valorizando a sua viagem, tornando-a inesquecível.

Uma das possibilidades poderá ser a associação entre o património local e a literatura, nomeadamente de Eça de Queiroz, capaz de proporcionar numa primeira instância, a viagem mental através desse vasto património. Pareceu-nos que este caminho tem sido subaproveitado, embora com alguns projetos que se analisarão.

É essa via que se enfatizará neste trabalho/ investigação.

Fontes e metodologia

A matéria-prima que nos guia na leitura do espaço é a produção literária de Eça de Queiroz, um dos maiores escritores portugueses e que continua a ser invocado, lido, conhecido, pelo menos, junto do próprio público estudantil (porque leitura obrigatória). Para o público português (e lusófono) alguns títulos são conhecidos. A sua obra remete para uma segunda metade do século XIX que procura superar um atavismo rural que se contrapõe aos primeiros registos de industrialização. Ao passado rural emerge um futuro civilizacional com os olhos postos na Europa.

Eça viajou, fruto da sua formação académica e atividade profissional, e os seus olhos e cultura incorporaram-se nas suas obras, objeto de múltiplas traduções em, pelo menos, vinte línguas⁶.

Não sendo nós especialistas na área, nem com formação em literatura, não deixámos de procurar localizar obras que traduzissem uma síntese aprofundada sobre o autor, o seu percurso. Felizmente, embora tenhamos de salientar alguma escassez de documentos científicos de cariz geográfico e turístico que usem as obras literárias de Eça de Queiroz,

⁵ Disponível em: <http://guiastecnicos.turismodeportugal.pt/pt/contemporaneo>, última consulta em 20 de agosto de 2017.

⁶ Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Maria_de_Eça_de_Queiroz, última consulta em 20 de agosto de 2017.

alusivas ao Douro, tornou-se fundamental o Dicionário de Eça de Queiroz organizado e coordenado por Matos (2015), uma excelente obra por compilar o conhecimento disponível em torno de Eça, obra a que se recorreu para beber muita da informação.

Sendo a principal motivação deste trabalho, como se justificou atrás, encontrar alguma ou algumas soluções, para valorizar o interior e contribuir para, reverter o continuado abandono de vida das zonas rurais, pretende-se, por isso, propiciar uma outra visão do espaço e do seu património, um enquadramento geográfico intemporal, baseado nas descrições pormenorizadas das paisagens, dos lugares e “das coisas” com que Eça de Queiroz nos presenteou nas suas obras, nomeadamente nas menções que fez sobre paisagens e lugares do Douro, sabendo de antemão e tal como é afirmado em Matos (2015), que a sua escrita é manifestamente ficcionada apesar de inspirada na(s) realidade(s). Desta consideração estamos conscientes, mas tornou-se um desafio metodológico.

Para tal, procurar-se-á averiguar/comparar na atualidade, os sinais e traços descritos nas obras com a realidade atual, para que os leitores possam ver e (re)viver as realidades descritas. Projeta-se, de forma aplicada em trabalho de campo, um recurso literário, capaz de associar experiências vivenciadas, relacionadas com os territórios, possibilitando a reconstituição do património geográfico de espaços específicos (durienses).

Como “missão final” pretende-se apresentar uma proposta de turismo cultural/literário, assente na resposta ou nas respostas à questão fulcral: existirão, hoje, traços identitários entre o património atual do Douro e o descrito por Eça de Queiroz nas suas obras?

Com o intuito de responder a esta questão, metodologicamente, começou-se por percorrer a vasta obra literária de Eça de Queiroz, procurando referências nos seus escritos a locais do Douro, pelo que se elegeram quatro títulos que, tendo em consideração leituras prévias, apresentavam informação adequada e são, indiscutivelmente, das mais conhecidas do público, inclusive do mais jovem, porque de análise académica obrigatória (na sua totalidade ou parcialmente): A Cidade e as Serras, de 1901; A Ilustre Casa de Ramires, de 1900; Os Maias, de 1888; e o Crime do Padre Amaro, de 1876.

Um breve resumo de cada uma das obras permite justificar a nossa opção, dado que incluem informação sobre o Douro que elegemos.

Em *A Cidade e as Serras*, de 1901, (Queiroz, 1950), a narrativa é apresentada por uma personagem secundária - José Fernandes, que nos conta a história do seu grande amigo Jacinto, que vivia em Paris do século XIX, rodeado “das maravilhas da técnica” no seio da cultura, dos livros e da civilização, embora cada vez mais entediado com esse tipo de vida. O episódio em torno de uma tempestade que provocou prejuízos, numa das suas propriedades em Portugal, no Douro, na sua Quinta de Tormes, atingindo uma capela onde estavam depositados os ossos veneráveis dos seus antepassados e decidiu vir passar um mês a essa sua propriedade após o inverno.

A viagem entre Paris e Tormes é efetuada de comboio e a entrada em Portugal dá-se em Barca D’Alva, existindo alguns apontamentos descritivos da linha do Douro até à estação de Tormes (Aregos).

Depois é toda uma continuada descrição da Serra e da sua beleza, começando pelo percurso efetuado na margem esquerda do Douro, desde a Estação de Tormes (junto ao rio) até à Casa de Tormes, que correspondem, respetivamente, à Estação de Aregos e à Quinta de Santa Cruz do Douro em Baião, (<http://www.feq.pt/>; Matos, 2015).

Aqui são pormenorizados a paisagem e os lugares bem como retratos do quotidiano à época.

Na obra *A Ilustre Casa de Ramires* (Queiroz, 1900), é contada a história de um fidalgo de província, Gonçalo Ramires, descendente de uma família nobre e antiga (anterior à formação de Portugal). Paralelamente ao desenlace de episódios da vida deste fidalgo, são-nos narrados por Gonçalo, um dos protagonistas, os feitos ilustres dos seus antepassados. *A Ilustre Casa de Ramirez* corresponde, na realidade atual, à Casa da Torre da Lagariça, da Freguesia de São Cipriano, em Resende (Matos, 2015). É esta Casa o local central de toda esta obra, onde somos também apresentados com descrições de paisagens, lugares e imagens do quotidiano à época.

Em *Os Maias* (Queiroz, 1888) conta-se a história de três gerações da família Maia e, embora a ação principal nesta obra se centre na Lisboa da segunda metade do séc. XIX,

são inúmeras as menções, referências e descrições de uma quinta da família existente no Douro, “A Quinta de Santa Olávia”, em Resende.

Por último menciona-se *O Crime do Padre Amaro* (Queiroz, 1880, 2ª ed.) cujo desenlace acontece no distrito de Leiria, mas onde se faz uma pequena alusão à freguesia de Feirão em Resende, que, situada no alto da serra de Montemuro, nos remete para outras vivências e realidades.

Após leitura pormenorizada destes quatro títulos, elaboramos transcrições das passagens descritivas das paisagens, lugares e imagens do quotidiano narrados, por forma a verificarmos se o património (material e imaterial) representado nessas obras tem traços coincidentes com o atual, partindo-se do princípio que, apesar da escrita de Eça ser essencialmente ficcionada (Matos, 2015), apresenta descrições da realidade com “imagens” do quotidiano à época.

Na procura de informação que nos conduzisse à identificação da correspondência de nomes de lugares indicados nas obras de Eça com a realidade, começou-se por consultar o *Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular* (Costa, 1920-1949)⁷, que embora nem sempre resultou bem elucidativa na identificação de alguns topónimos, tornou-se importante para identificar alguns deles, de difícil localização administrativa, auxiliando a estruturação da etapa de trabalho de campo.

Do ponto de vista teórico, os conceitos e a relevância do turismo rural, do turismo cultural e do turismo literário associados ao património local, levou-nos a pesquisar informação em diversos *sites* de organismos nacionais e/ou mundiais, pelo facto de agregarem políticas patrimoniais decorrentes de estratégias culturais, sendo aqueles a que demos mais ênfase os seguintes:

Direção Regional de Cultura do Norte (DRCN), <http://www.culturanorte.pt/pt/>;

Direção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR), <http://www.dgadr.gov.pt/>;

International Council on Monuments and Cities, <http://www.icomos.org/en/>;

⁷ COSTA, Américo – *Dicionário corográfico de Portugal Continental e Insular: hidrográfico, histórico, orográfico, biográfico, arqueológico, heráldico, etimológico*. Porto: Livraria Civilização, 1929-1949. 12 vol.

Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS Portugal), <http://www.icomos.pt>;

United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), <http://en.unesco.org/>;

UNESCO World Heritage Centre <http://whc.unesco.org/>;

Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC), <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/>;

Escritores a Norte, <http://escritoresanorte.pt/>;

Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), www.bnportugal.pt/;

Turismo de Portugal (TP), <http://www.turismodeportugal.pt>;

United Nations World Tourism Organization (UNWTO), <http://www.e-unwto.org/>;

Pesquisou-se ainda recursos eletrónicos, usando palavras-chave simples ou compostas como “turismo literário” e “viajar com escritores”, “turismo rural”, “turismo cultural”, “turismo literário”, “património material”, “património imaterial” e “roteiros literários”, tendo sido realizada a pesquisa em língua portuguesa e inglesa, para se tentar perceber se há e o que há concebido e/ou concretizado em termos de percursos ligados ao turismo literário. Procurou-se particularmente em Portugal, Espanha, França e Reino Unido.

Consultamos também o *site* do Instituto Nacional de Estatística (INE) e recorreu-se a diversos dados estatísticos, tendo como objetivos analisar a evolução da população residente e a evolução de oferta de alojamento turístico nos concelhos de Baião, Cinfães, Lamego e Resende. Para completar o conhecimento da evolução do turismo pelo lado da oferta (programas, alojamento, etc.) nos quatro concelhos mencionados, fizemos um levantamento de dados disponíveis no *site* do Turismo de Portugal.

Posteriormente, a informação cruzada foi feita com a comparação entre os dados sugeridos pela leitura sistemática da informação contida naquelas obras e as visitas aos locais, averiguando a existência, ou não, dos lugares e atualização da toponímia, distinguindo a ficção e a realidade. Por isso, para lá de se preparar este trabalho, criterioso, realizado nos meses de janeiro, a março de 2016, fotografou-se o que se avistava,

documentando o olhar, de modo a captar os traços da realidade atual e a familiaridade com os descritos por Eça.

Por último procurou-se elaborar um modelo de roteiro capaz de realçar as genuinidades que perduram ao longo dos tempos e que são capazes de constituir focos de atratividade para quem tem sede de admirar e conhecer o passado, visitando realidades do presente, considerando que, de acordo com (Kastenholz...[et al.], 2014), em destinos rurais a experiência turística depende dos recursos e património material e imaterial existentes nesses territórios.

Metodologicamente, tratou-se a informação estatística (evolução da população, alojamento) de forma serial e gráfica, assim como se estabeleceram guiões de visita, comparando, lado a lado, a descrição literária e a leitura atual. Por isso, os anexos desta dissertação são essenciais, porque se selecionou, livro a livros, todos os dados que mencionam lugares e paisagens, que nos serviram de guião para ir aos lugares e encontrá-los. As fotos procuraram “fixar” o nosso olhar, mas podem vir a ser reencontrados. Procurou-se dar orientações das coordenadas geográficas, facilitando encontrar o lugar preciso. Depois, juntaram-se informações sobre esses lugares a partir de *sites* produzidos pelo Turismo de Portugal, Rota do Românico, Direção Geral do Património, dado que nos era impossível compulsar bibliografia específica (monografias, embora estes sites procurem indicar essa informação) (ver anexos destes processos).

Com estes dados, foi possível desenhar e estruturar este estudo final.

Encontra-se dividido em 3 capítulos, sendo que, no primeiro, desenvolve-se o enquadramento teórico através da realização de uma abordagem à relação de Património, Turismo Cultural e Turismo Literário (em Espaço Rural), identificando-se também alguns casos de percursos turísticos baseados na literatura.

Num segundo capítulo, pretende-se fazer uma apresentação sumária da vida e obra do escritor, bem como estabelecer a ligação entre Eça de Queiroz e os concelhos em que o escritor, nas suas obras, faz alusões ao Douro e/ou a lugares e paisagens durienses em áreas essencialmente rurais.

Por último, o terceiro capítulo resulta do cruzamento de informação, entre elementos identificados nas obras de Eça sobre o Douro e o trabalho de campo, ou seja, ir aos lugares, vê-los, fotografá-los, comparar e traçar percursos.

Pretendendo com este capítulo ir mais além do que a simples definição de pontos visitáveis, procurando-se perceber que logística existe em redor de tais lugares e o que ver para lá do que os olhos ficcionados de Eça oferecem, oferecendo múltiplas hipóteses para os turistas poderem vivenciar o genuíno e para futuros estudiosos desta matéria poderem alavancar os seus trabalhos.

Capítulo 1 – Turismo, Cultura, Literatura e Património Rural

O turismo cultural, mais especificamente o turismo literário, associado ao património rural, funcionará como elemento suscetível de alavancar o desenvolvimento local e de reverter o continuado abandono populacional das áreas rurais? Ou seja, será capaz fortalecer a atratividade de determinadas regiões, possibilitando a chegada de visitantes, de forma a realizarem compras/despesas nessas regiões, potenciando dessa forma o desenvolvimento local?

O *site* da Organização Mundial de Turismo (OMT)⁸, considera que o turismo está relacionado com a deslocação/circulação de pessoas para fora do seu local de residência, independentemente dos motivos (sejam eles de cariz pessoal ou profissionais/negócios) e é um fenómeno cultural, económico e social. A essas pessoas chama visitantes, independentemente de serem turistas ou excursionistas, tendo o turismo a ver com as suas atividades, das quais algumas envolvem despesas (turísticas).

Genericamente, sabe-se que a essência cultural patente em muitas das viagens é bastante antiga. Na Idade Média, viajantes como Marco Pólo mudaram a visão do mundo, pelo percurso que desenhou, pelos conhecimentos que trouxe, embora o lazer não lhe estivesse, propriamente associado.

Mais recentemente, nos séculos XVIII e XIX, numa outra realidade, em que o tempo de lazer ocupa um espaço consciente de conhecimento e de prazer, o “Grande Tour”, expressão genericamente conhecida, pressupõe uma viagem de formação (iniciação) praticada entre os nobres e os burgueses e que tinha como objetivo contactar com outras culturas e povos, servindo essas viagens essencialmente, segundo o estudo *Turismo Cultural. Uma visão antropológica* (Pereiro, 2009), para potenciar, nessas classes mais abastadas, um capital cultural capaz de facilitar a aceitação política e social no seu próprio país, possibilitando uma maior apetência para as tarefas de liderança e governança.

No entanto a palavra turista apenas surgiu e ganhou expressão, de acordo com o *Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas* (Figueiredo & Ruschmann,

⁸ Disponível em: <http://media.unwto.org/es/content/entender-el-turismo-glosario-basico>, última consulta em 19 de agosto de 2017.

2004), quando o escritor Stendhal (1783-1842, Henri-Marie Beyle) publicou, em 1838, um relato de viagem intitulado *Mémoires d'un touriste*, após viajar pela Europa, anotando diversas situações. Provavelmente, nunca imaginou que a palavra que empregava (touriste) adquiriria a importância que adquiriu em todo o mundo.

Na atualidade, a democratização social (e económica) das viagens possibilita que as visitas de cariz cultural não fiquem confinadas apenas a determinada classe. Basta existir interesse em conhecer e, quase todos, podem partir à descoberta (para lugares mais próximo, ou mais longínquos. Com efeito, diversos estudos, alguns já com algumas décadas, de onde se podem inferir a importância da interligação turismo e cultura.

Greg Richards em *Cultural Tourism in Europe* (Richards, 1996) afirma que o turismo e a cultura são inseparáveis, apesar de algumas reservas sobre os potenciais impactos negativos do turismo na cultura, plasmando ainda nesse artigo que a cultura é um importante recurso turístico na Europa.

Conhece-se que, atenta a este fenómeno e à relação de Turismo e Cultura, a União Europeia, no Conselho da Europa de 1987, lançou o conceito de “Rotas culturais europeias”, ou seja, rotas que ajudam os turistas a descobrir como os europeus viveram desde tempos antigos, potenciando assim o Turismo Cultural e dando a conhecer o património arquitetónico, museus, teatros, sítios arqueológicos, cidades históricas, zonas industriais, bem como música e gastronomia. É verdade que esta política europeia decorre da vontade em encontrar pontos de encontro comuns numa Europa com as suas idiossincrasias, na construção de uma identidade Europeia.

Desde essa data que foram sendo criadas algumas rotas de Turismo cultural/patrimonial, com apoio financeiro da União Europeia, de que a “Rota do Românico” é um exemplo que aqui se salienta, pois, desta Rota, germinada em 1998⁹, fazem atualmente parte os 16 Municípios da NUT III – Tâmega e Sousa, unindo, num projeto supramunicipal, um legado histórico e cultural e patrimonial comum, fundeado num conjunto de 58 monumentos de excepcional valor e particularidades. Note-se, ainda, que dos 16 municípios, três, nomeadamente Baião, Cinfães e Resende, fazem parte do

⁹ Disponível em:

<http://www.rotadoromanico.com/vPT/QuemSomos/ARotadoRomanico/Paginas/ARotadoRomanico.aspx>, última consulta em 31 de agosto de 2017.

caso de estudo deste trabalho.

A esta perspetiva de Turismo Cultural se poderá agregar a literatura, pois muita dela bebeu, de forma mais real ou fantasiada a própria envolvente, suscitando a revisitação, especulativa ou real, de paisagens, lugares, usos, costumes, tradições e mesmo os hábitos alimentares (consumo e paladar) dos diversos povos, em diferentes épocas. O que implica que a associação de palavras, “Turismo Cultural” e “Turismo Literário”, tendo sempre em consideração o diferente tipo de “Património (material ou imaterial) fazem todo o sentido e podem ser a chave para, como defendemos, o desenvolvimento rural, na medida em que a divulgação e valorização do seu património, material e imaterial, possibilita a incrementação do desenvolvimento local, porque associado à apropriação e identidade de um território, acrescenta valor.

Em *Tempos de Mudança nos Territórios de Baixa Densidade. As dinâmicas em trás-os-montes e alto douro* (Azevedo, 2010), elabora-se uma fascinante e complexa abordagem dos territórios rurais, os quais, quer pela sua diversidade quer pela sua riqueza, são de difícil sintetização. O autor, seguindo uma perspetiva construtivista, resultante da realização de uma investigação empírica, aponta para a existência de uma recomposição territorial e uma reestruturação socioeconómica dos territórios rurais de baixa densidade populacional. Das conclusões desse estudo podem também inferir-se terem sido significativas, igualmente, as transformações no território europeu, quer as provocadas por processos gerados no interior desses territórios, quer, particularmente, aquelas que advêm do exterior, sejam de cariz económico, social, cultural, ambiental e/ou demográfica, provocando crescentes reestruturações e diferenciações territoriais.

Nestes processos, o turismo tem certamente um papel significativo. Desta forma e segundo o mesmo autor, é dando valor à urbanização e aos diversos produtos que decorrerá o desenvolvimento das infraestruturas de transporte e comunicação (e vice-versa). Tem-se assim que o turismo pode ser considerado como um catalisador para a potencialização da reestruturação socioeconómica de um dado território, em particular o de baixa densidade populacional.

Esta breve introdução a este capítulo pretende sublinhar o que significam Turismo Cultural, Turismo Literário e Património, nomeadamente Património Rural, os laços que

os interligam, potenciando o aumento da qualidade de vida das populações, tópicos que se desenvolverão nas próximas páginas.

1.1. Turismo Cultural

Segundo a Organização Mundial de Turismo (OMT, 2004) em “Tendências do Mercado de Turismo” pode entender-se por “Turismo Cultural” as movimentações que as pessoas realizam tendo como base motivações essencialmente culturais, como por exemplo excursões/visitas de estudo e/ou culturais, viagens a festivais ou outros eventos culturais, viagens para estudo da natureza, o folclore, a arte e peregrinações e visitas a localidades e movimentos.

Esta definição lata tem sido aprofundada ou debatida por outros estudos. Por exemplo, de acordo com Barreto (2007) o turista cultural preferencialmente organiza a sua própria viagem, desloca-se para a lugares pouco visitados, vivencia e interage com a população local, e, de preferência, evita os outros turistas ou, pelo menos, diferencia-se concetualmente deles, o que aponta para um turista de perfil exigente, porque prepara, muito provavelmente, as suas visitas, à procura de algo que o surpreenda ou confirme o que já leu ou pesquisou em vários suportes informativos.

De acordo com Marujo (2015), são múltiplas as facetas do Turismo Cultural, variando em função dos lugares, dos territórios. Afirma também que, ao turista cultural, hoje em dia, não basta apenas visitar, mas também conhecer e compreender os lugares que visita, em particular o património (material ou imaterial) de determinado território, interagindo, por vezes, com a população residente. Sustenta que o desenvolvimento que o Turismo Cultural tem sofrido motivou e atraiu vários investigadores para o seu estudo, em particular Sociólogos, Antropólogos, Geógrafos e da área do Turismo, que o procuram analisar, quer na vertente da oferta quer da procura.

Esta motivação para a investigação tem originado intenso debate académico sobre o que é realmente o Turismo Cultural e quem serão de facto os Turistas Culturais, pois é diversa a cultura que os turistas consomem, que dependerá da sua própria bagagem e interesses culturais (ou outros), o que implica uma maior complexidade na definição de Turismo Cultural. Assim, para complementar e compreender melhor o que é o Turismo

Cultural, a autora concebeu uma tabela com diferentes definições, elaboradas por diversos investigadores, ao longo do tempo, que nos dão uma perspetiva síntese.

Tabela 1 - Definições de Turismo Cultural

Autores	Definição/Descrição
Wood (1984)	“Os exemplos de situações onde o papel da cultura é contextual, onde a sua função é formar o turista numa situação geral e sem uma perspectiva particular de uma identidade cultural específica”.
Smith (1992)	“Abarca o pitoresco ou a cor, os vestígios de uma vida em processo de extinção que permanece na memória humana com as suas casas antiquadas, os seus telhados artesanais, os seus carros...o seu artesanato e trabalhos manuais alheios a todas as técnicas industriais”.
Silberberg (1995)	“Aquelas deslocações realizadas fora do lugar habitual de residência cuja motivação principal ou parcial é o interesse nos aspectos históricos, científicos ou de estilos de vida oferecidos por uma comunidade, região, grupo ou instituição”.
Richards (1996)	“O modo como os turistas – aquelas pessoas que viajam fora dos seus locais de residência – consomem a cultura”.
McIntosh e Goeldner (1999)	“Todos os aspectos do turismo através dos quais os viajantes aprendem sobre a história e o património de outros ou sobre os seus actuais estilos de vida e formas de pensar”.
Prentice (2001)	“Turismo construído, oferecido e consumido explícito ou implicitamente como uma apreciação cultural, quer como experiência quer como um ganho de conhecimento”.
Beni (2003)	“A afluência de turistas a núcleos receptores que oferecem como produto essencial o legado histórico do homem em distintas épocas, representando a partir do património e do acervo cultural, encontrado nas ruínas, nos monumentos, nos museus e nas obras de arte”.
McKercher e Cros (2002)	“O turismo cultural é definido como uma forma de turismo que se baseia nos bens culturais de um destino e os transforma em produtos que podem ser consumidos por turistas”.
Smith (2003)	“O turismo cultural é o envolvimento passivo, activo e interactivo com as culturas e comunidades, através do qual o visitante ganha novas experiências de carácter educativo, criativo e divertido”.
Craik (2003)	“Excursões frequentes a outras culturas e lugares para aprender acerca dos seus povos, estilos de vida, património e artes, representantes genuínos dessas culturas e dos seus contextos históricos”.
Petroman et al (2013)	“Refere-se às formas de arte (cultura) na área urbana e rural de uma região ou país, e define-se como um movimento de pessoas para as atrações culturais longe do seu local de residência habitual com o objetivo de assimilar informações e experiências culturais”.
Marujo et al (2013)	“O turismo cultural caracteriza-se pela motivação do turista em conhecer e vivenciar lugares onde o seu alicerce está baseado na história de uma determinada sociedade”.

Fonte: Marujo (2015)

Outros investigadores, não contemplados pela autora, merecem ser indicados, dada a relevância dos seus trabalhos na área do turismo e da antropologia. Por exemplo, Greg

Richards, aduz que o património cultural da Europa é um dos indutores mais antigos e importantes de turismo, continuando a manter um papel central na Indústria Europeia de Turismo (Richards, 1996). Estatisticamente, Pereiro (2009) considera que destinaram-se a fins culturais cerca de 28% das viagens de férias realizadas na Europa no ano de 1997. No entanto, estes dados tendem a perder a sua legitimidade, porque em 2014, de acordo com os dados disponibilizados pela União Europeia¹⁰, o Turismo Cultural correspondeu a 40% do turismo europeu total, ou seja, cerca de 4 em cada 10 turistas escolhem o seu destino com base na oferta cultural europeia.

Daqui se pode concluir que a importância do Turismo cultural é crescente e representa uma grande parte das viagens de turismo na atualidade. No limite, se considerarmos alguns pressupostos como, por exemplo, o de Richards (2009), poderemos até considerar todo o tipo de turismo como Turismo Cultural, pois todas as atividades de turismo envolvem algum elemento de cultura, independentemente de ser uma visita a uma localidade ou evento cultural, ou simplesmente o desfrutar de um ambiente, de uma paisagem, de um destino, de um qualquer local.

Não radicalizando a perspetiva anterior, Pereiro (2009) apesar da natureza cultural do turismo ser antiga, considera que a interligação entre turismo e cultura é relativamente recente, sendo ainda mais recente o conceito de “turismo cultural”.

A união do turismo e da cultura é explicada por essa necessidade de complementar e diferenciar o modo como se pratica o turismo: Face ao turismo convencional e de massas, o turismo cultural apresenta-se como alternativa ao turismo de sol e praia, mas, num sentido genérico, o turismo pode ser entendido como um ato e uma prática cultural (Pereiro, 2009, p.108).

Depreende-se assim ser grande e continuamente crescente a importância que o Turismo Cultural vai adquirindo na economia europeia e que de acordo com Richards (1996) é um agente importante na economia, em parte responsável pela mudança social e empresarial que a Europa tem vindo a viver. Aliás, para o mesmo autor (Richards, 2011), o Turismo Cultural provavelmente deixará de ser um “nicho” no mercado turístico, para ser uma forma generalizada de consumo nesse mesmo mercado. Estando as experiências

¹⁰ Disponível em: https://ec.europa.eu/growth/sectors/tourism/offer/cultural_pt, última consulta em 27 de agosto de 2017.

de turismo cultural numa fase ascendente, sendo, em larga escala, auto-organizadas e integradas em sistemas sociais, económicos e culturais locais, elas resultam num desafio para o mercado de destino, que necessitará de responder através de infraestruturas, bem como de encontrar maneiras criativas de sensibilizar as pessoas para as atrações culturais das suas localidades.

1.2. Turismo Literário

O livro é uma forma, por excelência, da ideia de cultura, isto parece ser uma evidência inquestionável. Ler proporciona viajar por diversos sítios (reais ou imaginários) que só a literatura é capaz de oferecer e sem grande dispêndio económico, tudo apenas pelo custo de um livro... No entanto, para muitos, entre os quais nos incluímos, só isso não basta, a leitura só fica completa, ou pelo menos mais completa, vivenciando-se as leituras, fazendo parte delas...

Neste âmbito o Turismo Literário, ou seja, a movimentação de turistas tendo em conta obras literárias, contribui dando a conhecer as realidades descritas nas obras, que fazem parte do imaginário de cada um (futuro turista) e será tanto maior quanto maior for o interesse que as obras despertem junto dos leitores, podendo levar a cultura local ao conhecimento global.

Deste modo, literatura e cultura são indissociáveis. E através da literatura a cultura de um determinado povo ou região pode ser expandida e até universalizada, entre o passado e o presente, numa valorização turístico-literária que contribui para o reforço da identidade.

Simões (2008), em *Da Literatura ao Turismo – considerações no âmbito da América Latina*, afirma que a cultura é considerada como local, quando compartilhada de forma subjetiva por uma dada comunidade, e é considerada global por estar diretamente relacionada com o processo económico, com as mudanças tecnológicas e com a universalização da informação. Logo no que concerne à literatura, é a dimensão da sua receção que vai quantificar as suas dimensões culturais em relação à globalização. Segundo esta investigadora, será o processo de tradução, edição, divulgação e distribuição da obra que proporcionará a mundialização do texto literário, o seu transporte do

imaginário local para o universo global. Mais ainda, considera que para potenciar e operacionalizar o turismo através da literatura é fundamental compreender o mercado cultural no contexto global, valorizando o discurso literário, promovendo o bem simbólico local, que habita o imaginário ficcional. Sendo esse bem simbólico presente na literatura, consubstancializa-se para o turista através do património cultural, arquitetónico (material), o imaterial (crenças, mitos, lendas, folclore, danças, cantos, música, culinária e hábitos de um povo), bem como o património natural. Aponta, assim, para a sobreposição da cultura ao mercado, pois é ela quem demarcará o local do global, afirmando a cultura e potenciando o turismo.

A literatura pode dar-nos uma perspetiva diferente da realidade e ajudar-nos a vê-la com outro olhar, como conclui um estudo sobre o Turismo Literário em Olhão, que, “(...) através do estímulo de dinâmicas culturais e/ou da delimitação de itinerários associados a determinado(s) escritor(es) possa estabelecer-se uma (re)interpretação da cidade pelo olhar de dado escritor.” (Henriques & Quintero, 2011).

Extrapolando isto para o espaço rural, também nos parece possível que se possa estabelecer essa “(re)interpretação” dos territórios rurais, mantendo a sua própria identidade. Com efeito, de acordo com as conclusões de Carvalho (2009), os produtos que o Turismo Literário disponibiliza não têm hipótese de serem reeditados por outros destinos, porque carregados de diferenciação, para além de apresentarem considerável potencial económico e turístico, isto, segundo as melhores práticas compiladas.

Esta demonstração de crescente interesse que o Turismo Literário representa para as regiões rurais é também fundamentado pelo estudo de Añel & Vila (2016), onde é perspetivado, em modo de conclusão, estar a província de Ourense e a maioria das suas comarcas a perderem população nas últimas décadas, como tem sido demonstrado nos diversos estudos, propondo as iniciativas ligadas ao turismo literário, interessantes e desejadas, pois podem impulsionar o emprego e o desenvolvimento económico e social.

Contudo, o Turismo Literário vai sendo implementado, de forma crescente, um pouco por todo o mundo, se bem que, dificilmente se encontrem valores quantitativos da sua expressão, enquanto acréscimo para a economia das diversas regiões. Num artigo publicado em 2010, (Jornal Público, 2010), “*Quando a literatura é turismo*” Mário

Matos, diretor do Departamento de Estudos Germanístico e Eslavos da Universidade do Minho, afirma a sua convicção de que a literatura em geral, mas particularmente a de viagens, está intimamente interligada ao turismo. Afirma ainda ser “(...) inquestionável que o caminho da literatura de viagens, através dos tempos, é co-determinado, senão mesmo indelevelmente cunhado, pela crescente mobilidade e, conseqüentemente, pelo desenvolvimento do turismo”¹¹.

Afirma ainda, que o turismo literário surge devido à procura deliberada, praticada pelo turista, à procura das imagens interculturais veiculadas pela literatura. E termina, complementando que muitas localidades, espalhadas pelo mundo, apresentam o seu nome definitivamente associado a determinado escritor e/ou determinada obra, transformando-se assim, certos locais e percursos, em símbolos literários e turísticos.

Apesar de não fazer parte do objetivo desta dissertação a realização de um levantamento dos diferentes percursos de turismo literário, não podemos, no entanto, deixar de apresentar alguns desses itinerários, pela sua pertinente relevância, e até, proximidade. Servem-nos como prova da viabilidade de iniciativas e percursos já definidos.

Tabela 2 - Alguns Itinerários de Turismo Literário na Europa

ESPANHA	
Percurso Turístico	Camino de El Cid
Promotor	O Consórcio Camino del Cid é uma entidade de natureza pública integrada pelas Assembleias Provinciais de Burgos, Soria, Guadalajara, Zaragoza, Teruel, Castellón, Valencia e Alicante.
Ideia base	Uma viagem pela idade média
Escritor ou Autor	Estes poemas foram compilados em diversos romanceiros, dos quais se destaca por se focar apenas no nosso herói, romanceiro e história de el Cid, compilados por Juan de Escobar
Obra	Trata-se da primeira obra poética extensa da literatura espanhola e o único cantar épico da mesma conservado quase completo.
Breve descrição	O Camino del Cid é uma rota de turismo cultural, atravessa Espanha de noroeste para sudeste e segue os traços históricos e literários de Rodrigo Díaz de Vivar, el cid, o famoso cavaleiro medieval do século XI, cuja vida inspirou o poema épico mais importante da literatura espanhola, o Cantar de mio Cid.
Fonte	http://www.caminodelcid.org/

¹¹ Disponível em: <https://www.publico.pt/viagens/jornal/quando-a-literatura-e-turismo-19243805>, última consulta em 10 de setembro de 2017.

ESPANHA	
Percurso Turístico	Ruta de Don Quijote
Promotor	148 municípios espanhóis pertencentes à região de Castilla-La Mancha
Ideia base	Refazer o percurso realizado por Don Quijote na obra de Cervantes.
Escritor ou Autor	Miguel de Cervantes
Obra	El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha
Breve descrição	A Ruta de Don Quijote é uma rota de turismo literário que atravessa diversos municípios localizados na região de Castilla-La Mancha, procurando descrever de uma forma fiel o percurso realizado pelo herói Don Quijote nas suas três viagens.
Fonte	http://www.turismocastillalamancha.es/folletos-digitales/ruta-don-quiote/

ALEMANHA	
Percurso Turístico	German Fairy-tale Route
Promotor	Diversos municípios alemães localizados numa rota com início em Hanau e término em Bremen.
Ideia base	Conhecer a “Alemanha” dos irmãos Grimm, bem como diversas atrações, edifícios e paisagens relacionadas com os contos compilados pelos autores.
Escritor ou Autor	Irmãos Grimm
Obra	Diversos contos compilados pelos autores.
Breve descrição	Percurso baseado nos locais em que os irmãos Grimm viveram e nos quais se basearam na descrição de locais presentes em múltiplos contos de fadas, por si compilados.
Fonte	http://www.deutsche-maerchenstrasse.com/assets/prospekte/imagebrochure_en.pdf

REINO UNIDO	
Percurso Turístico	Bronte Way
Promotor	Vários municípios localizados nas províncias de Lancashire e Yorkshire.
Ideia base	Conhecer os locais de residência das irmãs Bronte e os locais nos quais se basearam para a elaborarem a sua obra.
Escritor ou Autor	Irmãs Bronte
Obra	Vários romances das autoras.
Breve descrição	O Bronte Way é um percurso pedonal de 72Km que se inicia em Oakwell Hall e termina em Gawthorpe Hall, passando por diversos locais referidos nos romances das autoras.
Fonte	http://www.briganenglishwalks.com/bronte-way/walkinfo/

REINO UNIDO	
Percurso Turístico	A Mellstock Poems Walk A Return of the Native Walk A Budmouth Walk A Woodlanders Walk The Trumpet Major & The Melancholy Hussar
Promotor	Várias províncias como Devon, Wiltshire, Berkshire, Somerset, Dorset e Hampshire.
Ideia base	Conhecer locais apresentados nas obras do autor.

Escritor ou Autor	Thomas Hardy
Obra	Vários romances do autor incluindo: Mellstock, The Return of the Native, Thomas Hardy: The Complete Poems, The Woodlanders, The Trumpet Major and The Melancholy Hussar.
Breve descrição	Percursos localizados no “condado de Hardy” ou “Hardy’s Wessex” que incluem locais onde se desenrolam alguns dos eventos descritos nos romances do autor, bem como locais descritos na sua obra.
Fonte	http://www.hardysociety.org/resources/walks

REINO UNIDO	
Percurso Turístico	Harry Potter “Magic” Tours
Promotor	Diversos municípios escoceses.
Ideia base	Conhecer diversos locais que serviram de inspiração para lugares ficcionados na obra.
Escritor ou Autor	J. K. Rowling
Obra	Saga Harry Potter
Breve descrição	Percurso personalizado com início em Edimburgo, passando por alguns lugares emblemáticos da saga como: o castelo de Alnwick (conhecido como Escola de Feitiçaria de Hogwarts), Glencoe (onde se localiza a cabana de Hagrid em “O Prisioneiro de Azkaban”) e Glen Nevis (local onde se situam as cataratas onde ocorre o torneio de quidditch em “O Cálice de Fogo”). O percurso inclui também o viaduto Glenfinnan (o qual foi sobrevoado pelo Ford Anglia de “A Câmara dos Segredos”).
Fonte	http://www.touringscotland.co.uk/themed-tours/harry-potter-tours/

PORTUGAL	
Percurso Turístico	Roteiro Queirosiano
Promotor	Câmara Municipal de Sintra
Ideia base	Conhecer locais apresentados na obra “Os Maias”.
Escritor ou Autor	Eça de Queirós
Obra	Os Maias
Breve descrição	O passeio passa pelo Centro Histórico da Vila de Sintra, tendo como destino final Seteais. O percurso abrange os passeios à Pena, à Fonte dos Amores, à Várzea de Colares, à Estrada de Colares e à Cascata dos Pisões.
Fonte	http://www.cm-sintra.pt/roteiros-culturais

Como também pudemos constatar, na senda de leituras sugestivas sobre esta questão (Carvalho, 2009), existe uma escassez de trabalhos na área do Turismo Literário, especialmente ao nível dos impactos económicos, sendo a maior parte das obras que se encontram no domínio dos itinerários literários, produtos da Literatura e da Cultura e não do Turismo. Não obstante, de acordo com alguns investigadores (Pillet, 2014), a paisagem

literária tem sido objeto de análise, na relação entre turismo cultural e a qualidade territorial, colocando o território no centro do debate, permitindo relê-lo guiados pela literatura. E, acrescentamos nós, se isso por si já é importante, assume até alguma relevância, nas regiões rurais normalmente esquecidas (hoje), num universo de industrialização, dado que a evocação das paisagens de outrora parecem florescer a procura das raízes de cada um, guiados pela imaginação e pela valorização de ambientes considerados, ainda, “naturais”.

1.3. Património Rural

Se, como vimos atrás, o turismo literário é indissociável do cultural, o património será a sua base de sustentação. Pois património será de acordo com Peralta (2000) tudo aquilo que para um determinado coletivo humano, conscientemente, tem valor, numa dada referência histórica e conforme o quadro de referências de então, podendo no entanto variar este conceito em função das pessoas e/ou grupos que atribuem esse valor, sendo permeável às flutuações de moda e aos critérios de gosto, intelectual, cultural e psicológico dominantes à época, sendo pois, consensualmente, hoje, uma construção social ou cultural, porque é uma idealização construtiva.

Uma obra literária que evoca e invoca lugares, se é capaz de cativar os seus leitores, ao ponto de desejarem visitá-lo, para, assim, poderem vivenciar, com todos os sentidos, os diferentes locais mencionados, transforma-se em património para esse grupo, pelo valor que lhe atribuem. Nesta perspetiva, e em nosso entender, está-se perante património cultural, tal como é identificado por Peralta (2000), ou seja, o conjunto de elementos que fundem a identidade de um grupo, capazes de o diferenciar dos demais. A literatura invoca e a viagem materializa, à procura de outros elementos, como âncoras da imaginação – os elementos materiais e imateriais que restaram e que constroem cenários fictícios e reais, em simultâneo.

Considerando também que património cultural imaterial, de acordo com a United

Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO)¹² mudou bastante nas últimas décadas, devido, em parte, aos instrumentos elaborados pela UNESCO, em parte à própria reivindicação das comunidades que tinham como património traços que ultrapassavam o material, a literatura ganhou pergaminhos de credibilidade e valor reconhecidos internacionalmente. Considerando ainda, de acordo com essa organização, que o património cultural, não se limita a monumentos e coleções de objetos, compreende também tradições e/ou expressões vivas herdadas dos nossos antepassados e transmitidas aos nossos descendentes, como tradições orais, artes e espetáculos, usos e costumes sociais, rituais, atos festivos, conhecimentos e práticas relativas à natureza e ao universo, bem como os saberes e o artesanato tradicional, percebe-se o lugar que outras manifestações culturais foram ganhando na panóplia do universo patrimonial e cultural, frente à crescente globalização.

A literatura proporciona essa diversidade cultural, surgindo como recurso patrimonial para muitos (a começar pelas comunidades que os produzem e não nos referimos a uma literatura produzida por uma elite, mas pela oralidade passada a escrita) pois pode ser alvo de interesse para o que a lê, usa, é guiado. Neste contexto, o turista, ao vivenciar os diferentes aspetos civilizacionais, “consumindo” o património material, mas também o imaterial que esta proporciona, participa desse processo de valorização do local.

Assim, o conceito de património literário, que é parte integrante tanto do turismo cultural como do turismo literário corresponde ao conjunto de elementos, materiais e imateriais, relativos à escrita e à literatura, entre os quais encontramos em primeiro lugar o livro, que, em conjunto com os escritores e as instituições relacionadas com a literatura (manuscritos, bibliotecas, arquivos, centros de interpretação, casas-museu, obras literárias, objetos pertencentes à vida de todos os autores), são considerados como representativos de uma determinada coletividade (Uccella, 2013).

Sublinhem-se as conclusões de Fernando Condesso:

Há um interesse crescente pelos problemas culturais em geral e pela defesa do património cultural em especial, com os espaços em integração regional económico-política e as

¹² Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/ich/es/que-es-el-patrimonio-inmaterial-00003>, última consulta em 11 de setembro de 2017.

administrações intra-estaduais a criarem políticas culturais e de desenvolvimento económico local, promovendo o direito de defesa do património cultural construído e natural e a recuperação da paisagem e do mundo rural em geral [...]. o conceito de cultura engloba artes, letras, modos de vida, valores fundamentais do ser humano, sistemas de valores, tradições e mesmo crenças. (Condesso, 2011, pp. 218-219).

Esta legitimação bibliográfica, que aqui esboçámos, pareceu-nos fundamental, para alicerçar o que, doravante, iremos gizar e que orientará este trabalho, o de seguir as obras de Eça de Queiroz, como guião incontornável do património rural (material e imaterial), que só através da leitura das suas obras o turista poderá conhecer e procurar, na atualidade.

Capítulo 2 – Reler Eça de Queiroz e conhecer o Douro

O objetivo deste capítulo é o de estabelecer a ligação entre Eça de Queiroz e os concelhos em que Eça de Queiroz, nas suas obras, faz alusões ao Douro e/ou a lugares e paisagens durienses em áreas essencialmente rurais (como tal excluímos o Grande Porto).

Num primeiro momento enquadra-se, brevemente, o autor, sobejamente conhecido, mas selecionando, neste trabalho, algumas etapas da sua vida que ajudam aperceber o percurso por estas terras.

De seguida, tendo em consideração a área e as obras selecionadas, procura-se perceber as características deste espaço, a população, as potencialidades e as suas dificuldades, de modo a apontar no sentido de o turismo literário poder vir a potenciar a permanência de turistas que já ouviram algo sobre um Douro do vinho, sem perceberem a dimensão multifacetada das suas paisagens, lidas por Eça e relidas por nós, hoje.

2.1. Eça e o Douro

O mais relevante desta breve caracterização é o de perceber, sumariamente, por que lugares passou, na hipótese de tais experiências e contactos (além da sua formação, vida política e cultural) lhe terem dado temas que enriqueceram os seus textos.

José Maria Eça de Queiroz (Póvoa de Varzim, 25 de novembro de 1845/ Paris, 16 de agosto de 1900) teve uma vida relativamente curta, mas intensa. Filho natural do juiz José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz, à época delegado do procurador régio em Ponte de Lima, e de D. Carolina Augusta Pereira de Eça, residente em Viana do Castelo, terá saído de Vila do Conde, onde viveu até 1855, para Verdemilho, próximo de Aveiro, na casa dos avós paternos de seus pais¹³.

As suas obras, quase meia centena de obras de Eça de Queiroz publicadas, umas em vida e outras postumamente, muitas destas últimas foram resultado dos muitos artigos

¹³ Consultou-se o site da Fundação Eça de Queiroz, disponível em: <https://feq.pt/o-escriptor/>, última consulta em 15 de agosto de 2017.

Também se consultou Matos (2015).

E ainda se recorreu ao site da Biblioteca Nacional, disponível em: <http://purl.pt/93/1/biobibliografia/index.html>, última consulta em 15 de agosto de 2017.

que foi escrevendo ao longo da sua vida para jornais e revistas, bem como dos muitos manuscritos, que, à hora da sua morte, se encontravam por publicar.

Eça de Queiroz, como se pode verificar em qualquer uma das fontes que nos baseamos, no site da Fundação Eça de Queiroz, no site da Biblioteca Nacional, ou no Dicionário de Eça de Queiroz de Matos, (2015), foi um proeminente escritor, socialmente empenhado e ativo tendo, inclusivamente, ocupado alguns cargos políticos, destacando-se como Cônsul, primeiro em Havana, depois em Newcastle e em Bristol e, por último, em Paris. Notabilizou-se pela originalidade e riqueza do seu estilo e linguagem, nomeadamente pelo realismo descritivo e pela crítica social constantes nos seus romances.

Provavelmente a primeira aproximação de Eça a esta região do Douro (Baião, Cinfães, Lamego e Resende), aconteceu aquando da sua passagem pelo colégio da Lapa, no Porto, pois “(...) frequentou este colégio em regime de internato (1856 e 1861) (...)” (Matos, 2015, p317). Onde foi colega e fez amizade com os filhos do 4º conde de Resende (D. Luis e D. Manuel), “ (...) amigos do escritor desde a juventude (...) ” (Matos, 2015, p.1230). “ (...) Encontrar-se-iam também frequentemente nas férias escolares de verão em casa dos condes de covo, tios dos Resende, em Oliveira de Azeméis. A partir daí, as relações de Eça com esta família foram sempre cordiais, intensificando-se com o passar doas anos.” (Matos, 2015, p.1230), e teriam o seu apogeu no casamento de Eça com a irmã de D. Luís e D. Manuel; D. Emília de Castro em 1886.

Após a morte da 4ª condessa de Resende, mãe de D. Emília, sogra de Eça, em 1890, o casal recebeu em herança, em 1892, a Quinta de Vila Nova, em Santa Cruz do Douro, concelho de Baião. Seria a Tormes em *A Cidade e as Serras*, entre outras propriedades.

«Eça visitou-a pela 1ª vez nesse ano, descrevendo-a em carta para D. Emília de 28 de maio: « [Santa Cruz] É extremamente belo. O caminho ingreme e alpestre da estação até à quinta é simplesmente maravilhoso. Vales lindíssimos, carvalheiras e soutos de castanheiros seculares, quedas de água, pomares, flores, tudo há naquele bendito monte. A quinta está situada num alto, num sítio soberbo, - que abrange léguas de horizonte, e sempre interessante. Como terra creio que é excelente (os próprios caseiros o confessaram) e tão fértil que nem quase necessita adubos. Como quinta não é quase habitável – a não ser para quem tenha a agilidade, a constância e a experiência das cabras. É toda em socacos. Logo adiante da casa o monte desce até ao Douro; logo por trás da casa o monte sobe até aos cimos onde há uma ermida. O que sobe e o que desce é tudo admirável de vegetação, de verdura, de águas, de sombras, de belas vistas – mas para passear por lá é quase necessário andar de gatas.» (Matos, 2015, p.1360)

Eça, na obra *A Cidade e as Serras*, recriou esta quinta, a que chamou de Tormes, com algumas passagens muito parecidas com a carta que escreveu à sua esposa, como se pode conferir em algumas passagens transcritas do livro:

“ (...) parámos num souto de carvalheiras, onde esperava a velhíssima égua do abade (...)” (Queiroz, 1950, p. 206, 1ª edição de 1901.)

“ (...) por cabeços e barrancos, largou a percorrer a quinta toda (...)” (Queiroz, 1950, p. 212, 1ª edição de 1901.)

“ (...) Descíamos nesse momento, com os cavalos à rédea, por um córrego precipitado e escabroso; um vento leve ramalhava nas árvores, um regato saltava ruidosamente entre as pedras. (...)” (Queiroz, 1950, p. 245, 1ª edição de 1901.)

“(...) Em fila começámos a subir para a serra. A tarde adoçava o seu esplendor de Estio. Uma aragem trazia, como ofertados, perfumes de flores silvestres. As ramagens moviam, com um aceno de doce acolhimento, as suas folhas vivas e reluzentes. Toda a passarinhada cantava, num alvoroço de alegria e de louvor. As águas correntes, saltantes, luzidias, despediam um brilho mais vivo, numa pressa mais animada. Vidraças distantes de casas amáveis flamejavam com um fulgor de ouro. A Serra toda se ofertava, na sua beleza eterna e verdadeira. (...)” (Queiroz, 1950, p. 305, 1ª edição de 1901.)

Estas são apenas algumas das muitas frases que demonstram que a quinta de Tormes (Quinta de Vila Nova), encantou Eça de Queiroz.

Eça terá voltado mais duas vezes à Quinta de Vila Nova, de onde visualizava toda a outra margem, os territórios de Cinfães e Resende (Matos, 2015). Daí ter escrito nos *Maias* todo um enredo descrevendo uma quinta no Douro, a Quinta de Santa Olávia em Resende. Provavelmente inspirado pela paisagem duriense, à mistura com a quinta de Santo Ovídio (no Porto), que também pertencia à família. Feirão, e a serra árida e pobre, baseia-me nessa aldeia situada no concelho de Resende e plantada na Serra de Montemuro.

Por último, *A Ilustre Casa de Ramires* desenvolve um enredo e descrição que se basearam nos territórios São Cipriano (Santa Irineia), de Resende (Vila Clara) e de Lamego (Oliveira). *A Ilustre Casa de Ramires*, que é a Casa da Torre da Lagariça, na Freguesia de S. Cipriano, localiza-se em frente de uma aldeia isolada, pertencente a Cinfães e que se localiza num cabeço: a aldeia de Ramires.

Desta forma a geografia destas obras situa-se nesta área do Douro e os traços retratados nas obras encontram-se e podem ver-se e vivenciar-se na atual realidade.

Por último, acrescentamos a linha do Douro, de que Eça se serviu para aceder a Tormes, vindo de Paris, por Salamanca, (segundo a descrição que faz na sua obra *A Cidade e as Serras*) e que na atualidade ainda podemos vivenciar e sentir, em parte, tal

como ele também sentiu, pois a “Linha do Douro”, ainda se encontra ativa entre as estações de Ermesinde e do Pocinho (está desativado o trecho final entre as estações do Pocinho e Barca D’Alva).

Esta será a chave deste trabalho, provar que o Douro de Eça e o atual, apesar da evolução e intervenção humana, possuem muitos traços comuns. São esses traços que poderão servir e ser bebidos por todos os amantes das obras deste grande escritor.

2.2. O Douro: Baião, Cinfães, Resende e Lamego – o quadro demográfico e o potencial turístico

Neste capítulo identifica-se os concelhos em que Eça de Queiroz nas suas obras faz alusões ao Douro e/ou a lugares e paisagens durienses em áreas essencialmente rurais (como tal excluimos o Grande Porto).

Essas menções encontram-se em 5 das suas obras: “O Crime do Padre Amaro”, “Os Maias”, “Civilização”, “A Cidade e as Serras” e “A Ilustre Casa de Ramires”. Para este estudo não se levou em consideração propositadamente o conto “Civilização”, pelo facto de essa obra ter constituído a “génese de *A Cidade e as Serras*” (Matos, 2015: 306). Como tal não se considerou pertinente a referência às paisagens nesta obra uma vez que seria essencialmente uma duplicação das descrições.

Baseados na perceção que estes quatro concelhos são tendencialmente pobres, envelhecidos e despovoados, pretende-se saber até que ponto tem sido acentuada a perda de população, bem como conhecer a capacidade hoteleira vigente e a evolução da sua instalação nos últimos anos.

Tenta-se assim perceber se há ou não capacidade de potenciar a receção de turistas, para deste modo ajudar a criar emprego fixando mais população. Com essa finalidade estudou-se:

– A evolução da população residente, baseada em dados do INE, com recurso aos diferentes Censos da população desde 1854 (o primeiro), até à atualidade (o último que data de 2011).

– A evolução da capacidade de alojamento (dos últimos anos), com recurso a dados do Turismo de Portugal, mais especificamente ao Registo Nacional de Empresas de

Turismo (RNET), por ser uma base de dados mais completa e atualizada. Esta base de registo de empresas de turismo existe desde 2010, o que possibilitou a realização do estudo da evolução da instalação da capacidade de alojamento entre 2010 e 2016 (tendo sempre como referência o dia 31 de dezembro).

2.2.1. Evolução da população

Nos concelhos de Baião, Cinfães e Lamego verificou-se um continuado aumento da população residente, entre o registo do primeiro Censos (Recenseamento da População), que decorreu em 1864, e o nono, efetuado em 1950. A partir dessa data registou-se uma acentuada inversão do número de residentes, plasmada no resultado dos Censos que se seguiram até ao último, o décimo quinto, realizado em 2011.

Em Resende também se verificou um aumento populacional continuado desde 1864, mas a inversão do número de residentes verificou-se uma década antes da registada nos outros três concelhos em 1940, como se pode inferir na leitura da tabela 3.

Tabela 3 - Evolução da população total (H-Homens e M-Mulheres), residente entre 1864 e 2011

CENSOS				
	BAIÃO (HM)	CINFÃES (HM)	LAMEGO (HM)	RESENDE (HM)
2011	20522	20427	26691	11364
2001	22355	22424	28081	12370
1991	22456	23489	30164	13675
1981	24438	25619	32833	15356
1970	26210	25644	31984	15966
1960	28864	29767	36320	20226
1950	29866	31984	37154	21851
1940	29201	30573	37061	22820
1930	26886	30080	34730	21894
1920	25224	27646	31358	21193
1911	26103	27297	32430	20324
1900	23139	26631	31835	19334
1890	22755	24203	29736	19228
1878	21667	23343	27081	18642
1864	19376	22945	25091	17799

Fonte: Instituto Nacional de Estatística (INE), 2017

Inferre-se da sua leitura, que, após um continuado aumento da população nos quatro

concelhos analisados que se prolongou até meados do século XX, sucedeu-se um forte e contínuo decréscimo que persistiu até à atualidade, indiciando a existência de muitos problemas críticos. Apesar de não estar no objetivo deste estudo demonstrar as variáveis que potenciaram o êxodo rural nesses quatro territórios, aborda-se, ainda que superficialmente, algumas das causas desse êxodo populacional.

O problema da emigração é visto pelos antropólogos e sociólogos como resposta a se ultrapassarem diversos problemas existentes, especialmente nas zonas rurais, nomeadamente do subemprego e de desemprego, das famílias numerosas, do modelo de distribuição da terra (heranças) da densidade populacional, enfim, das péssimas condições de vida (Brettel, 1991).

Tendo em consideração o estudo de Pereira (2014), no final dos anos 50 Portugal era um país arcaico e economicamente atrasado, com cerca de 42% da sua população ativa a trabalhar no setor primário, muito desfasado do modelo industrializado europeu.

Outros estudiosos do tema da emigração em Portugal, nomeadamente sobre a verificada em meados do século XX, apontam também para a predominância do minifúndio (uma fragmentação da propriedade atingindo os limites de sobrevivência), os entraves à modernização da agricultura e o início da guerra colonial, como fatores que empurraram para fora do país os camponeses, cansados de uma vida de miséria e sem perspectivas de futuro. Num estudo de 2010 (Azevedo, 2010), parte-se do princípio de que os baixos rendimentos e altos índices de desemprego, o isolamento e solidão, a carência de equipamentos, associados a uma rede de transportes insuficiente, e o risco de degradação dos valores naturais, nomeadamente pelos incêndios, incentivam ao abandono dos territórios e envelhecimento populacional. No entanto, não obstante ter como pontos de partida os pressupostos de que a sociedade rural apresenta muitas disfunções e contrariedades, as conclusões deste estudo apresenta diversas perspectivas e dinâmicas positivas, das quais salientamos a importância do aproveitamento da diversidade paisagística e agro-cultural, a atratividade das atividades ambientais e a importância da biodiversidade e dos valores naturais, bem como o facto das diferentes situações dos diferentes territórios suscitarem distintas dinâmicas de desenvolvimento e oportunidades.

O gráfico da figura 1 dá a perspetiva diacrónica de enquadramento da evolução da população destes quatro concelhos, que, como se pode verificar, é o de substancial diminuição do nº de residentes, encaixando-se no cenário de despovoamento descrito.

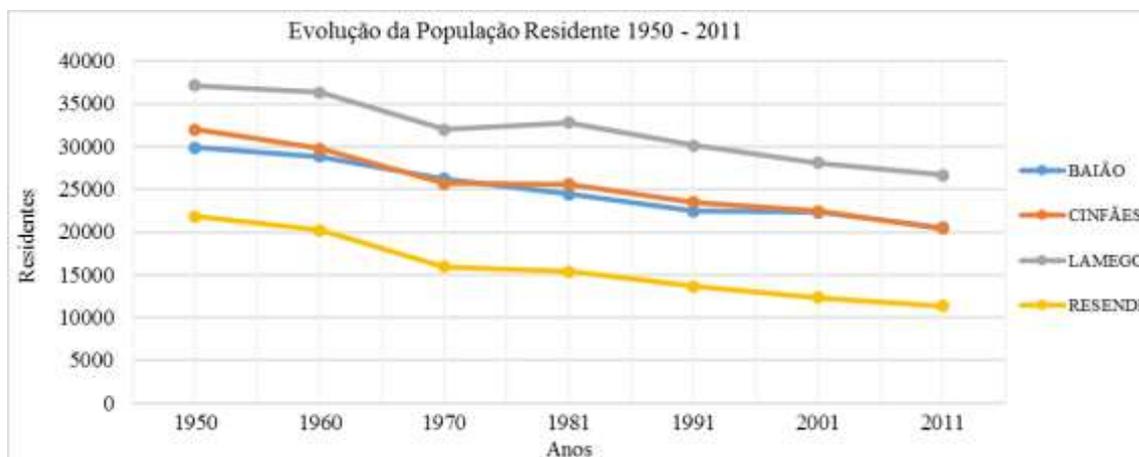


Figura 1 - Evolução do número de habitantes, População Residente (1950-2011)¹⁴

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados retirados do Instituto Nacional de Estatística (INE).

Estes dados traduzem uma perda de efetivos tendencial, com um pequeno abrandamento (embora sempre a descer) nos anos 80, para continuar a perda contínua desde então.

Neste cenário, a procura de alternativas que potenciem a fixação da população torna-se urgente.

2.2.2. Evolução do turismo pelo lado da oferta.

Existirá na área destes concelhos capacidade de alojamento para que se possa potenciar e dinamizar o Turismo? Ou, mais simplesmente, haverá alojamento e que tipo?

Após diversas viagens de automóvel pelo Douro, entre finais de 2015 e meados de 2016, que possibilitou a verificação *in loco* da existência de diversas unidades de alojamento, pretendeu-se recorrendo a dados do INE, saber números por concelho. No entanto, como a informação disponibilizada no site do INE relativamente aos *números de Estabelecimentos hoteleiros por Localização geográfica* (sendo que o acesso aos dados

¹⁴ São somatórios de 10 em 10 anos, referem-se aos Censos de 1950, 1960, 1970, 1981, 1991, 2001 e 2011.

mais recentes tinha como período de referência 2014) parecia bastante discrepante com a realidade, procurou-se no *site* do Turismo de Portugal valores que fossem mais efetivos.

Na exploração desse portal, essa procura direcionou-nos para o Registo Nacional de Empreendimentos Turísticos (RNET), que já apresentava valores mais próximos da realidade observada no terreno, apesar de subsistir a consciência de que não refletia as existências integrais das unidades de alojamento nesses territórios. Aliás, o próprio portal do Turismo de Portugal tem o seguinte esclarecimento: “Dado que o Registo Nacional de Empreendimentos Turísticos teve início em janeiro de 2010 e que cabe às entidades exploradoras a inscrição dos empreendimentos no mesmo, os resultados das pesquisas podem não corresponder à totalidade dos empreendimentos existentes.”¹⁵ Assim, com base nesses dados, elaboraram-se tabelas e gráficos que possibilitaram perceber valores relativos à capacidade de alojamento turístico e à tendência da sua evolução, tanto no que se refere à *Evolução do Número de Unidades de Alojamento*, como em relação à *Evolução do Número de Quartos Disponíveis*, bem como à *Evolução do Número de Camas Disponíveis*.

Considerando-se como “Unidades de Alojamento Turístico” os Empreendimentos Turísticos descritos no *site* do Turismo de Portugal, nomeadamente:

Estabelecimentos hoteleiros (Hotéis, Hotéis-apartamento e Pousadas); Aldeamentos turísticos; Apartamentos turísticos; Conjuntos turísticos; Empreendimentos de turismo de habitação; Empreendimentos de turismo no espaço rural (Casas de campo, Turismo de aldeia, Agro-turismo, Hotéis rurais) e Parques de campismo e caravanismo Privativos)¹⁶

A tabela 4 e o gráfico da figura 2 patenteiam a positiva evolução da capacidade de alojamento turístico (referentes ao período entre 2010 e 2016)¹⁷.

¹⁵ Disponível em: <https://rnt.turismodeportugal.pt/RNT/PerguntasFrequentes.aspx?TemaId=1>, última consulta em 15 de março de 2017.

¹⁶ Disponível em: <https://rnt.turismodeportugal.pt/RNET/Registos.ConsultaRegisto.aspx?Origem=CP&MostraFiltro=True>, última consulta em 23 de setembro de 2017.

¹⁷ Elaborado a partir de dados retirados do *site* do Turismo de Portugal: <https://rnt.turismodeportugal.pt/RNT/ConsultaAoRegisto.aspx>, última consulta em 23 de setembro de 2017.

Tabela 4 - Evolução da Capacidade de Alojamento Turístico (2010-2016)

Evolução do Número de Unidades de Alojamento (2010-2016)							
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
BAIÃO	6	6	7	10	11	11	14
CINFÃES	5	6	6	7	9	10	11
LAMEGO	14	20	20	23	25	27	29
RESENDE	1	2	2	2	4	4	5

Fonte: Elaboração própria a partir de dados retirados do *site* do Turismo de Portugal¹⁸

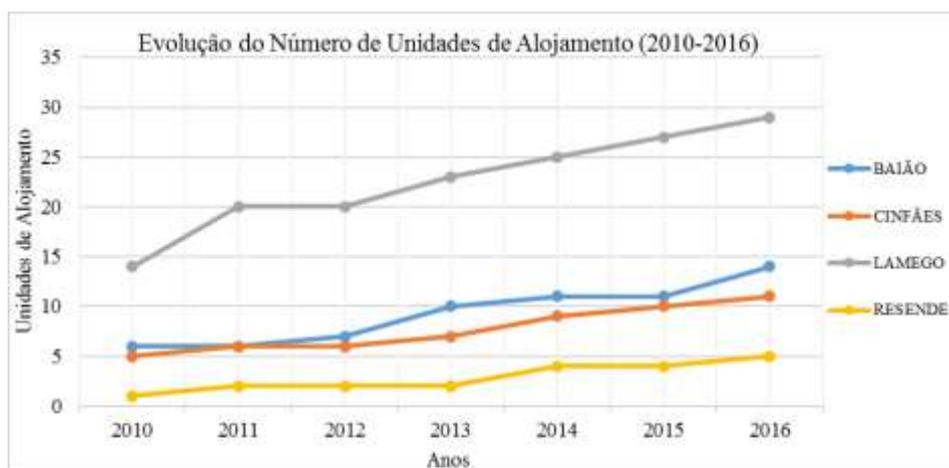


Figura 2 - Evolução no Número de Unidades de Alojamento (2010-2016)

A evolução do número de quartos também é significativamente crescente e pode ser visualizada na tabela 5 e no gráfico da figura 3.

Tabela 5 - Evolução do Número de Quartos (2010-2016)

Evolução do Número de Quartos (2010-2016)							
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
BAIÃO	86	86	96	112	120	120	203
CINFÃES	53	60	60	65	76	80	83
LAMEGO	267	364	364	442	461	507	514
RESENDE	34	39	39	39	49	49	66

Fonte: Elaboração própria a partir de dados retirados do *site* do Turismo de Portugal¹⁹

¹⁸ Disponível em:

<https://rnt.turismodeportugal.pt/RNET/Registos.ConsultaRegisto.aspx?Origem=CP&MostraFiltro=True>, última consulta em 23 de setembro de 2017.

¹⁹ Idem

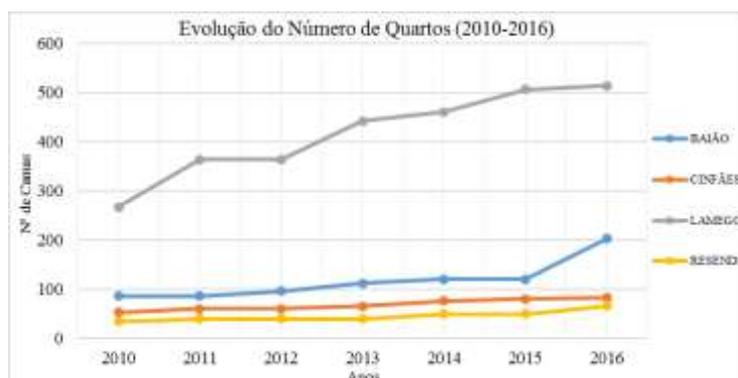


Figura 3 - Evolução do Número de Quartos (2010-2016)

Relativamente ao número de camas disponíveis na área dos quatro concelhos, como seria expectável em função avaliação realizada nos itens anteriores, é também bastante positiva e pode ser visualizada na tabela 6 e no gráfico da figura 4.

Tabela 6 - Evolução do Número de Camas (2010-2016)

Evolução do Número de Camas (2010-2016)							
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
BAIÃO	171	171	181	199	215	215	397
CINFÃES	89	103	103	113	135	143	153
LAMEGO	491	645	645	803	870	961	975
RESENDE	68	80	80	80	100	100	134

Fonte: Elaboração própria a partir de dados retirados do *site* do Turismo de Portugal²⁰

²⁰ Disponível em:

<https://rnt.turismodeportugal.pt/RNET/Registos.ConsultaRegisto.aspx?Origem=CP&MostraFiltro=True>, última consulta em 23 de setembro de 2017.

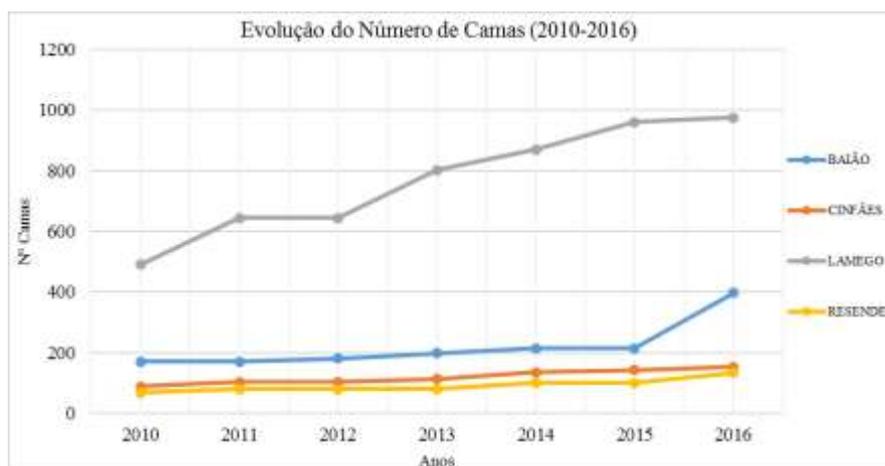


Figura 4 - Evolução do Número de Camas (2010-2016)

Perante os dados observados, podemos concluir da manifesta vontade em registar as diferentes unidades de alojamento do território de Baião, Cinfães, Lamego e Resende no Portal do Turismo de Portugal, possibilitando desta forma que possam ser conhecidas pelos potenciais turistas que visitem este portal. Os dados apontam para um significado maior de Lamego, embora de 2015 para 2016, neste sobe muito menos, enquanto Baião duplica o número de camas. Globalmente, de 2011 em diante, a quantidade de unidades de alojamento registadas e, conseqüentemente, os respetivos números de quartos e camas oficialmente disponíveis tem vindo a crescer consideravelmente

Poder-se-á assim depreender que estão reunidas as condições, quantitativas, embora limitadas e não categorizadas, que possibilitam albergar mais turistas que, eventualmente, percursos culturais (ou outros) possam encaminhar para estes territórios, embora o qualitativo possa apresentar muitas outras nuances, análise que exigiria consultar as mensagens deixadas pelos que se alojam (mais ou menos satisfeitos).

Capítulo 3 – Percursos Turísticos “Passear com Eça de Queiroz pelo Douro”

Este capítulo resulta do cruzamento de informação, entre os elementos que compulsamos nas obras de Eça de Queiroz, atrás apontadas, e o trabalho de campo, ou seja, ir aos lugares, vê-los, fotografá-los, comparar e traçar percursos. Num primeiro momento reflete-se, teoricamente, e brevemente, sobre o sentido do *touring* cultural e paisagístico, apontando o sentido da nossa proposta que vai para lá da simples definição de pontos visitáveis. Houve que perceber que logística existe em redor de tais lugares, o que ver para lá do que os olhos ficcionados de Eça oferecem.

3.1. Touring Cultural e Paisagístico

Segundo o Turismo de Portugal²¹, a motivação principal do setor do *Touring* é descobrir, conhecer e explorar os atrativos de uma região. A forma como é realizada essa atividade é genericamente através de percursos em tours, rotas ou circuitos de diferente duração e extensão, em que as viagens podem ser independentes e/ou organizadas e em que o mercado pode ser genérico (como o que se apresenta neste estudo).

Ainda de acordo com o Turismo de Portugal existem requisitos básicos²² para competir no sector do turismo de *touring*, que consistem na existência de riqueza e variedade de atrativos naturais e culturais. Considera também, que, no sector das viagens de *touring*, é imprescindível a um destino dispor de atracões turísticas (aglomerados populacionais, paisagens, monumentos, gastronomia, etc.) em quantidade e qualidade suficientes.

Assinala ainda a necessidade da existência de uma promoção eficaz, por forma a potenciar esse destino dando-o a conhecer e estimulando o seu interesse, atraindo assim visitantes.

²¹ Disponível em:

<http://www.turismodeportugal.pt/portugu%C3%AAs/areasatividade/desenvolvimentoinovacao1/pages/touringcultural.aspx>, última consulta em 29 de abril de 2017.

²² Disponível em:

[Http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/AreasAtividade/desenvolvimentoinovacao1/Documents/Touring.pdf](http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/AreasAtividade/desenvolvimentoinovacao1/Documents/Touring.pdf), última consulta em 29 de abril de 2017.

O Turismo de Portugal similarmemente indica os requisitos ou fatores “chave de êxito”, que, neste estudo não serão considerados, pois, sendo este um trabalho/estudo embrionário nesta temática, pretende-se apenas apresentar a existência de requisitos básicos e “desbravar caminho” para outros estudos. Os mesmos produtos foram confirmados na versão revista do Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT), para o horizonte temporal 2013-2015, refere-se, expressamente, traduzindo a designação de *touring cultural e paisagístico* para a expressão, mais lata, de *circuitos turísticos* (Turismo de Portugal, 2012, 1 pp. 10-12)

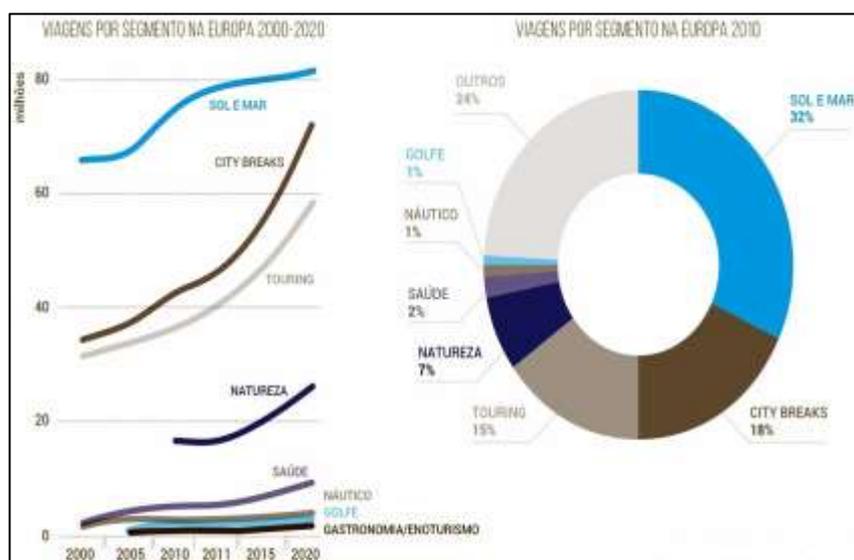


Figura 5 - Evolução e envolvimento dos segmentos turísticos europeus: 2000-2020

Fonte: Turismo de Portugal (2015, p. 104)

Assim, como se verifica na imagem anterior, o Turismo de Portugal aponta no sentido das tendências epopeias sendo que o *touring* assume uma percentagem significativa em 2010 (15%), que chegará a envolver quase 60 milhões nos anos de 2020.

Justifica-se, por isso, o esforço em apresentar um produto que não só envolva a cultura, como a natureza que o Douro proporciona, uma natureza humanizada. Pretende-se neste trabalho estabelecer e dar a conhecer um conjunto de percursos precursores de uma futura Rota Queiroziana no Douro, considerando que, de acordo com Figueira

(2010), uma Rota é um percurso específico constituído por um eixo principal que é o seu tronco e por ramos suplementares. Ainda segundo o mesmo autor, deve ser percorrida num determinado espaço de tempo, tematicamente pode ser autónoma, com uma geografia muito objetiva e desenvolvida numa determinada direção. Deverá ainda ser apresentada, para ser usufruída, em forma de percurso com a temática dominante, agregando vários atrativos e atividades que o possam enriquecer na sua singularidade.

Este estudo pretende orientá-la de forma a contextualizar circuitos locais, que se ligam entre si numa escala local.

Serão explicitamente abertos diferentes ramos suplementares à consideração de cada um, para que deste modo, cada qual possa usufruir de uma vivência própria, particular e genuína.

3.2. Os Percursos

Como referido, não se pretende, deliberadamente, estabelecer percursos estáticos, fixos, deseja-se, antes, dar a conhecer possibilidades para que cada um, turistas ou viajantes, possam seguir caminho próprio, desvendar. Procura-se potenciar a descoberta de forma a possibilitar uma experiência única a cada indivíduo, em função de vontades e sensibilidades díspares.

A finalidade é indicar pontos de partida de percursos, de forma a possibilitar o seu usufruto de forma singular e genuína. Percursos que, embora enquadrados nos lugares e na paisagem que se verificam existir na atualidade, com similaridades aos descritos por Eça de Queiroz nas suas obras, podem ser também uma vivência de emoções em função de diferentes estímulos aos sentidos, possibilitando, desse modo, a descoberta e exploração de caminhos díspares.

3.2.1. Viajar pela Linha do Douro

No livro *A Cidade e as Serras*, Jacinto (personagem principal) e Zé Fernandes (o grande amigo de Jacinto e que é ao mesmo tempo o narrador na obra) vindos de Paris de comboio, após atravessarem França e Espanha até Salamanca, prosseguiram viagem rumando à fronteira com Portugal, entrando através de Barca D' Alva, pela linha do

Douro, até “Tormes” (Aregos). Por isso, esta será uma forma de seguir um percurso – o da linha do Douro.

Atualmente, a Linha do Douro é uma linha de caminho-de-ferro em Portugal, de bitola ibérica, com uma extensão de cerca de duzentos quilómetros, e faz a ligação entre Barca d’Alva e Ermesinde e daqui ao Porto. O início da sua construção data de 1875, tendo sido concluída em 9 de dezembro de 1887 com a inauguração do troço até Barca d’Alva. Esse dia foi também o da inauguração da ligação à rede espanhola, em La Fuente de San Esteban²³. Em sentido inverso, os comboios partem do Porto (Campanhã), a cuja cidade chega cada vez mais turistas, circulam através da Linha do Minho até Ermesinde, continuando pela Linha do Douro até à estação do Pocinho, onde terminam a sua marcha, pois o troço restante numa extensão de cerca de 28,5 km, até Barca D’Alva (fronteira com Espanha), encontra-se desativado. Também a ligação a partir da fronteira, pelo lado espanhol, foi encerrada a 1 de janeiro de 1985, tendo, o atrás mencionado troço entre Pocinho e Barca D’Alva, sido encerrado em 18 de outubro de 1988²⁴. Diariamente, realizam-se²⁵, em todos os dias úteis, cinco ligações de comboio entre o Porto (Campanhã) e o Pocinho e outras cinco ligações em sentido inverso, diminuindo para quatro ligações aos sábados, domingos ou feriados²⁶.

Finalmente, um “comboio histórico”, uma locomotiva a vapor, faz viagens entre a Régua e o Tua, num percurso à beira do Rio Douro. O carácter histórico advém do facto de se tratar da locomotiva “carismática 0186, construída em 1925 pela Henschel & Son com as suas 5 carruagens históricas”²⁷.

²³ Sobre a linha do Douro, disponível em: <http://www.linhadodouro.net/percurso.php>, última consulta em 15 de dezembro de 2016.

²⁴ Idem

²⁵ Disponível em:

https://www.cp.pt/StaticFiles/Passageiros/horarios/horarios/PDF/r_ir_uc/porto_regua_pocinho.pdf, última consulta em 8 de janeiro de 2017.

²⁶ De acordo com a CP, o primeiro dos cinco comboios diários do Porto para o Pocinho tem prevista a partida da estação de Campanhã pelas 7:15 horas e tem prevista a chegada ao Pocinho pelas 10:34. O último comboio do dia tem prevista a partida para as 17:15 e a chegada pelas 20:33 horas (tanto em dias úteis como em feriados ou fins de semana). No sentido Pocinho – Porto o primeiro comboio tem prevista a partida para as 7:18 horas, com transferência de comboio na estação da Régua às 8:40 e chegada prevista ao Porto pelas 10:35 horas. O último comboio (direto) faz o trajeto entre as duas localidades entre as 17:22 e as 20:35, havendo ainda a possibilidade de partir num último comboio às 19:08, com duas trocas de comboio (na Régua e em Caíde) e chegada prevista ao Porto pelas 23:20.

²⁷ Disponível no site CP – Comboios de Portugal E.P.E. (PT) - <https://www.cp.pt/passageiros/pt/como-viajar/em-lazer/cultura-natureza/comboio-historico>, última consulta em 8 de janeiro de 2017.

Para se dar a conhecer o percurso da Linha do Douro, com todas as estações assinaladas desde Barca D'Alva até Ermesinde, onde entronca na Linha do Minho fazendo a ligação à cidade do Porto, e ainda a localização da estação que serve a Casa de Tormes, apresenta-se a figura 6²⁸.

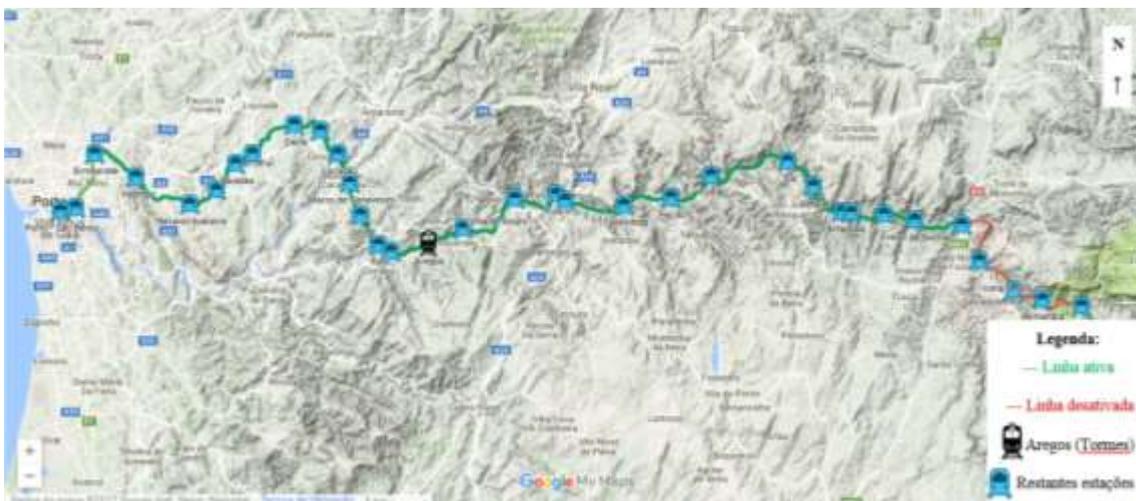


Figura 6 - Linha do Douro

Mapa elaborado tendo por base a fonte: <http://linhadodouro.net/percurso.php>

A magnificência desta linha reflete-se na quantidade das obras de engenharia (22 túneis e 35 pontes)²⁹ executadas para a sua implementação.

- **De comboio pela Linha de Caminho de Ferro do Douro**

Encetada a viagem de comboio a partir do Porto pela manhã, no primeiro comboio do dia (atualmente pelas 7:15 horas), segue-se um pequeno percurso de quase 9km constituinte da Linha do Minho até Ermesinde onde tem de facto início a Linha do Douro (que como já se referiu anteriormente, atualmente liga Ermesinde ao Pocinho). Continua-se para Este, em direção à fronteira com Espanha, sem, no entanto, se conseguir avistar o rio majestoso, pois, a linha na primeira parte do seu percurso não acompanha o vale que lhe dá o nome.

²⁸ Disponível em: <http://linhadodouro.net/percurso.php>, última consulta em 29 de dezembro de 2016

²⁹ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Linha_do_Douro#Obras_de_Arte, última consulta em 23 de março de 2017.

Durante esse trajeto inicial, segue-se através dos concelhos de Valongo, Paredes,

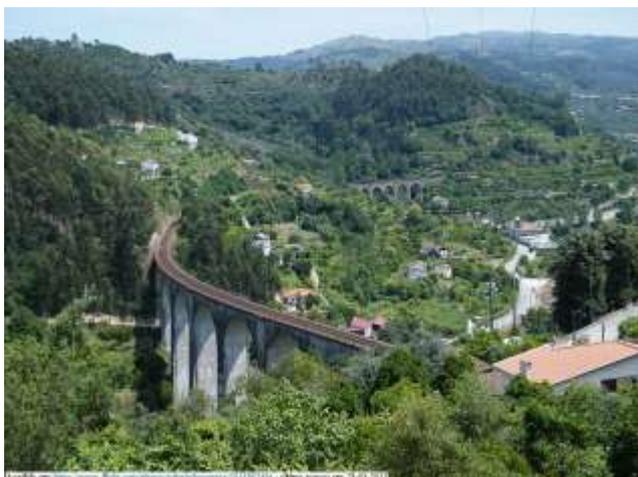


Figura 7 - Viaduto da pala e do Ovil

Penafiel e Marco de Canaveses até ao túnel do Juncal; por áreas que alternam o urbano e o industrial com laivos de paisagem rural, caracteristicamente minhota.

Transposto o túnel do Juncal (com 1.621 metros)³⁰, após quase 70 Km de viagem, entra-se em terras do concelho de Baião, observando-se uma radical mudança de paisagem e,

com o comboio a efetuar um trajeto descendente, a aproximação ao rio Douro dá-se de forma célere.

Essa aproximação realiza-se através das imponentes obras de engenharia que são os viadutos da Pala e do Ovil (figura 7)³¹.

O comboio acerca-se rapidamente da Estação de Mosteirô, permitindo o deslumbramento com a paisagem e com o espelho de água que se observam à direita (figura 8).



Figura 8 - Da Pala para Mosteirô

Eis o Douro no seu esplendor.

Passa-se por Mosteirô, lado a lado com o rio, sentindo vontade de o afagar. E podemos imaginar-nos a levitar por cima dele quando se circula pelo Viaduto do Laranjal (figura 9)³².

³⁰ Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Linha_do_Douro#Tro.C3.A7o_entre_Ermesinde_e_o_Pinh.C3.A3o, última consulta em 23 de março de 2017.

³¹ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/valeriodossantos/5845967494>, última consulta em 24 de março de 2017.

³² Disponível em: <http://www.panoramio.com/photo/117802249?source=wapi&referrer=kh.google.com>, última consulta em 28 de março de 2017.

Embebidos e embebecidos em tanta água e com tamanha beleza, abeiramo-nos



Figura 9 - Vale do Douro e Viaduto do Laranjal



Figura 10 - Estação de Aregos (Tormes)

preguiçosamente da estação de Aregos, a estação de Tormes de Eça de Queiroz no seu livro *A Cidade e as Serras*.

“ (...) Ela apareceu enfim, clara e simples, à beira do rio, entre rochas, com os seus vistosos girassóis enchendo um jardimzinho breve, as duas altas figueiras assombrando o pátio, e por trás a serra coberta de velho e denso arvoredo (...) ”

(Queiroz, 1950, p. 159) Tal como Jacinto, aquando da aproximação a Aregos (Tormes) (figura 10)³³, depara-se com uma estação pequena, arranjada, clara, simples e rodeada de vegetação.

A sua pacatez, singeleza e serenidade alimentada pela nossa imaginação consubstanciou-se com a realidade.

À estação de Tormes pode aceder-se através da ferrovia, mas também através da rodovia ou até via fluvial, de barco, pelo rio Douro. Pode considerar-se um local único e central na “Geografia Queiroziana do Douro”.

³³ Retirado de: <http://dourovalley.eu/poi?id=6002>, última consulta em 28 de março de 2017.

Mesmo em frente, na outra margem (esquerda) do rio, situam-se as Termas de



Caldas de Aregos e margem esquerda do Douro - Autor: Felisberto Almeida em 4 de junho de 2016

Figura 11 - Caldas de Aregos, margem esquerda do Douro

Caldas de Aregos (figura 11)³⁴ que, segundo o *site* da Câmara Municipal de Resende³⁵, mesmo que a informação exija futura confirmação: “(...) existem desde o século XII, quando D. Mafalda, Rainha de Portugal, mandou ali construir uma Albergaria, perscrutora dos diversos balneários termas que se sucederam ao longo dos tempos.”

Atualmente existe uma espécie de táxi marítimo, apelidado de *Barca d’Aregos*³⁶, com uma lotação máxima de 12 passageiros, que faz a travessia entre as duas margens do rio, sendo os seus horários em consonância com o dos comboios e dependente da claridade diurna.

Assim, o Turista, se o desejar, pode prever fazer uma pausa, atravessar para a outra margem e fazer uma visita às termas e à aldeia envolvente, voltando novamente de barco para a estação de Tormes, a fim de apanhar o comboio seguinte.

A partir da estação de Tormes está sinalizado pela Câmara Municipal de Baião “O Caminho de Jacinto”, caminho descrito em A Cidade e as Serras, por onde subiram Zé Fernandes e Jacinto, recém-chegados da viagem de comboio desde Paris, rumo à casa de Tormes (falar-se-á mais adiante novamente de Tormes, do Caminho de Jacinto e de Caldas de Aregos quando abordarmos outros percursos).

Sem se afastar do Douro, o comboio prossegue viagem em direção à Régua.

³⁴ Disponível em: <http://www.termas-caldasdearegos.com/website/images/fotos/Capa%201.jpg?1490486418644>, última consulta em 28 de março de 2017.

³⁵ Disponível em: <https://cm-resende.pt/termas-aregos>, última consulta em 28 de março de 2017.

³⁶ Disponível em: <https://cm-resende.pt/barca-aregos>, última consulta em 28 de março de 2017.

Douro Vinhateiro. Segundo o *site* da Direção Geral do património Cultural³⁸:

“O Alto Douro Vinhateiro é uma zona particularmente representativa da paisagem que caracteriza a vasta Região Demarcada do Douro, a mais antiga região vitícola



Figura 14 - Viaduto do Corgo

regulamentada do mundo. A paisagem cultural do Alto Douro combina a natureza monumental do vale do rio Douro, feito de encostas íngremes e solos pobres e acidentados, com a acção ancestral e contínua do Homem, adaptando o espaço às necessidades agrícolas de tipo mediterrâneo que a região suporta. “

A partir da Régua prossegue o deslumbramento, sempre junto ao Douro. Passa-se o viaduto sobre o Corgo (figura 14)³⁹, continuando a viagem pela margem direita, na direção do Pinhão, paralelos ao rio e à estrada rodoviária que vai enlaçada com ele, na sua margem esquerda.

Tanto numa margem como na outra, os vinhedos em socalcos descem em cascata, até ao rio, e as quintas e casas senhoriais destacam-se na paisagem. Em alguns locais mais elevados existem pontos de observação e miradouros. Destaca-se o miradouro de Casal dos Loivos, um pouco a norte do Pinhão.

Na estrada nacional 323, que faz a ligação do pinhão para a Vila de Sabrosa, também existem locais de



Figura 15 - Foz do Pinhão e Ponte Ferroviária

³⁸ Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-mundial/portugal/alto-douro-vinhateiro/>, última consulta em 4 de abril de 2017.

³⁹ Retirado de: <http://static.panoramio.com/photos/original/12838788.jpg>, última consulta em 27 de março de 2017.

onde se podem visualizar grandes porções do vale do Douro (ver figura 15, tirada nessa estrada⁴⁰), na subida para S. Cristóvão do Douro.

Avançando em direção ao Pocinho, pode fazer-se uma paragem na magnífica



Figura 16 - Estação do Pinhão

estação do Pinhão (figura 16)⁴¹, decorada com painéis de azulejos alusivos às vindimas, da autoria de J. Oliveira, azulejos que, segundo o *site* da Câmara de Alijó⁴², são do século XIX, de natureza simbolista, que aludem à faina vinhateira da região duriense. Mostram barcos

rabelos a descer o Douro, cestos de carregar uvas, e retratam todo o trabalho, ao longo do ano, para a obtenção do vinho: a cava, a redra, a poda e a vindima.

Prosseguindo a viagem, passa-se a estação do Tua e pode observar-se a barragem



Figura 17 - Ponte da Ferradosa

da Valeira, com cerca de 48m de altura, inaugurada em 1976, situada a jusante do Cachão da Valeira e a cerca de 6km a montante do Rio Tua, incluindo esta barragem uma eclusa com 33m de desnível, possibilitando assim a navegabilidade do Douro até Barca d'Alva⁴³.

Posteriormente à barragem da Valeira, o comboio atravessa o rio para a margem esquerda, através da ponte da Ferradosa (figura 17)⁴⁴, seguindo agora, por

⁴⁰ Localização Geográfica: 41°12'09.50"N 7°32'56"W

⁴¹ Disponível em: <http://andanhos.blogs.sapo.pt/reino-maravilhoso-douro-a-estacao-da-41028>, última consulta em 27 de março de 2017.

⁴² Disponível em: http://turismo.cm-alijo.pt/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=40&Itemid=72&limitstart=10, última consulta em 4 de abril de 2017.

⁴³ Disponível em: <http://www.dourovalley.eu/poi?id=3605>, última consulta em 27 de março de 2017.

⁴⁴ Disponível em: <http://mapio.net/pic/p-875756/>, última consulta em 27 de março de 2017.

esta margem, em direção à estação do Pocinho.

Muda-se de margem, mas não diminui a visão do belo que, definitivamente, este vale encantado proporciona, mostrando harmonia e grandiosidade, tal como Eça afirmou através de Jacinto, o personagem principal em *A Cidade e as Serras*:

“ (...) Rolávamos na vertente de uma serra, sobre penhascos que desabavam até largos socalcos cultivados de vinhedo. Em baixo, numa esplanada, branquejava uma casa nobre, de opulento repouso, com a capelinha muito caiada entre um laranjal maduro. Pelo rio, onde a água turva e tarda nem se quebrava contra as rochas, descia, com a vela cheia, um barco lento carregado de pipas. Para além, outros socalcos, de um verde pálido de reseda, com oliveiras apoucadas pela amplidão dos montes, subiam até outras penedias que se embebiam, todas brancas e assoalhadas, na fina abundância do azul. Jacinto acariciava os pelos corredios do bigode:

– O Douro, hein?... É interessante, tem grandeza. (...) “ (Queiroz, 1950, p. 156)

Distintamente, deslizando sem pressa, o comboio vai-se acercando da bonita estação do Pocinho (figura 18)⁴⁵, pintada de amarelo e decorada também com azulejos de J. Oliveira.

É o fim da viagem de comboio, dado que o restante troço até Barca d’Alva está desativado.

A hora estimada para a chegada à estação do Pocinho, deste primeiro comboio que



Figura 18 - Estação do Pocinho

parte da estação de Campanhã no Porto, será 10:35, o que possibilita que se dê um passeio pela povoação até à barragem, seguido do respetivo almoço num dos restaurantes locais, podendo efetuar-se, depois, o regresso ao Porto pela mesma via.

Não podemos, no entanto, deixar de acrescentar uma série de hipóteses alternativas e/ou complementares que podem engrandecer, consideravelmente,

⁴⁵ Disponível em: <http://olhares.sapo.pt/estacao-do-pocinho-foto7027881.html>, última consulta em 27 de março de 2017.

esta viagem, vivenciando experiências únicas:

- a) Para os mais aventureiros, um passeio pedestre entre, o Pocinho e Barca d’Alva, pelo antigo traçado (figura 19)⁴⁶ do caminho-de-ferro (percurso de cerca de 29 km). “No mínimo são necessárias entre 6 a 7 horas, num trilho com grau de dificuldade média, acima de tudo pela distância e pelo piso irregular”⁴⁷.



Figura 19 - Troço da Linha do Douro desativado

- b) Realização de um passeio de barco entre o Pocinho e Barca d’Alva. Um trajeto



Retirado de: <https://www.cm-fozcoa.pt/index.php/turismo/embarcacao-sra-da-veiga> - Em 9-04-2017

Figura 20 - "Senhora da Veiga"

realizado pelo rio, lado a lado com a Linha de Caminho-de-ferro do Douro que se encontra desativada. De acordo com o *site* da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa⁴⁸, pode realizar-se um passeio no barco rabelo “Senhora da Veiga” (figura 20), réplica dos

tradicionais barcos denominados “rabelos”, que transportavam as pipas de Vinho do Porto do Alto Douro, até às caves em Vila Nova de Gaia – Porto.

Esse passeio pode ser realizado desde o Pocinho até Barca d’Alva (no *site* da Câmara Municipal de Foz Côa, informam mais opções para cruzeiros) e respetivo

⁴⁶ Disponível em: <https://i0.wp.com/www.osmeustrilhos.pt/wp-content/uploads/2016/04/linha-do-douro-Barca-D-Alva-Pocinho-51.jpg?w=940>, última consulta em 27 de março de 2017.

⁴⁷ Disponível em: <http://www.osmeustrilhos.pt/2016/04/15/de-barca-d-alva-ao-pocinho-a-pe-pela-linha-do-douro/>, última consulta em 9 de abril de 2017.

⁴⁸ Disponível em: <http://www.cm-fozcoa.pt/index.php/turismo/embarcacao-sra-da-veiga>, última consulta em 9 de abril de 2017.

regresso, sendo a sua duração de cerca de 4 horas.

- c) É possível também viajar de táxi desde o Pocinho até Vila Nova de Foz Côa, com possibilidade de visitar as gravuras e o Museu. No entanto, deve levar-se sempre



Retirado de: <http://www.arte-coa.pt/index.php?c=gravuras&cat=ArteRupes&id=11> - Em 9-04-2017

Figura 21 - Sítio Rupestre Canada do Inferno

em consideração que a gestão das visitas às gravuras é feita pelo Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) e obriga a marcação prévia (figura 21 e 22)⁴⁹.

A arte do Côa foi “classificada como Monumento Nacional em 1997 e Património da Humanidade em 1998 pela UNESCO (...)”⁵⁰.



Figura 22 - Gravura Rupestre

⁴⁹ Disponível em: <http://www.arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/1879/1879.pt.jpg>, última consulta em 9 de abril de 2017. O Parque Arqueológico do Vale do Côa foi criado em agosto de 1996, tendo como objetivos gerir, proteger, musealizar e colocar em visita pública a arte rupestre do Vale do Côa.

⁵⁰ Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-mundial/portugal/sitios-pre-historicos-de-arte-rupestre-do-vale-do-rio-coa-e-de-siega-verde/>, última consulta em 9 de abril de 2017.

d) A partir da Régua é possível realizar uma fantástica viagem e reviver o passado ao lado do Douro e até à estação do Tua num comboio a vapor (figura 23)⁵¹, já atrás indicado. No entanto deve levar-se em consideração que estas viagens, ainda segundo a CP apenas se realizam entre 3 de junho a 29 de outubro aos sábados e domingos e alguns (poucos) mais dias; com saída da Régua pelas 15:22 e chegada programada para as 18:32 horas (deve consultar-se sempre o site da CP).



Figura 23 - Comboio Histórico do Douro

Temos assim a hipótese de viajar pela linha do Douro revivendo experiências que em alguns casos serão idênticas às retratadas na *Cidade e as Serras*, a que poderão ser acrescentadas algumas outras vivências atuais. Essa viagem pode ser de um dois ou três dias, conforme o interesse do turista, permitindo-se usufruir para tal das diferentes unidades de alojamento existentes na região (Régua, Pinhão, Pocinho ou Foz Côa).

3.2.2. O “Caminho de Jacinto em *A Cidade e as Serras* e a atualidade.

Se considerarmos apenas a viagem e o percurso realizado de comboio, pode efetuar-se o trajeto Porto – Pocinho, de forma a desfrutar-se da magnífica paisagem que o Douro “oferece”.

Na localidade do Pocinho é recomendável uma pausa para passear e almoçar, regressando no comboio do início da tarde. Ou então, como alternativa, após breve passeio a pé para conhecer a povoação, pode-se encetar a viagem de regresso no comboio seguinte (final da manhã), aproveitando o tempo para parar, visitar e almoçar no “Tua” ou no “Pinhão” prosseguindo o passeio em direção a Aregos (Tormes) no comboio do

⁵¹ Disponível em: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/cf/93/16/cf931619b79fe0b9305ad18f8908e5d8.jpg>, última consulta em 10 de abril de 2017.

início da tarde, continuando a desfrutar do esplendor da paisagem duriense.

Sendo assim, a chegada à estação de Tormes dar-se-á pelo meio da tarde (horários a confirmar sempre no *site* da CP). A mesma situa-se no coração da região duriense em que nos propusemos conhecer e dar a conhecer o que Eça sobre ela deixou plasmado nas suas obras, apresentando-se esse território como um cenário vivo, para vivências genuínas e culturalmente gratificantes.

Deste modo, deve salientar-se a especificidade da localização geográfica da estação de Tormes na “Geografia Queiroziana do Douro”, pois é um local a que se pode aceder (ver figura 24)⁵² de comboio, mas também de carro ou de barco.



Figura 24 - Como chegar à estação de Tormes

É também o ponto de partida do "Caminho de Jacinto", percurso pedestre promovido e divulgado pela Fundação Eça de Queiroz e que se baseia na descrição, tal como consta em *A Cidade e as Serras*, do percurso efetuado por Jacinto e Zé Fernandes aquando da sua viagem de Paris para Tormes. Um percurso vivenciado e percorrido a pé, documentado através de múltiplas fotografias, que, como se demonstrará seguidamente, oferece, na realidade atual, imagens e sensações idênticas às narradas a quando da subida da estação de Tormes para a Casa de Tormes por Zé Fernandes e Jacinto no livro *A Cidade e as Serras*, ainda se vislumbram na atualidade.

Estação de Tormes - Casa de Tormes (Estação de Aregos - Quinta de Santa Cruz do Douro), trajeto que se pode efetuar a pé, como referenciamos, mas também de

⁵² Disponível em: http://feq.pt/novo/wp-content/uploads/2016/12/CaminhoJacinto_FEQ.pdf, última consulta em 11 de abril de 2017.

automóvel, pela estrada nacional 108-2, desde a estação até ao entroncamento desta com a nacional 108, onde se vira para a direita até à Casa de Tormes.

No entanto, recomenda-se vivamente, pela vivência genuína que se pode usufruir, e pelas sensações que se podem desfrutar, a realização do percurso pedestre pelo Caminho de Jacinto (representado na figura 25)⁵³:

(...) E começámos a trepar o caminho, que não se alisara nem se desbravara desde os tempos em que o trilhavam, com rudes sapatões ferrados, cortando de rio a monte, os Jacintos do século XIV! Logo depois de atravessarmos uma trémula ponte de pau, sobre um riacho quebrado por pedregulhos, o meu Príncipe, com o olho de dono subitamente aguçado, notou a robustez e a fartura das oliveiras... – E em breve os nossos males desapareceram perante a incomparável beleza daquela serra bendita! (Queiroz, 1950, p. 162-163)

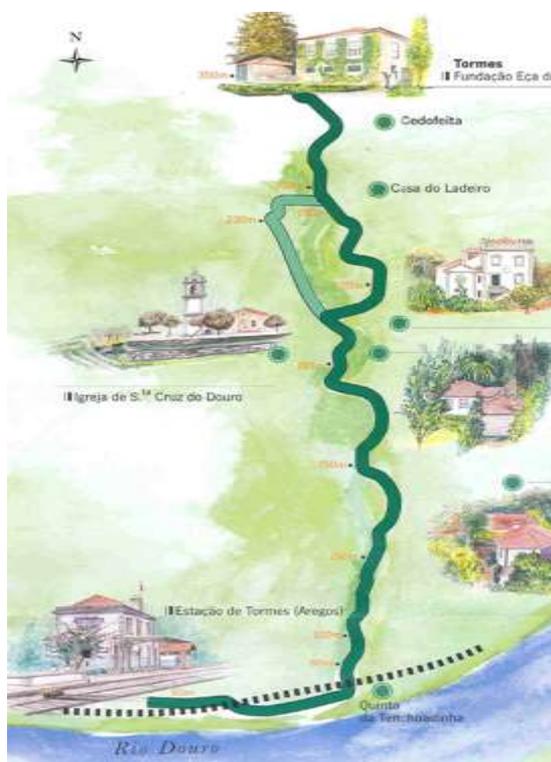


Figura 25 - O Caminho de Jacinto

⁵³ Disponível em: http://feq.pt/novo/wp-content/uploads/2016/12/CaminhoJacinto_FEQ.pdf, última consulta em 11 de abril de 2017.

Para se experienciar o trajeto pedestre da “Estação de Tormes” para a “Casa de Tormes”, deve-se, junto à estação de Tormes e de frente para o rio, começar a caminhada



para a nossa esquerda, seguindo ao lado do muro que separa o jardim da estação do seu exterior (figura 26)⁵⁴.

Inicia-se assim o percurso, caminhando pela esquerda da linha de caminho-de-ferro, que, um pouco mais à frente terá de ser atravessada, o que implica que se continue pelo lado direito, entre a linha de caminho-de-ferro do douro e o rio douro.

Esse caminho, no seu início, Junto à estação de Aregos, está assinalado com uma placa indicando “Caminho de Jacinto”. Segue-se, assim, numa primeira fase, lado a lado com o aprazível jardim da estação (figura 27)⁵⁵, paralelos ao Douro, que podemos contemplar conjuntamente com a sua margem esquerda, por onde se espraia entre outras a localidade de Caldas de Aregos.



Figura 27 - Início do Caminho de Jacinto

Um rio calmo e largo, em resultado construção da barragem de Carrapelo, que originou a montante, até à Régua, uma grande albufeira, possibilitando a prática de diversos desportos náuticos, a sua navegabilidade e “domesticação”.

Antes da construção da barragem o rio era diferente, certamente com períodos em

⁵⁴ Localização Geográfica: 41°06'23.8"N 8°00'25.5"W

⁵⁵ Localização Geográfica: 41°06'23.8"N 8°00'25.5"W

que a sua corrente era muito intensa, mas com outros de maior acalmia, como aquele que é descrito em *A Cidade e as Serras*, “(...) O rio defronte descia, preguiçoso e como adormentado sob a calma já pesada de Maio, abraçando, sem um sussurro, uma larga ilhota de pedra que rebrilhava (...)” (Queiroz, 1950, p. 162).

Esta sensação de acalmia e pacatez transparece das suas águas na atualidade, convidando à contemplação e oferecendo em troca uma grande paz de espírito, num cenário que se percorre durante cerca de 700 metros, até junto da Quinta da Tenchoadinha. Aí chegados, começa a subida até à estrada em asfalto, que vem da estação. Toma-se essa estrada para a direita, prosseguindo, até nos acercarmos de uma casa branca entre um canavial.

Sobe-se um pouco mais adiante por um caminho empedrado. É o caminho de Jacinto, de novo, bem arranjado e empedrado, em oposição ao descrito na *Cidade e as Serras* que não se alisara nem se desbravara há muitos anos.



Figura 28 - O caminho é ladeado de vegetação

Passa-se uma casa antiga com a placa indicativa “*Casa de Quintela 1904*”, Continua-se a subir pelo caminho empedrado, (figura 28) agora rodeado de vegetação; são videiras, laranjeiras, oliveiras, figueiras, carvalhos, sobreiros, choupos, mimosas, canaviais, plantas da mais diversificada ordem e flores silvestres, muitas flores silvestres,

que emprestam aos andarilhos a sua frescura e beleza.

E continua a subida.

Pode observar-se à esquerda um muro antigo e imponente, que segura toda uma vertente sobre o caminho, com uma legião de mimosas, mesmo por cima dele, e que confere aos caminheiros o aprumar das sensações.

O caminho passa a ser mais tosco, embora liso e cuidado e as mimosas “pregadas” no muro e debruçadas sobre o caminho (figura 29) até parece que estão ali para

homenagear quem passa. Para facultar as boas vindas e definitivamente encarcerar os viajantes no cenário do livro:

(...) Dos pendores, sobranceiros ao carreiro fragoso, largas ramarias estendiam o seu toldo amável, a que o esvoaçar leve dos pássaros sacudia a fragrância. Através dos muros seculares, que sustêm as terras liados pelas heras, rompiam grossas raízes coleantes a que mais hera se enroscava. Em todo o torrão, de cada fenda, brotavam flores silvestres. (...) (Queiroz, 1950, p. 163)



Figura 29 - Muro secular e largas ramarias

A partir daqui não é necessário ser muito imaginativo, basta ter lido a sua obra para se caminhar lado a lado com Eça, ouvindo-o sussurrar a cada momento “ (...) a incomparável beleza daquela serra bendita (...)” (Queiroz, 1950, p. 163).

Regride-se no tempo e sente-se entrelaçar o passado com o presente. Ouve-se o chilrear dos pássaros, o correr da água, cheira-se mil odores de mil flores, sente-se o calor do sol, a benevolente frescura das árvores e de tão encantados mal se sente a dureza do pendor da subida.

Passa-se ao lado da Casa da Capela, casa antiga e bastante arruinada, a vegetação ainda é mais verde, ouve-se a água, vê-se um regato e “escuta-se” Eça; (...) Por toda a parte a água sussurrante, a água fecundante (...) (Queiroz, 195, p. 163).

Através das clareiras do caminho podem observar-se as vertentes (mais próximas ou mais distantes), aparecendo, aqui e ali, no meio do arvoredado, um casebre antigo, velho, abandonado, por vezes submerso pela vegetação, intercalado com outras casas mais recentes, algumas de traço bem moderno.

E pode verificar-se que a vegetação ora é mais cuidada, junto às casas onde predominam as árvores de fruta e as videiras, ora é mais bravia e densa, sendo por vezes até bastante cerrada, (figura 30) dando a sensação que quando se observa os aglomerados

das copas das árvores se contemplam tapetes verdes.



Figura 30 - Vegetação frondosa e densa

narinas e a amálgama de tons verdes a preencher o olhar, o caminhante acerca-se, quase sem dar por ela, da Casa de Lodeiro (figura 30).

Esta casa senhorial, imponente e resguardada pela vegetação, tem origem, segundo o *site* da Junta de Freguesia de Santa Cruz do Douro e São Tomé de Covelas, nos princípios do século XVIII e está ligada ao drama de Fanny Owen, referido por Camilo Castelo Branco no “Bom Jesus do Monte”, reescrito por Agustina Bessa Luís em “Fanny Owen”⁵⁶ e que foi passado ao cinema por Manoel de Oliveira em “Francisca”, com estreia no ano de 1981⁵⁷.

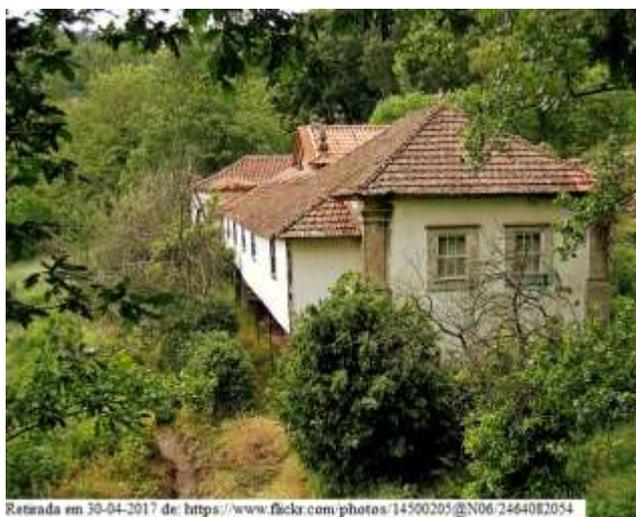


Figura 31 - Casa de Lodeiro

Aproveita-se para se entreabrir uma porta a outros que queiram desenvolver itinerários culturais nesta região, baseados na literatura, podendo juntar a Eça de Queiroz,

E sente-se de novo “a fala de Eça”: “ (...) Para os vales, poderosamente cavados, desciam bandos de arvoredos, tão copados e redondos, de um verde tão moço, que eram como um musgo macio onde apetecia cair e rolar (...)” (Queiroz, 1950, p. 163)

Com o cheiro intenso das flores silvestres a perfumar as

⁵⁶ Editado em 1979 – Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fanny_Owen, última consulta em 24 de setembro de 2017.

⁵⁷ Disponível em: http://www.citi.pt/cultura/cinema/manoel_de_oliveira/francisca.html, última consulta em 24 de setembro de 2017.

Camilo Castelo Branco, Agustina Bessa Luís, Miguel Torga...

Continuando a subida, chega-se à estrada de alcatrão (108-2) que se atravessa para o lado direito, retomando quase de imediato o Caminho, nesta parte cuidado, limpo e empedrado, até aparecer à direita a Torre do Cabeção, (figura 32), uma casa antiga em



pedra granítica com capela, também ela rodeada de cerrada vegetação, que se pode admirar na sua grandeza.

De costas para a Torre do Cabeção, e voltados para a estrada de alcatrão, pode observar-se, em frente, a igreja de Santa Cruz do Douro, como que plantada em cima de socalcos.

Figura 32 - Casa da Torre do Cabeção

Após a Torre do Cabeção, o percurso é realizado em terra seca e empoeirada, pelo meio da vegetação mais atípica onde se destacam muitos eucaliptos, até à aproximação de uma área mais verdejante com alguns sobreiros e carvalhos.

É a aproximação de outra casa antiga, a Casa do Ladeiro.

Após esta casa, na continuação da subida, começam a aparecer mais habitações. É a aproximação à povoação de Cedofeita, já muito próximo da Casa de Tormes, onde voltam a prevalecer vides, oliveiras, laranjeiras, cerejeiras e uma agricultura hortícola de subsistência. Mais uma vez podemos encher o olhar com a coloração das flores silvestres que brotam por todo o lado.

Após Cedofeita, avista-se a Casa no meio de muita vegetação verdejante. À nossa esquerda podemos desfrutar de uma intensa vinha que se vai espraçando em socalcos, como que em ondas pela vertente de pouco pendor abaixo (Vale da Carriça, em *A Cidade e As Serras*).

Deparamo-nos com novo regatinho e muito verde da vegetação, e um tanque e fontes e flores... é a realidade que de novo parece saltar de *A Cidade e as Serras*...

(...) Por toda a parte a água sussurrante, a água fecundante... Espertos regatinhos fúgiam, rindo com os seixos, de entre as patas da égua e do burro; grossos ribeiros açodados

saltavam com fragor de pedra em pedra; fios direitos e luzidios como cordas de prata vibravam e faiscavam das alturas aos barrancos; e muita fonte, posta à beira de veredas, jorrava por uma bica, beneficemente, à espera dos homens e dos gados... (...) (Queiroz, 1950, p. 163)

O chilrear dos pássaros é uma constante, misturando-se com o sussurro do deslizar



Figura 33 - Casa de Tormes

das águas e ouvem-se e veem-se melros. Também eles como que querendo fazer lembrar o melro que seguiu Zé Fernandes e Jacinto na subida, “ (...) Muito tempo um melro nos seguiu, de azinheiro a olmo, assobiando os nossos louvores.(...)“ (Queiroz, 1950, p. 164). Cerca de duas horas e três quilómetros após a saída da estação, chega-se à Casa de Tormes⁵⁸

(Figura 33).

O corpo pede descanso, mas a paisagem que se avista desde a Casa de Tormes convida ao deleite. É quase obrigatório espriar os olhos por Santa Cruz do Douro, pelo rio até à outra margem.

Para se atingir o clímax das sensações queirosianas, nada melhor que jantar no restaurante existente na Casa de Tormes (Fundação Eça de Queiroz). As delícias da “gastronomia Queirosiana”, e o vinho de Tormes são garante de contentamento. Finalmente, para retemperar as forças, pode pernoitar-se na “Casa do Silvério” e sonhar com esta viagem de contornos únicos e inesquecíveis. Após um dia de extrema intensidade sensitiva.

⁵⁸ O Caminho de Jacinto é um percurso pedestre que se pode percorrer entre as coordenadas Geográficas 41°06'23.8"N 8°00'25.5"W (Estação de Aregos – Tormes) e 41°07'28.5"N 8°00'15.9"W (Quinta de Vila Nova – Casa de Tormes).

3.2.3. Viajando desde o Museu Vivo de Tormes pelas terras de Baião e Cinfães

O dia seguinte tem reservadas, para serem servidas, novas sensações e emoções, com uma viagem guiada à Casa de Tormes, que é um “Museu Vivo”, onde podem ser observados mobiliário e utensílios utilizados à época de Eça de Queiroz, terminando a visita na magnífica capelinha do século XVI.

Posteriormente, poder-se-á visitar o cemitério de Santa Cruz do Douro, onde estão depositados os restos mortais de Eça de Queiroz, viajando a partir daí por terras da geografia Queiroziana até Baião. Baião, que poderá ser a "Guiães do Zé Fernandes", tendo em consideração que “ (...) Tormes, que eu conhecia desde pequeno, porque o velho solar, com a sua nobre alameda de faias seculares, se erguia a duas léguas da nossa casa, no antigo caminho de Guiães à estação e ao rio. (...) ” (Queiroz, 1950, p. 82).

Pela descrição, a casa de Tormes estava a duas léguas de Guiães e num caminho antigo de Guiães à estação e ao rio. Ou seja, Guiães fica num plano mais elevado, a cerca de duas léguas da casa de Tormes.

Posto isto, procurou-se saber a quantos metros correspondem duas léguas, para deste modo se conhecer a distância real entre Guiães e Tormes.

E, ficou-se a saber que, em Portugal, durante o período de transição das antigas unidades de medida para o sistema métrico, por Decreto de 2 de maio de 1855, foi estabelecida a légua métrica, equivalente a 5.000 metros⁵⁹.

Assim, poder-se-á considerar ser Guiães uma localidade localizada a cerca de 10.000 metros da “Casa de Tormes”, num plano mais elevado e interior ao Douro, uma localização geográfica mais ou menos coincidente com a localização da vila de Baião.

⁵⁹ Disponível em: http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=500, última consulta em 6 de maio de 2017.



Figura 34 - Fotografia tirada na EN108 junto a Tormes

Ao efetuar-se o percurso de Tormes para Guiães (Baião) pela Estrada Nacional (EN) 108 (figura 34), podem fazer-se algumas paragens, de forma a apreciar magníficos quadros paisagísticos, com o rio Douro ocupando lugar central, bem como algumas casas antigas, apalaçadas, com similitudes idênticas às descritas por Eça.

Aconselha-se também um pequeno desvio, de forma a conhecer o lugar de Vila Monim⁶⁰, sítio singular e genuíno, com casas de caseiro, eira, alpendre e canastro, conservados patrimonialmente de acordo com a sua forma original.



Figura 35 - Igreja de Baião

Voltando de novo à EN 108, segue-se viagem virando à direita um pouco mais à frente, antes da localidade de Portela do Gove, para a CM1228, seguindo por essa estrada até à Vila de Baião⁶¹ (figura 35), onde se recomenda um passeio pela localidade, com paragem e visita ao Núcleo de Arqueologia do Museu

Municipal de Baião, onde se encontra depositado o espólio resultante de escavações arqueológicas da Serra da Aboboreira, ou seja, os vestígios da ocupação desta região desde a Pré-História até à Idade Média⁶².

⁶⁰ Localização Geográfica: 41°07'37.8"N 8°01'36.9"W

⁶¹ Igreja de Baião – Disponível em: <https://ssl.panoramio.com/photo/79733003>, última consulta em 7 de maio de 2017.

⁶² Ver Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira - Estudo da Ocupação Humana nas Serras da Aboboreira e do Castelo durante a Pré-História. Disponível em: <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/?sid=projectos.resultados&subsid=47313>, última consulta a 20 de setembro de 2017.

Posteriormente pode almoçar-se num dos restaurantes existentes na Vila, comida tradicional ou gastronomia queirosiana, para retemperar forças.

No final do repasto deve encetar-se a viagem, agora de novo em direção ao Douro, através da EN 321 passando por Ancede. Nesta localidade situa-se o Mosteiro de Santo André de Ancede (figura 36)⁶³, monumento que segundo o site da Câmara Municipal de Baião⁶⁴, tem origem nos inícios do século XII, (antes de 1120 segundo os arquivos digitais da Torre do Tombo)⁶⁵, estando a sua história intimamente ligada à produção e comercialização de vinho. Faz parte da Rota do Românico⁶⁶.



Figura 36 - Mosteiro de Santo André de Ancede

O Mosteiro gerou um grande património durante vários séculos (no seguimento da carta de couto de 1141 doada por D. Afonso Henriques). Além do edifício que foi alvo de sucessivos acrescentos e funcionalidades, a propriedade agrícola envolvia vinhas, tendo possuído inclusivamente, de acordo

com documentos do final do século XIV, bens na vila de Gaia (hoje concelho de Vila Nova de Gaia), dos quais se destacavam albergarias e armazéns. Fruto da posse destas propriedades foi possível obter o título de “vizinho” da cidade do Porto, valendo-lhe deste modo o pagamento de menores impostos, privilégios e franquias iguais aos dos habitantes do Porto bem como a venda direta dos produtos com vantagem superior.

⁶³ Mosteiro de S. André de Ancede – Disponível em: <http://www.pbase.com/diasdosreis/image/149769148>, última consulta em 7 de maio de 2017.

⁶⁴ Disponível em: <http://www.cm-baiiao.pt>, última consulta em 7 de maio de 2017.

⁶⁵ O Mosteiro de Sto. André de Ancede era masculino, situava-se no concelho de Baião, pertencia à antiga comarca de Trás-os-Montes, e estava sujeito à jurisdição do bispo do Porto. Era de Cónegos Regulares de Santo Agostinho até ser unido em 1559, ao Mosteiro de S. Domingos de Lisboa, da Ordem dos Pregadores. Disponível em: <http://digitarq.arquivos.pt/details?id=1457658>, última consulta em 7 de maio de 2017.

⁶⁶ Rota do Românico, Mosteiro de Ancede. Disponível em: <http://www.rotadoromânico.com/vPT/Monumentos/Monumentos/Paginas/MosteirodeSantoAndredeAncede.aspx?galeria=Fotografias®iao=Bai%C3%A3o&monumento=Mosteiro%20de%20Santo%20Andr%C3%A9%20de%20Ancede%20%20&categoria=&TabNumber=0&valor=/vPT/Monumentos/Monumentos/Paginas/MosteirodeSantoAndredeAncede.aspx&guid={54BC0883-00B9-4AF7-8680-7FF5011908D1}>, última consulta em 20 de setembro de 2017.

Consultando o *site* da Câmara Municipal de Baião, fica-se também a saber ter sido construído no século XVIII, o grandioso edifício dos celeiros e da adega, que juntamente com o lagar, formam hoje o espaço do Centro Interpretativo da Vinha e do Vinho. Na visita pode observar-se uma pequena exposição sobre o ciclo da vinha e do vinho, sendo também dada a conhecer a história deste Mosteiro e a funcionalidade destes espaços. Por último, pode visitar-se a Quinta, onde se encontram painéis, em mosaico natural, com os Mistérios da Vida de Cristo.

Após a saída de Ancede, faz-se, de forma rápida, a aproximação ao Douro, que se atravessa pela ponte de Mosteirô.

Para trás ficou o Concelho de Baião e já se circula por Cinfães, através da povoação de Porto Antigo, pertencente à freguesia de Oliveira do Douro.

Transita-se agora na margem esquerda do Douro, pela EN 222. O encontro é com as novas “Geografias de Eça de Queiroz”, da *Ilustre Casa de Ramires*, dos *Maias*, e das “pobres” paisagens serranas, como descritas no “*Crime do Padre Amaro*”.

A margem é a oposta, mas a beleza é idêntica.

Continua-se a circular pela Estrada Nacional (EN) 222, até próximo da sede da freguesia. Porém, antes da entrada na localidade de Oliveira do Douro, vira-se à direita e toma-se a estrada Complementar Municipal (CM) 1027, e depois a CM 1029.

Esta estrada acompanha um ribeiro afluente da margem esquerda do Douro, o Cabrum, que separa em grande parte da sua extensão, os concelhos de Resende e de Cinfães. Este, forma-se junto do ponto mais alto da serra de Montemuro a 1382 metros e percorre cerca de 20Km desaguando no rio Douro⁶⁷. Nele desembocam alguns pequenos afluentes dos quais se podem salientar, na sua margem direita, o da Galheira, responsável pela separação entre esta aldeia e parte da freguesia da Panchorra, enquanto na sua margem esquerda, desagua o do Enforcado, que faz a separação entre a freguesia de Ramires e Ovadas. De realçar também que, na “geografia queirosiana”, este ribeiro é a “ribeira de Coice” da obra *A Ilustre Casa de Ramires*.

Continua-se a subir, pela CM 1029. O Douro vai ficando cada vez mais distante, já não está no horizonte visual e a paisagem serrana é cada vez mais marcante.

⁶⁷ Disponível em: www.redescobrircinfaes.pt, última consulta em 20 de setembro de 2017.

Prossegue-se viagem, agora pela margem esquerda do Cabrum no sentido de jusante para montante.

Ultrapassadas as povoações de Oliveira do Douro e Vila Nova, a estrada serpenteia por uma vertente de acentuado declive. Tanto acima como abaixo da estrada a vegetação é mais rara e menos deslumbrante, provavelmente fruto desse acentuado declive, mas essencialmente em resultado de alguns incêndios verificados em anos não muito distantes.

Em, em alguns locais, em virtude dos incêndios mais recentes, até se nota alguma aridez, que contraste com a outra margem, povoada, verdejante e menos declivosa.

Está-se defronte da freguesia de S. Cipriano, a Santa Irenéia da *Ilustre Casa de Ramires* (figura 37).

Para se contemplar de uma forma mais ampla toda a envolvência da Casa de Ramires – a Torre da Lagariça e a “a Santa Irenéia” – São Cipriano, pára-se junto à placa que indica o início da povoação de Verdozedo⁶⁸.



Figura 37 - S. Cipriano (Santa Irenéia)

Desde esse local pode observar-se (figura 37) o espraiar preguiçoso dessa Terra Ilustre pela margem direita da “Ribeira do Coice” – Ribeiro Cabrum, possibilitando a sua documentação fotográfica, focada na Ilustre Casa e em toda a paisagem que a circunda e lhe “presta vassalagem”.

A partir desse ponto de observação é possível avistar toda a vertente direita do Ribeiro Cabrum, até aos altos de Montemuro que dominam o horizonte.

E a “Torre” (figura 38) que na realidade pode não ser tão imponente como a descrita por Eça na obra que a perpétua, situa-se, no entanto, em local privilegiado, exercendo pleno domínio e destaque sobre a paisagem verdejante que a envolve.

⁶⁸ Localização Geográfica: 41°03'31.1"N 8°00'39.8"W



Autor: Felisberto Almeida em Junho de 2016

Figura 38 - Torre da Lagariça (Ilustre Casa de Ramires)

(...) avistava sempre a inspiradora da sua Novela - a Torre, a antiquíssima Torre, quadrada e negra sobre os limoeiros do pomar que em redor crescera, com uma pouca de hera no cunhal rachado, as fundas frestas gradeadas de ferro, as ameias e a miradoura (...) robusta sobrevivência do Paço acastelado, da falada Honra de Santa Irenéia, solar dos Mendes Ramires (...) (Queiroz, 1900, p. 5-6)

Continua-se pela estrada CM 1029, na margem esquerda do ribeiro Cabrum, próximo da localidade de Ramires, a cerca de 20 metros da placa indicativa do começo



Autor: Felisberto Ribeiro de Almeida - Em junho de 2016

Figura 39 - A Ilustre Casa de Ramires

da pequena aldeia pode fazer-se nova paragem⁶⁹.

Está-se mesmo defronte da Ilustre Casa, que se situa na outra margem, e percebe-se melhor desde aí (figura 39) toda a envolvência, podendo observar-se a divisão parcelar dos campos e toda a vegetação.

Pode vislumbrar-se, ao lado direito da “Ilustre Casa”, um não muito extenso, mas bastante denso bosque. Em seu redor observam-se campos de cultivo bem delineados. E sobre o lado esquerdo, à medida que a distância para a casa aumenta, e o ribeiro Cabrum vai ficando mais próximo, a densidade e intensidade do verde é cada vez maior, resultado da existência de um outro bosque que se prolonga até ao curso de água, além de se observar a existência de muita vegetação autóctone com predominância de inúmeros

⁶⁹ Localização Geográfica: 41°03'18.4"N 8°00'18.2"W

carvalhos.

Continua-se a viagem pela mesma estrada e atravessa-se a despovoada aldeia de Ramires, sobe-se em direção ao Montemuro e penetra-se cada vez mais na paisagem serrana. Passa-se a localidade de Pimeirô e vira-se à esquerda, no entroncamento com a CM 1030, em direção à aldeia serrana de Vale de Papas.

Esta aldeia foi alvo de intervenção, tendo em vista a sua recuperação. Vale de Papas pertence à União de Freguesias de Alhões, Bustelo, Gralheira e Ramires, que se situa em



Autor: Felisberto Ribeiro de Almeida - Em junho de 2016

Figura 40 - Forja com telhado em colmo

plena serra do Montemuro, a cerca de 1.000 metros de altitude, completamente envolvida pelo verde da vegetação.

É um lugar calmo, com um conjunto de casas em granito, onde se pode ainda constatar, em algumas delas, a existência de telhados de colmo (figura 40) e onde se pode observar algum gado bovino, ovino e

caprino a circular pela aldeia de e para os respetivos pastos.

É uma espécie de museu a céu aberto, aqui ainda se podem observar uma eira



Retirado de: <http://www.aldeasportugal.pt/fazer/1/1190/#.WV7jEYipn3> - Em 29 de junho de 2017

Figura 41 - Eira Comunitária de Vale de Papas

comunitária e diversos canastros (noutros locais designados espigueiros), onde as populações guardavam o milho, ao abrigo dos ratos e outros roedores, um tanque onde as mulheres lavavam a roupa, bebedouros em pedra para o gado e arruamentos estreitos com lajes de pedra gastas pelo tempo, pela erosão,

pelos homens e pelo gado. Não raro, encontram-se algumas casas construídas ao lado de grandes penedos maciços de granito.

Como noutras aldeias serranas, os meios de sobrevivência são a agricultura e a pastorícia. É uma aldeia economicamente pobre pelo que nela se produz, mas rica pelo que de belo e genuíno, oferecendo cenários de tempos idos (figura 41).

Aconselha-se, vivamente, um passeio pedestre por este lugar “esquecido no tempo”, de forma a desfrutar e fazer fruir todos os sentidos. Aqui, somos capazes de nos imaginarmos a viajar no passado, usufruindo de séculos de história.

Vale de Papas situa-se geograficamente próxima de Feirão, a aldeia mencionada por Eça de Queiroz no “*Crime do Padre Amaro*”, que é uma outra localidade serrana, já pertencente ao concelho de Resende e que se situa à mesma altitude.

(...) – Foi o ar da serra, – dizia o pároco – fez-me bem. – Contou então a sua triste existência em Feirão, na alta beira, durante a aspereza do Inverno, só, com pastores. O Cónego deitava-lhe o vinho do alto, fazendo-o espumar. (...) (Queiroz, 1880, p. 27)

De Vale de Papas, prossegue-se em direção a outro povoado serrano, ainda pertencente ao território da mesma União de Freguesias do concelho de Cinfães e igualmente bem preservado, a Gralheira. Aqui pode-se fazer uma pausa para se saborear alguns dos petiscos da cozinha tradicional local, mas não será mal pensado efetuar, antes do sol se pôr, uma última viagem nesse dia para visitar outras localidades serranas próximas, como, por exemplo, Rossão, Campo Benfeito, Cotelo e Feirão.

Esta opção permite o desfrutar de visões diferentes e fantásticas do Montemuro, que o fim do dia propícia, podendo vislumbrar-se traços da cultura ancestral serrana espalhados um pouco por todo o lado, com principal destaque na povoação de Cotelo e em seu redor, com alminhas em pedra, fontes, canastros e moinhos no rio Balsemão, local calmo e silencioso onde os ruídos dominantes são a água a correr nos ribeiros e os chocalhos do gado a pastar.

No entanto, também se pode observar alguma falta de genuinidade e preservação noutras localidades, principalmente em Feirão (figura 42).

Pelo que se pode vislumbrar, nesta localidade não existiu grande preocupação em preservar hábitos e imagens ancestrais.



Figura 42 - Feirão

A pequena aldeia é atravessada por uma estrada e constituída essencialmente por habitações de construção recente, modernizadas e eletrificadas.

Aliás o *site* da junta de freguesia⁷⁰ dá conta disso mesmo, pois pode ler-se como que em jeito de lamento...

Aldeia simples, humilde e pobre, a sua gente é boa, sincera e generosa. Há alguns anos atrás, era um lugar muito típico e de grande interesse turístico. As casas de colmo, os rebanhos numerosos e o modo de viver das suas gentes, eram de um interesse incalculável para quem desejasse recuar no tempo e encontrar as raízes do nosso viver quotidiano. Hoje, com a chegada do progresso material, cresceu muito o nível de conforto da sua população, mas desapareceram muitos costumes.

Sobra, pois, a contemplação da maravilhosa paisagem do Montemuro e, posteriormente, fazer a tal pausa degustativa, seguida de pernoita num dos alojamentos existentes na calmaria serrana, para que nos possamos sentir junto de Eça e próximo dos Deuses...

3.2.4. Partindo do Montemuro para percorrer Terras da *Ilustre Casa de Ramires* e dos *Maias*

No dia seguinte, um despertar madrugador, proporciona o (re) encontro com os pastores e respetivo gado, que se vai distendendo em redor das aldeias, pelos pastos do

⁷⁰ Disponível em: <https://cm-resende.pt/feirao>, última consulta em 25 de junho de 2017.

planalto serrano.



Autoc: Felisberto Ribeiro de Almeida - em junho de 2016

Figura 43 - Ponte da Panchorra

Apesar de ser menos importante e imponente que as outras, não deixa, porém, de ser um exemplo de uma secular infraestrutura comunitária.

Nesse local, está-se por perto da nascente do ribeiro e a água é tão limpa e transparente que até provoca o sentimento de que um banho nela lava tudo, até por dentro...

No inverno é comum encontrar-se a paisagem pintada de branco pela neve, mas na primavera e início do verão o verde é intenso e convidativo.

Retomada a viagem segue-se agora em direção a S. Cipriano. A estrada é bastante declivosa e, rapidamente, de altitudes superiores a 1.000 metros, desce-se para a ordem dos 500 metros.

A paisagem marcadamente serrana dá lugar a terras aráveis, onde a vinha começa a ocupar lugar de relevo, circundando os campos que por sua vez se vão enleando pelo meio das habitações e em seu redor.



Torre da Lagariça. Cliché de A. Cochofel em 1927 Retirado de: <http://monumentosdesaparecidos.blogspot.pt/2014/11/torre-da-lagarica-illustre-casa-de.html?m=1> em 12-06-2017

É São Cipriano (Santa Irenéia), onde se localiza a Casa da Torre da Lagariça, imortalizada por Eça de Queiroz na sua obra *A Ilustre Casa de Ramires* (figura 44)⁷¹.

(...) a Torre, a antiquíssima Torre, quadrada e negra sobre os limoeiros do pomar que em redor crescera, com uma pouca de hera no cunhal rachado, as fundas frestas gradeadas de ferro, as ameias e a miradoura (...) robusta sobrevivência do Paço acastelado, da falada Honra de Santa Irenéia, solar dos Mendes Ramires (...) (Queiroz, 1900: 5-6)

Esta Casa é pertença de particulares, difícil de ser visitada e está bastante mal conservada, no entanto pode ser apreciada de perto, pois há um caminho público que ladeia parte da Quinta permitindo que a propriedade possa ser observada (figura 45).



Autor: Felisberto Ribeiro de Almeida - em junho de 2016

Figura 45 - A Casa da Torre da Lagariça

De salientar que, de acordo com o *site* da Junta de Freguesia⁷², a Casa da Lagariça foi provavelmente uma “villa” romana e o nome de “Casa da Torre” provém da existência da antiquíssima torre, casteleja, que está anexa ao solar.

Ainda segundo o mesmo *site* o solar com a torre foi declarado por decreto em 29 de setembro de 1977

⁷¹ Torre da Lagariça. Cliché de A. Cochofel em 1927. Disponível em:

<http://monumentosdesaparecidos.blogspot.pt/2014/11/torre-da-lagarica-illustre-casa-de.html?m=1>, última consulta em 12 de junho de 2017.

⁷² Disponível em: <http://saocipriano.jfreguesia.com/turismo.php>, última consulta em 4 de julho de 2017.

“Imóvel de Interesse público”. Na verdade, apenas o foi a Torre⁷³.

São Cipriano é uma aldeia com casas relativamente dispersas, que, como se viu anteriormente, se estende por parte significativa da margem direita do Cabrum. Esta vertente embora não sendo muito declivosa, vai-se tornando mais acidentada à medida que se vai aproximando do rio.

Segundo o *site* da junta de freguesia⁷⁴, São Cipriano (figura 46) é uma localidade bastante antiga, e das mais importantes do julgado medieval de Aregos, tendo em conta as Inquirições de D. Afonso III de 1258. No entanto, a antiguidade de São Cipriano não se fica pelo século XIII. Ainda de acordo com o mesmo



Figura 46 - São Cipriano (igreja e envolvência)

site, um documento do ano 946, enumerava diversas vilas rústicas, das quais algumas haviam de pertencer mais tarde a esta freguesia.

Nesta aldeia também apelidada de “Aldeia da Música”, impera a calma, a tranquilidade e a simpatia da sua gente. Tal designativo tem uma explicação. Na verdade, apesar de ter pouca população residente, que, segundo o CENSOS de 2011 se cifra em 771 pessoas, tem 2 bandas de música, as Bandas Filarmónicas de São Cipriano “A Velha” e “A Nova”. Estas filarmónicas têm entre as duas um total de cerca de 100 músicos. Para além disso também têm uma escola de música cada uma, com diversos jovens em aprendizagem. É ainda a mesma fonte do *site* da junta de freguesia, que afirma que as duas bandas foram fundadas no século XIX “A Velha” em 1840 e “A Nova” em 1881. A nota curiosa é a de que embora não exista nenhuma ligação entre a fundação das Bandas Filarmónicas e Eça de Queiroz, a verdade é que remonta ao período de vida do escritor. A banda mais antiga “A velha”, formou-se cinco anos antes do seu nascimento.

⁷³ Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74674>, última consulta em 20 de setembro de 2017.

⁷⁴ Disponível em: <http://saocipriano.jfreguesia.com/historia.php>, última consulta em 4 de julho de 2017.

Passear por alguns dos locais da aldeia de São Cipriano e localidades limítrofes até Resende e daí para Lamego, proporciona, sem recurso a uma imaginação forte, o sentimento de estarmos a ser acompanhados por Eça, pelas suas palavras, pela sua escrita.

(...) Gonçalo Mendes Ramires (que naquela sua velha aldeia de Santa Irenéia, e na vila vizinha, a asseada e vistosa Vila-Clara, e mesmo na cidade, em Oliveira, todos conheciam pelo "Fidalgo da Torre") (...) (Queiroz, 1900: 5)
(...) a quinta que, dali, se abrangia até os álamos da ribeira do Coice e aos outeiros suaves de Valverde. (...) (Queiroz, 1900: 60)



Figura 47 - Cascata no Cabrum

A ribeira de Coice de Eça, ou seja, o rio Cabrum, permite que se efetuem passeios extremamente interessantes, pois, esta linha de água sinuosa, separa duas vertentes bastante acentuadas e oferece pontos de interesse únicos e majestosos; como por exemplo a visita às suas pontes românicas e a diversas cascatas, que, segundo o *site* da junta de freguesia⁷⁵ são “as Cascatas da Fírveda” (figura 47) que devem o seu nome provavelmente ao verbo ferver, dado que nas quedas de água do Cabrum a água parece ferver e evaporar-se.

Essas quedas de água situam-se ligeiramente a montante da Quinta da Torre da Lagariça (figura 44)⁷⁶. Outras situam-se na vizinha freguesia de Freigil, a jusante do Cabrum e perto da sua foz.

Após o almoço, pode aproveitar-se para dar mais um passeio por Santa Irenéia e, posteriormente, ir até ao miradouro Penedo de São João localizado em território pertencente à freguesia vizinha de Freigil, mas bem próximo de São Cipriano⁷⁷, e proporciona vistas fantásticas sobre a encosta da margem esquerda do Douro, abarcando o rio e a sua margem direita, visualizando-se inclusivamente toda a encosta de “Tormes”.

⁷⁵ Disponível em: <http://saocipriano.jfreguesia.com/turismo.php>, última consulta em 15 de julho de 2017.

⁷⁶ Localização Geográfica: 41°03'09.5"N 7°59'30.4"W

⁷⁷ Localização Geográfica: 41°04'54.1"N 8°00'13.4"W

E se deslocarmos o nosso olhar para a parte jusante do rio, mediante um impulso imaginativo, para lá das serras, como que cheiramos a maresia, lá para os lados da Foz do Douro...

Desde São Cipriano (Santa Irenéia) facilmente se chega a Santa Maria de Cárquere (Santa Maria de Craquede)⁷⁸, a Resende (Vila Clara)⁷⁹, às Termas de Caldas de Aregos⁸⁰ e até a Lamego (Cidade de Oliveira)⁸¹.

(...) meteu, alheado e sem reparar, pela estrada plantada de acácias que conduz ao Cemitério. E, naquele alto da Vila, donde, ao desembocar da Calçadinha, se abrange a largueza rica dos campos desde Valverde a Craquede (...) (Queiroz, 1900: 142)

Deixando-se para trás São Cipriano, ultrapassada a freguesia de São Romão, segue-se por Cárquere para Resende. Esta Terra, de acordo com o *site* da Junta de Freguesia de Cárquere⁸², é detentora de um imaginário forte, em que é difícil discorrer entre o que é a realidade dos factos e a fantasia das crenças e das lendas.

(...) junto à ponte da Portela, onde os campos se alargam, e da estrada se avista Vila Clara, que a lua branqueava toda, desde o convento de Santa Teresa, rente ao Chafariz, até o muro novo do cemitério, no alto, com os seus finos ciprestes. Para o fundo do vale, clara também no luar, era a igrejinha de Craquede, Santa Maria de Craquede, resto do antigo Mosteiro (...) Sob o arco, docemente, o riacho lento, arrastando entre os seixos, sussurrava na sombra (...) (Queiroz, 1900, p. 44)

⁷⁸ Localização Geográfica: 41°5'14.28"N 7°57'28.84"W

⁷⁹ Localização Geográfica: 41°6'22"N 7°57'47" W

⁸⁰ Localização Geográfica: 41°06'03.5"N 8°00'37.00"W

⁸¹ Localização Geográfica: 41°06'02.7"N 7°48'36.0"W

⁸² Disponível em: <http://carquere.jfreguesia.com/turismo.php>, última consulta em 16 de julho de 2017.

Destaca-se aqui o complexo monástico de Cárquere que, de acordo com a história



deste monumento, integrado na Rota do Românico⁸³, é notável pelo conjunto artístico e arquitetónico e pela sua acentuada ligação ao início da nacionalidade.

Acresce que Cárquere é uma localidade vizinha e sobranceira a Resende, ficando muito próximo da “Vila Clara” do Eça.

Figura 48 - Complexo Monástico de Cárquere

Assim, saídos de Cárquere, rapidamente se chega a Resende. Viradas para o Douro, e nas proximidades da Vila, são diversas as “antigas casas senhoriais”, umas mais imponentes, outras menos, espalhadas pela vertente da serra, desde Miomães a Barrô, passando por Caldas de Aregos, sendo muitos e diversificados esses casarões, com história e beleza arquitetónica.

A localidade de Caldas de Aregos é conhecida pelas suas termas que, segundo o *site* das Termas Caldas de Aregos⁸⁴, vêm de tempos anteriores à nossa nacionalidade e são reconhecidas devido ao valor medicinal das suas águas naturais, captadas a 62°C. O próprio *site* da Câmara Municipal de Resende⁸⁵, releva o facto de remontarem ao século XII, data da Construção de uma Albergaria a mando de D. Mafalda, Rainha de Portugal. Essa Albergaria foi precursora dos diversos balneários termais que se foram sucedendo ao longo dos tempos, sendo a atual balneário construído na íntegra na década de 90.

Depois de muitos anos de abandono, foram adquiridas pelo Município, tendo reaberto ao público a 1 de junho de 2009.

⁸³ Disponível em: <http://www.rotadoromanico.com>, última consulta em 16 de julho de 2017.

⁸⁴ Disponível em: <http://www.termas-caldasdearegos.com/website/index.php/as-termas/institucional>, última consulta em 17 de julho de 2017.

⁸⁵ Disponível em: <https://cm-resende.pt/termas-aregos>, última consulta em 17 de julho de 2017.



Figura 49 - Localidade de Caldas de Aregos

Caldas de Aregos (figura 49)⁸⁶ convive com a estação de Tormes, do outro lado do Douro, a namorá-la continuamente. Esta localidade é detentora de um agradável e muito próprio património arquitetónico, encontrando-se as casas dispostas em cascata, continuamente, a mirar as termas e o Douro.

No percurso entre Caldas de Aregos e Resende, passa-se por Anreade, onde existe uma igreja do século XVII (Igreja de S. Miguel de Anreade), arquitetonicamente interessante.

Observar os múltiplos solares, quintas e casas ricas de séculos passados, permite aproximar os nossos sentidos, ainda mais, da mística Queirosiana, pois Eça fala e por vezes apresenta diversas casas apalaçadas na Ilustre Casa de Ramires:

(...) A casa do Cavaleiro em Corinde era uma edificação dos fins do século XVIII, sem elegância e sem arte, pintada de amarelo, lisa e vasta, com quatorze janelas de frente, quase ao meio duma quinta chá, toda de terras lavradas. Mas uma avenida de castanheiros conduzia, com alinhada nobreza, ao pátio da frente, ornado por dois tanques de mármore. Os jardins conservavam a abundância esplêndida de rosas que os tornara (...) (Queiroz, 1900, p. 175)

Assim como apresenta em *Os Maias* o verde, a água (a grande riqueza das águas vivas) e toda a doçura com que esta região se nos oferece, ainda por aqui pode observar-se, em muitas quintas...

⁸⁶ Disponível em: http://2.bp.blogspot.com/-FsMuEZaXIoA/U8O9ZH_GH5I/AAAAAAAAAMqg/gs6nOZsFz1M/s1600/010+CALDAS+DE+AREGO_S.jpg, última consulta em 18 de julho de 2017.

Em Santa Olávia as chaminés ficavam acesas até Abril; depois ornavam-se de braçadas de flores, como um altar doméstico (...) Todavia, Afonso ainda ia longe, como ele dizia, de ser um velho borralheiro. Naquela idade, de verão ou de inverno, ao romper do sol, estava a pé, saindo logo para a quinta, depois da sua boa oração da manhã que era um grande mergulho na água fria. Sempre tivera o amor supersticioso da água; e costumava dizer que nada havia melhor para o homem - que sabor de água, som de água, e vista de água. O que o prendera mais a Santa Olávia fora a sua grande riqueza de águas vivas, nascentes, repuxos, tranquilo espelhar de águas paradas, fresco murmúrio de águas regantes... (Queiroz, s d, pp. 11-12)

Algumas destas quintas e casas apalaçadas estão agora transformadas em Casas de Habitação, Turismo Rural e ultimamente em alojamento local. Assim, chegada a noite, poder-se-á deliciar com um bom repasto tradicional num dos restaurantes existentes na região e passar mais uma noite ao lado do Eça, nas terras da sua escrita.

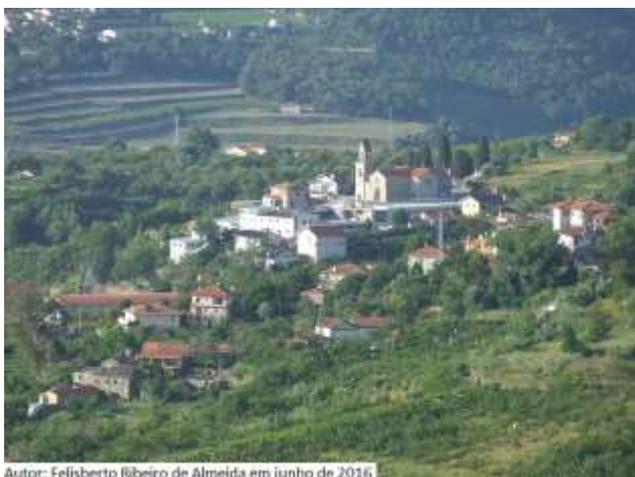


Figura 50 - Igreja de Resende

Mas antes, pode fazer-se um passeio por Vila Clara e visitar alguns dos locais carismáticos de Resende. Pode começar-se por visitar a Igreja (figura 50).

A Vila de Resende tem o cemitério e a sua Igreja Matriz num promontório sobranceiro à vila, como se estivessem sempre a velar por ela...

Depois Resende vai-se espreadando, ocupando um vale e declinando ligeiramente sobre o Douro, que continuamente lhe lava os pés. Cravada numa vertente do Montemuro é rica em verde e em água, a água que tanta tinta fez escrever a Eça.

(...) junto à ponte da Portela, onde os campos se alargam, e da estrada se avista Vila-Clara, que a lua branqueava toda, desde o convento de Santa Teresa, rente ao Chafariz, até o muro novo do cemitério, no alto, com os seus finos ciprestes. (...) (Queiroz, 1900, p. 44)

Em Resende podem observar-se construções modernas, próprias de uma pequena vila, que vão alternando com outras antigas e ainda rodeadas de vegetação, algumas ladeadas por campos cultivados.

Há um museu etnográfico instalado no edifício da antiga cadeia de Resende, tendo sido recuperado e ampliado em 2006⁸⁷.

E em frente à Câmara existe o jardim 25 de abril. Trata-se de um espaço verde aprazível, com água (um pequeno lago com chafarizes), onde se podem desfrutar agradáveis momentos de descanso, descontração e lazer.



Figura 51 - Casa de Vila Pouca em Resende

Entre a Igreja e o centro da vila localiza-se uma das casas emblemáticas de Resende, a Casa de Vila Pouca (figura 51), que dizem ter tantas portas e janelas quantos os dias do ano e que confronta com a quinta e Casa dos Sais, que é um solar do século XVIII, onde atualmente se encontra instalado o Seminário Menor da Diocese de Lamego⁸⁸.

Outro Solar que merece ser visitado é o Solar de Porto de Rei, próximo do rio douro, em terreno bastante clivoso, de socalcos. Segundo o *site* da Camara Municipal de Resende⁸⁹, foi mandado construir talvez no século XVI tendo sofrido alterações no século XVIII. É um Solar imponente, com capela privativa, tem brasão de armas e diversos salões interiores, com tetos em madeira de castanho, dispostos em luxuosas figuras geométricas.

O município de Resende também é afamado pela qualidade da cereja que produz, realizando um festival da cereja todos os anos no fim-de-semana seguinte ao quarto

⁸⁷ Museu Municipal de Resende. Disponível em: <http://www.portoenorte.pt/pt/o-que-fazer/museu-municipal-de-resende/>, última consulta em 20 de setembro de 2017.

⁸⁸ Solares de Resende. Disponível em: <http://solaresresende.blogspot.pt/2007/05/casa-de-vila-pouca.html>, última consulta em 20 de setembro de 2017.

⁸⁹ Disponível em: <https://cm-resende.pt/solares>, última consulta em 22 de julho de 2017.

domingo de maio⁹⁰.

É ainda famoso pela qualidade das suas cavacas, iguaria secular promovida através de um festival realizado em março⁹¹.

Após mais uma noite tranquila, num qualquer alojamento em espaço rural da região, pode-se aproveitar, no outro dia, pela manhã, para degustar uma destas iguarias, encetando, de seguida a viagem em direção a Lamego através, da estrada nacional 222.

Cerca de 9km, depois seguimos por um desvio à direita, através da M553, para São Martinho de Mouros, localidade ancestral, sede da freguesia com o mesmo nome, pertencente ao concelho de Resende, que segundo o *site* do Centro Nacional de Cultura⁹² já foi julgado de paz e concelho antes da nossa nacionalidade, com o primeiro foral concedido pelo rei de Leão e Castela e confirmado pela D. Teresa em 1121. Posteriormente teve foral Manuelino em 1513, tendo perdido a autonomia judicial em 1840 e sido extinto em 1855, e anexado ao concelho de Resende.

Embora sem qualquer ligação provada a Eça de Queiroz, existe a coincidência da anexação se ter verificado durante o período de vida do escritor.

Nesta localidade existe um pelourinho erigido no seu largo central, diante da antiga Casa da Câmara, que ainda segundo o *site* do Centro Nacional de Cultura, simbolizava a



Figura 52 - Igreja de São Martinho de Mouros

autonomia municipal de S. Martinho e as liberdades populares, sendo o local onde era aplicada a justiça.

Em São Martinho de Mouros existe também uma igreja (figura 52) que vale a pena ser visitada pormenorizadamente e que, segundo a Direção Geral do Património

⁹⁰ Festival da Cereja. Disponível em: <https://cm-resende.pt/559>, última consulta em 20 de setembro de 2017.

⁹¹ Produtos Tradicionais Portugueses – Cavacas. Disponível em: <https://tradicional.dgadr.gov.pt/en/categories/desserts-and-pastry/747-cavacas-de-resende>, última consulta em 20 de setembro de 2017.

⁹² Disponível em: http://www.e-cultura.pt/patrimonio_item/13401, última consulta em 26 de julho de 2017.

Cultural⁹³ “é uma das mais originais igrejas românicas portuguesas, pelas soluções construtivas empregues que lhe conferem um estatuto único na produção arquitetónica nacional dos séculos XII e XIII.”

Para além das tradições e do seu valor histórico, esta freguesia pertencente a “Vila Clara” prima também pela beleza paisagística.

Desde a Fonte da Mesa, na serra das Meadas, a mais de 1000 metros de altitude, onde se pode vislumbrar um imenso desfilar de penedias, espraia-se em direção ao Douro, por um território com declive acentuado, mas singular, recheado de penhascos e cabeços, que, de tão estranhamente fantástico, é capaz de dar asas ao imaginário de qualquer um.

Sobranceiro a São Martinho de Mouros existe um miradouro⁹⁴, o “Nicho do Imaculado Coração de Maria” de onde se pode avistar uma paisagem fantástica.

De um lado a localidade de São Martinho e a Serra onde se encontra encravada, do outro a sua declinação para o Douro, observando-se o rio e toda a sua envolvência magnificente.



Figura 53 - Solar da Soenga e o Douro

Com alguma atenção, pode observar-se desse miradouro outra das casas apalaçadas existentes no concelho de Resende, que pode ter servido de inspiração ao Eça. Está-se a falar da “Casa da Soenga” (figura 53), localizada ainda em território da freguesia de São Martinho de

Mouros, já próxima do Douro, cuja edificação⁹⁵ remonta a uma época avançada do século XVIII, mas provavelmente reconstruída sobre uma outra, seiscentista.

De São Martinho de Mouros até Lamego são cerca de 13 km, primeiro através da M1057 e depois da CM1067, passando por Avões, e seguindo pela M539 até Lamego.

⁹³ Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69846>, última consulta em 26 de julho de 2017.

⁹⁴ Localização Geográfica: 41°06'32.5"N 7°53'31.6"W

⁹⁵ Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/72919>, última consulta em 14 de agosto de 2017.

São cerca de 20 minutos de percurso automóvel até à cidade de Oliveira, cidade capital de distrito na obra *A Ilustre Casa de Ramires*.

Lamego é uma cidade muito antiga, remontando ao tempo dos romanos e reconquistada aos mouros em 1057 por Fernando Magno rei de Leão⁹⁶. Aqui terão decorrido as lendárias Cortes de Lamego, onde terá sido feita a aclamação de D. Afonso Henriques como Rei de Portugal e se estabeleceram as "Regras de Sucessão ao Trono".



Figura 54- Lamego, Diversos Monumentos

foi sede diocesana, a única do país não localizada em capital de distrito.

Lamego é considerada uma cidade histórica e monumental (figura 54), pois possui uma grande quantidade de edifícios de grande valor arquitetónico e patrimonial. O museu



Autor: Felisberto Ribeiro de Almeida em agosto de 2017

Figura 55 - Museu de Lamego

de Lamego⁹⁷ (figura 55) dá-nos a conhecer informação relevante sobre a história e grandeza desta cidade e de muitos dos seus edifícios, a começar pelo próprio edifício do Museu⁹⁸ que se encontra instalado no antigo paço episcopal e que se localiza no Largo de Camões, no centro da cidade.

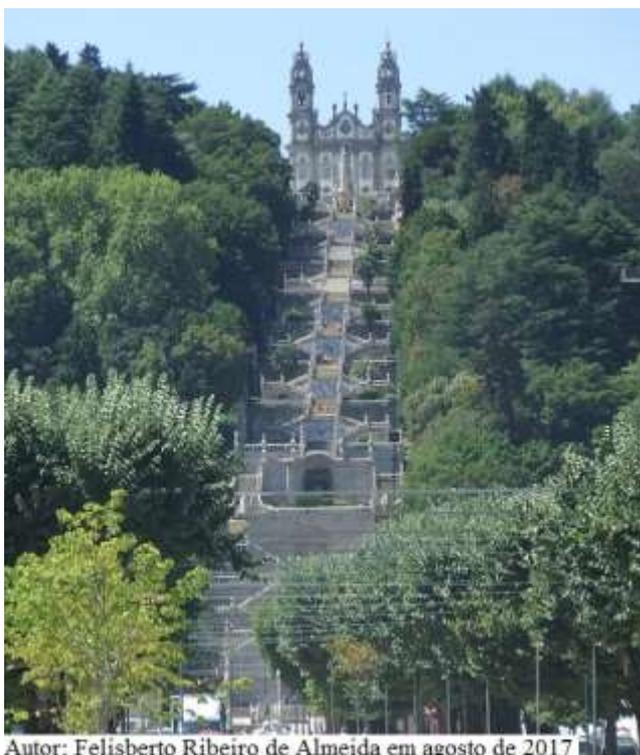
Este museu caracteriza-se pelo seu ecletismo, pois tem um rico espólio de mobiliário, tapeçarias, pintura, escultura, ourivesaria e paramentaria, maioritariamente do

⁹⁶ Disponível em: <http://www.cm-lamego.pt/municipio/historia>, última consulta em 29 de julho de 2017.

⁹⁷ Disponível em: <http://www.museudelamego.pt/historia/>, última consulta em 29 de julho de 2017.

⁹⁸ Localização Geográfica: 41°05'51.1"N 7°48'22.7"W

séc. XVIII⁹⁹ (coordenadas 41°05'50"N 7°48'22"O).



Autor: Felisberto Ribeiro de Almeida em agosto de 2017

Figura 56 - Santuário da Nª Srª dos Remédios

formando um dos mais representativos conjuntos do barroco. Aqui se realiza, todos os anos, a romaria à Senhora dos Remédios, que tem lugar nos dias 6,7 e 8 de setembro,



Autor: Felisberto Almeida em Agosto de 2017

Figura 57 - Antigo Seminário de Lamego

Se colocados de costas para o museu, com o largo de Camões pela frente, vê-se na sua continuidade uma das principais vias da cidade, que se estende até ao monumental escadório que faz a ligação ao Santuário de Nossa Senhora dos Remédios¹⁰⁰.

Segundo o *site* do Turismo de Portugal¹⁰¹, este Santuário (figura 56) é um dos espaços mais representativos da religiosidade popular na região do Douro, sendo o seu escadório datado do séc. XVIII,

atribuído a Nicolau Nasoni e formando um dos mais representativos conjuntos do barroco. Aqui se realiza, todos os anos, a romaria à Senhora dos Remédios, que tem lugar nos dias 6,7 e 8 de setembro, embora as festividades se prolonguem por cerca de 15 dias desde a última semana de agosto até ao dia 9 de setembro.

Se o visitante for suficientemente corajoso para subir (ou pelo menos descer) a imponente escadaria, pode fazer posteriormente uma pausa para se deliciar num dos muitos restaurantes existentes na

⁹⁹ Disponível em: Idem, última consulta em 29 de julho de 2017.

¹⁰⁰ Localização Geográfica: 41°05'29"N 7°49'01"W

¹⁰¹ Disponível em: <http://www.museudelamego.pt/historia/>, última consulta em 29 de julho de 2017.

cidade, continuando, após o repasto, a visita pelo vasto património arquitetónico de Lamego. Se levada em consideração a informação proporcionada pelo *site* do museu de Lamego, à direita do edifício onde este está instalado, situam-se o antigo Seminário Maior de Lamego (Jesus, Maria, Ana) um edifício dos séculos XVIII e XIX, que é atualmente propriedade do Exército Português, bem como o Teatro Ribeiro Conceição, que ocupa um palacete setecentista, que foi Hospital da Misericórdia e que até poderia ser este descrito por Eça:

(...) em Oliveira, à esquina do largo de El-Rei e da rua das Tecedeiras, num palacete que o Bacoco herdara, com largas terras, do seu tio Melchior, Deão da Sé (...) (Queiroz, 1900, p. 45)

Também se localizam próximo do museu a Sé Catedral¹⁰² e diversos solares dos



Autor: Felisberto Ribeiro de Almeida em Agosto de 2017

Figura 58 - Sé de Lamego

séculos XVII e XVIII, que albergam atualmente diferentes serviços.

Aqui facilmente mergulhamos de novo na escrita queirosiana recordando outra passagem da Ilustre Casa de Ramires:

(...) sempre no Paço do Bispo, na Biblioteca... Parece que se entretém a fazer um livro sobre os

Bispos.

- Bem sei, a História da Sé de Oliveira... (...) (Queiroz, 1900, p. 87)

De acordo com o *site* do turismo de Portugal¹⁰³, a Sé de Lamego tem origem no séc. XIII e é, hoje, um edifício sumptuoso com características góticas e barrocas, destacando-se no seu interior as pinturas das abóbadas da autoria de Nicolau Nasoni.

Em Lamego pode também visitar-se o seu castelo, as Caves da Raposeira e as

¹⁰² Localização Geográfica: 41°05'47"N 7°48'24"W.

¹⁰³ Disponível em:

<http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documents/Roteiros%20Turisticos%20Patrimonio%20Mundial%20Norte%202013.pdf>, última consulta em 19 de julho de 2017.

diversas quintas que ficam próximas da cidade, pois o concelho de Lamego já faz parte do alto Douro Vinhateiro Património da Humanidade, mas isso já serão outros percursos e outros estudos...

Considerações finais

Não podemos olvidar que, e tal como é afirmado nas conclusões de Reinventar o Turismo Rural em Portugal, de (Kastenholz...[et al.], 2014) só se poderão desenvolver propostas turísticas competitivas e sustentáveis nas áreas rurais com recurso aos elementos mais distintos, genuínos e identitários dos seus territórios e comunidades, se possível articulando os diversos agentes envolvidos no processo de desenho de oportunidades de cocriação de experiências turísticas, considerando que cada turista pode personalizar a seu próprio percurso/experiência.

Esta investigação aponta também no sentido da personalização da vivência turística. Cada um pode potenciar e explorar mais, uma ou outra vertente daquelas que foram apresentadas e pode segui-la de forma genuína, baseando-se sempre no cerne do que foi descrito por Eça nas suas obras.

São territórios que apesar de estarem, como se mostrou, em continuada perda de residentes, têm inúmeras potencialidades: beleza paisagística, genuinidade e património (material e imaterial), verificando-se estar a acontecer um progressivo aumento no número de unidades de alojamento, bem como de quartos e camas disponíveis de ano para ano, como que à espera que os leitores do Eça queiram fazer seus, os olhos dele.

A identidade dos territórios descritos nas obras de Eça sobre o Douro é consonante com a realidade atual.

Mais do que ler as suas obras, pode-se vivê-las.

Ouvir os sons, que Eça descreve, ter imagens semelhantes, cheirar, tatear... no fundo sentir prazeres idênticos a todos aqueles por ele descritos.

Mais de 100 anos depois da sua morte, pode sentir-se sua presença. E a genuinidade desta oferta turística, que pode ou não ser valorizada, não pode certamente ser produzida ou generalizada.

Esta investigação, deixa caminhos abertos ao aprofundamento, para outros que os queiram percorrer, nomeadamente através de estudos quantitativos, que possam fazer prova (ou não), do interesse do turismo cultural/literário para os agentes locais, para os

residentes, e para o seu desenvolvimento socioeconómico.

Terminamos com um extrato do artigo de opinião, *O Património é a base do turismo do futuro*:

O turismo da atualidade, e aquele que vai afirmar-se e definir o futuro, está associado a estes mesmos padrões das viagens de todas as civilizações. Já escrevemos antes: o turismo é intemporal, porque é uma marca civilizacional. O turismo de hoje e do futuro vão ser iguais ao turismo de ontem e de sempre: o que nos persegue mesmo é a vontade de viajar e de abraçar, de uma forma crescente, novas e desafiantes fronteiras. O desafio do turismo emergente está na adrenalina da descoberta dos patrimónios natural e construído, e na capacidade de se conseguir elaborar a partir daí. (Costa, 2016).

Esta adrenalina sentiu-se no trabalho de campo para a realização deste estudo.

Esta adrenalina será certamente sentida por todos aqueles que o queiram testar, assim o esperamos e desejamos, experimentem....

Referências

- Añel, I., & Vila, N. (2016). “*Turismo Literario en Ourense: Situación en 2015 e Perspectivas*”. Revista Galega de Economía, 25-1, 87-108. Disponível em: <http://www.usc.es/econo/RGE/Vol25/rge2517.pdf>, última consulta em 10 de setembro 2017.
- Azevedo, N. (2010). *Tempos de Mudança nos Territórios de Baixa Densidade. As dinâmicas em trás-os-montes e alto douro*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Barreto, M. (2007). *Turismo y cultura. Relaciones, contradicciones y expectativas*, 176. El Sauzal, Tenerife: ACA y Pasos. Disponível em: www.pasosonline.org, última consulta em 9 de setembro de 2017.
- Brettell, Caroline B. (1991). *Homens que Partem, Mulheres que Esperam - Consequências da Emigração numa Freguesia Minhota*. Lisboa, D. Quixote.
- Carvalho, I. (2009). *Turismo Literário e Redes de Negócios: Passear em Sintra com os Maias*. Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10773/1691>, última consulta em 10 de setembro de 2017.
- Centro Nacional de Cultura | e-cultura (2017). *Roteiro Queirosiano* Disponível em: <http://www.e-cultura.sapo.pt/artigo/19321>, última consulta em 20 de agosto de 2017.
- Comboios de Portugal (2017). *Comboio Histórico do Douro*. Disponível em: <https://www.cp.pt/passageiros/pt/como-viajar/em-lazer/cultura-natureza/comboio-historico>, última consulta em 8 de janeiro de 2017.
- Comboios de Portugal (2017). *Consultar horários*. Disponível em: <https://www.cp.pt/passageiros/pt/consultar-horarios>, última consulta em 8 de janeiro de 2017.
- Comboios de Portugal (2017). *Horários comboios regionais – Linha do Douro*. Disponível em: https://www.cp.pt/StaticFiles/Passageiros/horarios/horarios/PDF/r_ir_uc/porto_regua_pocinho.pdf, última consulta em 8 de janeiro de 2017.

- Comissão Europeia (2017) Setor do Turismo – Turismo Cultural. Disponível em: https://ec.europa.eu/growth/sectors/tourism/offer/cultural_pt, última consulta em 27 de agosto de 2017.
- Condesso, F. (2011). *Desenvolvimento rural, património e turismo*. Cuadernos de Desarrollo Rural, Enero-Junio, 197-222. Disponível em: <http://www.redalyc.org/comocitar.oa?id=11718604008>, última consulta em 3 de setembro de 2017.
- Correia, M. C., et al. (2009). *Guia de observação do património rural*. Lisboa: Direção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural. Disponível em: http://www.dgadr.gov.pt/images/docs/div_meiorural/i010464.pdf, última consulta em 19 de agosto de 2017.
- Costa, A. (1929-1949). *Dicionário corográfico de Portugal Continental e Insular: hidrográfico, histórico, orográfico, biográfico, arqueológico, heráldico, etimológico*. Porto: Livraria Civilização, 12 vol.
- Costa, C., (2016). *O Património é a base do turismo do futuro*. Gerir & Liderar. Disponível em: <http://gerireliderar.com/o-patrimonio-e-a-base-do-turismo-do-futuro/>, última consulta em 27 de setembro de 2017.
- Daveau, S. (2016). *Passado, Presente e Futuro das Serras do Norte de Portugal: duas Análises Geográficas*. Finisterra, LI, 101, 2016, pp. 133-136 recensão. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/9537/6894>, última consulta em 22 de Junho de 2016.
- Escritores a Norte Disponível em: <http://www.escritoresanorte.pt/> , última consulta em 22 de Junho de 2016.
- Ferreira, C., Pina, H., & Leal, E. (2012). *Paisagens rurais efémeras...espaços rurais em (trans) formação*. D. Royé, J. A. A. Vázquez, M. V. Díaz, M. P. Otón, & M. J. P. Mantiñán (Orgs.), *XIII Coloquio Ibérico de Geografía: Respuestas de la Geografía Ibérica a la crisis actual*. S. Tiago de Compostela: APPORT: 1407-1419.
- Figueira, L.M. (2010). *Manual para Elaboração de Roteiros de Turismo Cultural*. Instituto Politécnico de Tomar. Fevereiro 2013 (e-book, sob original de 2010).

- Disponível em: <http://www.cespoga.ipt.pt/new/>, última consulta em 8 de abril de 2017.
- Figueiredo, S. & Ruschmann, D. (2004). “*Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas*”. *Novos Cadernos NAEA*, v. 7, n. 1, 155-188.
- Fundação Eça de Queiroz (2017). Disponível em: <http://feq.pt/>, última consulta em 20 de Janeiro de 2017.
- Google Maps (2016). *Panorâmio*. Disponível em: <http://www.panoramio.com>, última consulta em 30 de dezembro de 2016.
- Henriques, C. & Quinteiro, S. (2011). *O Turismo Literário. Olhão sob a perspetiva de João Lúcio*. Book of proceedings, I – international conference on tourism & management studies, 600-608. Algarve. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5018536>, última consulta em 10 de setembro de 2017.
- Instituto Nacional de Estatística (2016). Disponível em: <http://www.ine.pt>, última consulta em 24 de novembro de 2016.
- Jornal Público, (2010). “*Quando a literatura é turismo*”. Disponível em: <https://www.publico.pt/viagens/jornal/quando-a-literatura-e-turismo-19243805>, última consulta em 10 de setembro de 2017.
- Kastenholz E....[et al.] (coord.). (2014). *Reinventar o turismo rural em Portugal: cocriação de experiências turísticas sustentáveis*. Aveiro: UA Editora.
- Marujo, N. (2015). “O estudo académico do turismo cultural”, *Revista Turydes: Turismo y Desarrollo*, n. 18 (junio 2015). Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/turydes/18/turismo-cultural.html>, última consulta em 28 de agosto de 2017.
- Matos, A. C. (Org. e Coord.). (2015). *Dicionário de Eça de Queiroz* (3ª ed). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Peralta, E. (2000). *Património e identidade. Os desafios do Turismo cultural*. I.S.C.S.P.
- Pereira, V. (2014). *A Ditadura de Salazar e a Emigração. O Estado português e os seus emigrantes em França (1957-1974)*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Pereiro Pérez, X. (2003). *Patrimonialização e transformação das identidades culturais*.

- In Portela, J. e Castro Caldas, J. (coords.). Portugal Chão. Oeiras: Celta editora, pp. 231-247.
- Pereiro Pérez, X. (2009). *Turismo Cultural. Uma visão antropológica*. El Sauzal, Tenerife: ACA y PASOS, RTPC. 307p. Disponível em: <https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/4613/1/livro%20tc%20xerardo.pdf>, última consulta em 14 de agosto de 2017.
- Pillet, F. (2014). *El paisaje literario y su relación con el turismo cultural*. Cuadernos de Turismo, nº 33, pp. 297-309. Disponível em: <http://revistas.um.es/turismo/article/view/195751/160451>, última consulta em 28 de setembro de 2017.
- Queiroz, J.M.E.d. (1950). *A Cidade e As Serras* (de acordo com 1ª edição 1901) Porto: Lello & Irmão.
- Queiroz, J.M.E.d. (s.d). *A Ilustre Casa de Ramires* (de acordo com 1ª edição 1900). Lisboa: Livros do Brasil.
- Queiroz, J.M.E.d. (s.d). *O Crime do Padre Amaro* (de acordo com 2ª edição 1880). Porto: Lello & Irmão.
- Queiroz, J.M.E.d. (s.d). *Os Maias* (de acordo com 1ª edição 1888). Lisboa: Livros do Brasil.
- Richards G., (1996, ed.). *Cultural Tourism in Europe*. CABI, Wallingford. Recuperado em 22 de Novembro de 2015 de Association for Tourism and Leisure Education (ATLAS) www.atlas-euro.org.
- Richards, G. (2009). *Turismo cultural: Padres e implicaes*. In de Camargo, P. and da Cruz, G. (eds) *Turismo Cultural: Estratégias, sustentabilidade e tendências*. UESC: Bahia, pp. 25-48.
- Richards, G. (2011). *Cultural tourism trends in Europe: a context for the development of Cultural Routes*. In: Khovanova-Rubicondo, K. (ed.) *Impact of European Cultural Routes on SMEs' innovation and competitiveness*. Strasbourg: Council of Europe Publishing, pp. 21-39. Disponível em: http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/culture/routes/StudyCR_en.pdf, última consulta em 8 de setembro de 2017.

- Simões, M. L. N., (2008). *Da Literatura ao Turismo – considerações no âmbito da América Latina* in *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, p. 135 - 144, jan./jul. 2008. Disponível em: http://www.uesc.br/icer/artigos/daliteraturaaoTurismo_ticasimoes.pdf, última consulta em 27 de Março de 2017.
- Turismo de Portugal. (2015). *Guias técnicos: Museus e Monumentos*. Disponível em: <http://guiastecnicos.turismodeportugal.pt/pt/museus-monumentos>, última consulta em 20 de novembro de 2015.
- Turismo de Portugal. (2015). *Guias técnicos: Portugal contemporâneo, introdução*. Disponível em: <http://guiastecnicos.turismodeportugal.pt/pt/contemporaneo>, última consulta em 20 de novembro de 2015.
- Turismo de Portugal. *Registo Nacional de Turismo* Disponível em: <https://rnt.turismodeportugal.pt/RNT/ConsultaRegisto.aspx> , última consulta em 23 de setembro de 2017.
- Uccella, F., (2013). *Manual de patrimonio literario: espacios, casas-museo y rutas*. Gijón: Trea,
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO). Disponível em: <https://ich.unesco.org/es/> última consulta em 11 de setembro de 2017
- United Nations World Tourism Organization (UNWTO) (2004). *Tourism Market Trends*. Madrid: UNWTO Elibrary. Disponível em: <http://www.e-unwto.org/> última consulta em 9 de setembro de 2017.
- Universidade Técnica de Lisboa . *Antropologicas*, 4, 217-224
- Visão *on-line* (2014, Setembro 4). *Desertificação: O Portugal que fecha*. Disponível em: <http://guiastecnicos.turismodeportugal.pt/pt/museus-monumentos> - última consulta em: 24 de novembro de 2015.

Anexos

Anexo I – Transcrições de *A Cidade e as Serras*

A Cidade e as Serras – Transcrição de descrições de Lugares e Paisagens

O livro "A Cidade e as Serras" foi publicado em 1901¹⁰⁴ após a morte do seu autor, Eça de Queiroz. Nele são retratadas paisagens e lugares a saber:

“A sua quinta e casa senhorial de Tormes, no Baixo Douro, cobriam uma serra. Entre o Tua e o Tinhela, por cinco fartas léguas, todo o torrão lhe pagava foro. E cerrados pinheirais seus negrejavam desde Arga até ao mar de Âncora.” (Queiroz, 1950, p. 5)

“(…) me ordenava que recolhesse à nossa casa de Guiães, no Douro!” (Queiroz, 1950, p.19).

“(…) Brás das Cortes (…)

“(Queiroz, 1950, p. 21) – **Casa do Brás que ficava nas “Cortes”, eventualmente será um lugar junto a Guiães)**

“(…) rudeza e atolado atraso da minha Guiães, onde desde séculos a alma das laranjas permanece Ignorada e desaproveitada dentro dos gomos sumarentos, por todos aqueles pomares que ensombram e perfumam o vale, da Roqueirinha a Sandofim! (…)” (Queiroz, 1950, p. 35)

“(…) por cima dos pinheirais. As rãs coaxavam ao longe no Pego da Dona. A ermida de S. Joaquim branquejava no cabeço, nuazinha e cândida...(…)“ (Queiroz, 1950, p. 72)

“(…) No pátio da nossa casa ladravam os cães. De além do ribeiro respondiam os cães do João saranda. Como me encontrei descendo por uma quelha, sob as ramadas, com o meu varapau ao ombro? E sentia, entre a seda das cortinas, num fino ar macio, o cheiro das pinhas estalando nas lareiras, o calor dos currais através das sebes altas, e o sussurro dormente das levadas... (…)” (Queiroz, 1950, p. 72-73)

“(…) Sobre a sua quinta e solar de Tormes, por toda a serra, passara uma tormenta devastadora de vento, corisco e água. Com as grossas chuvas, «ou por outras causas que os peritos dirão» (como exclamava na sua carta angustiada o procurador Silvério), um pedaço de monte, que se avançava em socalcos sobre o vale da Carriça, desabara,

¹⁰⁴ Retirado do site da fundação Eça de Queiroz: <http://www.feq.pt/cronologia-de-edicoes-postumas.html> - última consulta em: 22-07-2015, última consulta em 30 de março de 2015.

arrastando a velha igreja, uma igreja rústica do século XVI, onde jaziam sepultados os avós de Jacinto desde os tempos de el-rei D. Manuel. (...)” (Queiroz, 1950, p. 81)

“(...) E toda a noite me interrogou acerca da serra e de Tormes, que eu conhecia desde pequeno, porque o velho solar, com a sua nobre alameda de faias seculares, se erguia a duas léguas da nossa casa, no antigo caminho de Guiães à estação e ao rio. (...)” (Queiroz, 1950, p. 81-82)

Pela descrição, a casa de Tormes estava a duas léguas de Guiães e num caminho antigo de Guiães à estação e ao rio. Ou seja, Guiães fica num plano mais elevado a cerca de duas léguas da casa de Tormes.

Em Portugal, durante o período de transição das antigas unidades de medida para o sistema métrico, por Decreto de 2 de Maio de 1855, foi estabelecida a légua métrica, equivalente a 5.000 metros.¹⁰⁵

Assim, poder-se-á inferir ser Guiães uma localidade localizada a cerca de 10.000 metros da “Casa de Tormes”, num plano mais elevado e interior ao Douro, logo Guiães poderá ser a atual vila de Baião.

“(...) O caseiro de Tormes, o bom Melchior, era cunhado do nosso feitor da Roqueirinha — e muitas vezes, depois da minha intimidade com Jacinto, eu entrara no robusto casarão de granito, e avaliara o grão espalhado pelas salas sonoras, e provara o vinho novo nas adegas imensas...

— E a igreja, Zé Fernandes? Entraste na igreja?

— Nunca... Mas era pitoresca, com uma torrezinha quadrada, toda negra, onde há muitos anos vivia uma família de cegonhas... Terrível transtorno para as cegonhas! (...)” (Queiroz, 1950, p. 82)

“Durante sete furiosas semanas perdi a consciência da minha personalidade de Zé Fernandes — Fernandes de Noronha e Sande, de Guiães!” (Queiroz, 1950, p. 89)

“(...) linda promessa das vinhas, e da compota de ginja que nunca lhe saíra tão fina, e da alegre fogueira do pátio em noite de S. João (...)” (Queiroz, 1950, p. 93)

Referindo-se a Tormes: “ Uma casa que data de 1410 (...) ” (Queiroz, 1950, p. 137)

¹⁰⁵ Retirado no site da revista militar em: http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=500, última consulta em 30 de março de 2015.

“(…) É minha prima Joanhina, de Sandofim, da Casa da Flor da Malva.” (Queiroz, 1950, p. 139)

Data da partida para Tormes: (11 de Abril) como se pode inferir da leitura abaixo.

“(…) Irra! São cinco de Abril é o bom tempo da serra! (...) Hoje é domingo (...) partimos no sábado!...” (Queiroz, 1950, p. 144)

Na sua viagem de Comboio entre Paris e Tormes, Zé Fernandes e Jacinto vinham a dormir no comboio e chegaram à fronteira entre Espanha e Portugal:

“(…) Depois, muito tarde e muito longe, percebi junto do meu catre, na claridadezinha da manhã, coada pelas cortinas verdes, uma fardeta, um boné, que murmuravam baixinho com imensa doçura:

— Vossas Excelências não têm nada a declarar?... Não há malinhas de mão?... **Era a minha terra!** Murmurei baixinho com imensa ternura: — Não temos aqui nada...” (Queiroz, 1950, p. 154, 155)

Passaram a fronteira e, após algum tempo de viagem em que eles dormitaram, o comboio para numa estação, algures entre a fronteira com Espanha e a Régua, que nos é descrita da seguinte forma:

“(…) Era uma **estação** muito sossegada, muito varrida, com **rosinhas brancas** trepando pelas paredes — e outras rosas em moitas, num jardim, onde um **tanquezinho** abafado de limos dormia sob duas **mimosas em flor** que rescendiam. (...)”

Pela descrição da estação e pelo “tanquezinho” poderá ser a estação do Côa.

(...) Agachada rente à **grade da horta**, uma velha, diante da sua cesta de ovos, contava moedas de cobre no regaço. **Sobre o telhado** secavam **abóboras**. Por cima rebrilhava o profundo, rico e macio azul de que meus olhos andavam aguados. (...) – Acorda, homem, que estás na tua terra! (...) Então **é Portugal**, hein?... **Cheira bem.**” (Queiroz, 1950, p. 155)

Descrição da continuação do percurso pela linha do Douro:

“(…) Rolávamos **na vertente de uma serra**, sobre penhascos que desabavam até largos socialcos cultivados de vinhedo. Em baixo, numa esplanada, branquejava uma casa nobre, de opulento repouso, com a capelinha muito caiada entre um laranjal maduro. Pelo rio, onde a água turva e tarda nem se quebrava contra as rochas, descia, com a vela cheia, um

barco lento carregado de pipas. Para além, outros socalcos, de um verde pálido de reseda, com oliveiras apoucadas pela amplidão dos montes, subiam até outras penedias que se embebiam, todas brancas e assoalhadas, na fina abundância do azul. Jacinto acariciava os pelos corredios do bigode:

– O Douro, hein?... É interessante, tem grandeza. (...)“ (Queiroz, 1950, p. 156)

“(...) quando o comboio, muito sorrateiramente, penetrou numa estação. Era a Régua. (...) E nesse instante o comboio, largando, deslizou com o mesmo silêncio sorrateiro. (...)“ (Queiroz, 1950, p. 157)

“(...) Paciência, Jacinto. Em duas horas estamos na estação de Tormes... (...)” (Queiroz, 1950, p. 158)

Falando da subida da estação de Tormes até à casa de Tormes – subida da quota 60m até à quota 350m¹⁰⁶.

“(...) – Que tempo leva a subir?

Uma hora. Depois de lavados sobrava tempo para um demorado passeio pelas terras com o caseiro, o excelente Melchior, para que o senhor de Tormes, solenemente, tomasse posse do seu senhorio. E à noite o primeiro bródio da serra, com os pitéus vernáculos do velho Portugal! (...)“ (Queiroz, 1950, p. 158)

Percurso entre Régua e Tormes:

– Que casarão é aquele, além no outeiro, com a torre? Eu não sabia. Algum solar de fidalgo do Douro... Tormes era nesse feitio atarracado e maciço. Casa de séculos e para séculos — mas sem torre.

– E logo se vê, da estação, Tormes?... — Não! Muito no alto, numa prega da serra, entre arvoredo (...)“ (Queiroz, 1950, p. 158, 159)

Descrevendo a estação de Tormes:

“(...) e ambos em pé, às janelas, esperámos com alvoroço a pequenina estação de Tormes, termo ditoso das nossas provações. Ela apareceu enfim, clara e simples, à beira do rio, entre rochas, com os seus vistosos girassóis enchendo um jardimzinho breve, as

¹⁰⁶ Retirado de: <http://www.feq.pt/o-caminho-de-jacinto.html>, última consulta em 16 de maio de 2016.

duas altas figueiras assombreado o pátio, e por trás a serra coberta de velho e denso arvoredo... (...)” (Queiroz, 1950, p. 159)

“ (...) Então o carregador lembrou que perto, no Casal da Giesta. Ainda pertencente a Tormes, o caseiro, seu compadre, tinha uma boa égua e um jumento... E o prestante homem enfiou numa carreira para a Giesta (...) O rio defronte descia, preguiçoso e como adormentado sob a calma já pesada de Maio, abraçando, sem um sussurro, uma larga ilha de pedra que rebrilhava. Para além a serra crescia em corcovas doces, com uma funda prega onde se aninhava, bem junta e esquecida do mundo, uma vilazinha clara. O espaço imenso repousava num, imenso silêncio. Naquelas solidões de monte e penedia os pardais, revoando no telhado, pareciam aves consideráveis. (...)” (Queiroz, 1950, p. 162)

Com a barragem e a respetiva subida da água do rio, já não se vislumbra qualquer ilha.

Descrição da subida da estação de Tormes para a casa de Tormes – o atual Caminho de Jacinto.

“ (...) E começámos a trepar o caminho, que não se alisara nem se desbravara desde os tempos em que o trilhavam, com rudes sapatos ferrados, cortando de rio a monte, os Jacintos do século XIV! Logo depois de atravessarmos uma trémula ponte de pau, sobre um riacho quebrado por pedregulhos, o meu Príncipe, com o olho de dono subitamente aguçado, notou a robustez e a fartura das oliveiras... – E em breve os nossos males desapareceram perante a incomparável beleza daquela serra bendita! “ (Queiroz, 1950, p. 162-163)

“ (...) A grandeza igualava a graça. Para os vales, poderosamente cavados, desciam bandos de arvoredos, tão copados e redondos, de um verde tão novo, que eram como um musgo macio onde apetecia cair e rolar. Dos pendores, sobranceiros ao carreiro fragoso, largas ramarias estendiam o seu toldo amável, a que o esvoaçar leve dos pássaros sacudia a fragrância. Através dos muros seculares, que sustentam as terras liados pelas heras, rompiam grossas raízes coleantes a que mais hera se enroscava. Em todo o torrão, de cada fenda, brotavam flores silvestres. Brancas rochas, pelas encostas, alastravam a sólida nudez do seu ventre polido pelo vento e pelo sol; outras, vestidas de lichen e de silvados floridos, avançavam como proas de galeras enfeitadas: e, dentre as que se apinhavam nos cumos, algum casebre que para lá galgara, todo amachucado e torto, espreitava pelos

postigos negros, sob as desgrenhadas farripas de verdura, que o vento lhe semeara nas telhas. Por toda a parte a água sussurrante, a água fecundante... Espertos regatinhos fugiam, rindo com os seixos, de entre as patas da égua e do burro; grossos ribeiros açodados saltavam com fragor de pedra em pedra; fios direitos e luzidios como cordas de prata vibravam e faiscavam das alturas aos barrancos; e muita fonte, posta à beira de veredas, jorrava por uma bica, beneficemente, à espera dos homens e dos gados... Todo um cabeço por vezes era uma seara, onde um vasto carvalho ancestral, solitário, dominava como seu senhor e seu guarda. Em socalcos verdejavam laranjais rescendentes. Caminhos de lajes soltas circundavam fartos prados com carneiros e vacas retouçando — ou mais estreitos, entalados em muros, penetravam sob ramadas de parra espessa, numa penumbra de repouso e frescura. Trepávamos então alguma ruazinha de aldeia, dez ou doze casebres, sumidos entre figueiras, onde se esgaçava, fugindo do lar pela telha vã, o fumo branco e cheiroso das pinhas. Nos cerros remotos, por cima da negrura pensativa dos pinheirais, branquejavam ermidas. O ar fino e puro entrava na alma, e na alma espalhava alegria e força. Um esparso tilintar de chocalhos de guizos morria pelas quebradas...

Jacinto adiante, na sua égua ruça, murmurava: – Que beleza! (...)

(...) Frescos ramos roçavam os nossos ombros com familiaridade e carinho. Por trás das sebes, carregadas de amoras, as macieiras estendidas ofereciam, as suas maçãs verdes, porque as não tinham maduras. Todos os vidros de uma casa velha, com a sua cruz no topo, refulgiram hospitaleiramente quando nós passámos. Muito tempo um melro nos seguiu, de azinheiro a olmo, assobiando os nossos louvores.“ (Queiroz, 1950, p. 163-164)

(...) Assim, vagorosamente e maravilhados, chegámos àquela avenida de faias, que sempre me encantara pela sua fidalga gravidade. (...) E ao fundo das faias, com efeito, aparecia o portão da quinta de Tormes, com o seu brasão de armas, de secular granito, que o musgo retocava e mais envelhecia. (...) E quando (...) transpusemos o limiar solarengo, desceu para nós, do alto do alpendre, pela escadaria de pedra gasta, um homem nédio (...)” (Queiroz, 1950, p. 165)

“ (...) como se o negro muro do casarão pudesse desabar.” (Queiroz, 1950, p. 165)

“ (...) em Setembro para a vindima.” (Queiroz, 1950, p. 166)

“ (...) só vires comigo para **Guiães...** Mas são **duas horas fartas a cavalo.** (...) O melhor é **ver o casarão,** comer **a boa galinha** que o nosso amigo Melchior nos assa no espeto, dormir numa **enxerga,** e amanhã cedo, antes do calor, **trotar para cima, para a tia Vicência.**” (Queiroz, 1950, p. 166)

“ (...) E **subiu a gasta escadaria do seu solar** (...) Em cima **uma larga varanda** acompanhava a fachada do casarão, sob um alpendre de **negras vigas,** toda ornada, por **entre os pilares de granito,** com **caixas de pau onde floriam cravos.** Colhi um cravo amarelo – e penetrei atrás de Jacinto nas **salas nobres** (...) **enormes,** de uma **sonoridade de casa capitular** com **os grossos muros enegrecidos pelo tempo e o abandono,** e **regeladas, desoladamente nuas,** conservando apenas aos cantos algum **monte de canastras** ou alguma **enxada entre paus.** Nos **tetos remotos, de carvalho apainelado** (...) **as janelas,** sem **vidraças,** conservavam essas **maciças portadas, com fechos para as trancas** (...) Sob os nossos passos, aqui e além, **uma tábu**a podre rangia e cedia. (...) **noutras salas, o soalho** alternava com **remendos de tábuas novas.** Os mesmos **remendos claros mosqueavam os velhíssimos tetos de rico carvalho sombrio.** As **paredes repeliam pela alvura crua da cal fresca.** E o sol mal atravessava as **vidraças** — embaciadas e gordurentas da massa e das mãos dos vidraceiros. (...) Penetrámos enfim na **última, a mais vasta, rasgada por seis janelas, mobilada com um armário e com uma enxerga parda e curta estirada a um canto:**” (Queiroz, 1950, p. 167)

“ (...) Através das **janelas escancaradas, sem vidraças,** **o grande ar da serra entrava e circulava como num eirado, com um cheiro fresco de horta regada.** Mas o que **avistávamos, da beira da enxerga, era um pinheiral cobrindo um cabeça e descendo pelo pendor suave,** à maneira de uma **hoste em marcha, com pinheiros na frente, destacados, direitos, emplumados de negro; mais longe as serras de além-rio, de uma fina e macia cor de violeta; depois a brancura do céu, todo liso, sem uma nuvem,** de uma **majestade divina.** E **lá de baixo, dos vales,** subia, desgarrada e melancólica, uma **voz de pegureiro cantando.** Jacinto caminhou lentamente para **o poial de uma janela** (...) Vim **ajoelhar sobre o outro poial, alongando os olhos consolados por céu e monte:**

– **É uma beleza!** “ (Queiroz, 1950, p. 168)

“ (...) — **É uma lindeza...** E que **paz!**

Sob a janela vicejava fartamente uma horta, com repolho, feijoal, talhões de alface, gordas folhas de abóbora rastejando. Uma eira, velha e mal alisada, dominava o vale, donde já subia tenuemente a névoa de algum fundo ribeiro. Toda a esquina do casarão desse lado se encravava em laranjal. E duma fontinha rústica, meio afogada em rosas tremedeiras, corria um longo e rutilante fio de água. (...) por outra porta baixa, de rigíssimas umbreiras, mergulhámos numa sala, alastrada de caliça, sem teto, coberta apenas de grossas vigas, donde se ergueu uma revoada de pardais. (...) descemos por uma lôbrega escada de castelo, tenteando depois um corredor tenebroso de lajes ásperas, atravancado por profundas arcas (...) Ao fundo a cozinha, imensa, era uma massa de formas negras, madeira negra, pedra negra, densas negruras de felugem secular. E neste negrume refulgia a um canto, sobre o chão de terra negra, a fogueira vermelha, lambendo tachos e panelas de ferro, despedindo uma fumarada que fugia pela grade aberta no muro, depois por entre a folhagem dos limoeiros. Na enorme lareira (...) negrejava um poeirento montão de cestas e ferramentas; e a claridade toda entrava por uma porta de castanho, escancarada sobre um quintalejo rústico em que se misturavam couves lombardas e junquinhos formosos. Em roda do lume um bando alvoroçado de mulheres depenava frangos, remexia as caçarolas, picava a cebola, com um fervor afogeuado e palreiro. “ (Queiroz, 1950, p. 169-170)

“ (...) podiam ir dormir aos *Ninhos* a casa do Silvério. Tinham lá camas de ferro, lavatórios... Ele sempre é uma leguazita e mau caminho... (...) Até gosto mais de dormir em Tormes, na minha casa da serra!” (Queiroz, 1950, p. 170)

Saímos ao terreiro, retalho de horta fechado por grossas rochas encabeladas de verdura, entestando com os socalcos da serra onde lourejava o centeio. O meu Príncipe bebeu da água nevada e luzidia da fonte, regaladamente, com os beiços na bica; apeteceu a alface rechonchuda e crespa; e atirou pulos aos ramos altos de uma copada cerejeira, toda carregada de cereja. Depois, costeando o velho lagar, a que um bando de pombas branqueava o telhado, deslizámos até ao carreiro, cortado no costado do monte. E andando, pensativamente, o meu Príncipe pasmava para os milheirais, para os vetustos carvalhos plantados por vetustos Jacintos, para os casebres espalhados sobre os cabeços à orla negra dos pinheirais.

De novo penetrámos na avenida de faias e transpusemos o portão, senhorial (...) agradava a longa alameda, assim direita e larga (...) de cima da varanda, reparando na telha nova da capela (...) doce sossego crepuscular que lentamente se estabelecia sobre vale e monte. (Queiroz, 1950, p. 170-171)

“ (...) névoa, sob que se acama e agasalha a frialdade dos vales (...) toque sonolento de sino que rola pelas quebradas; o segredado cochichar das águas e das relvas escuras (...) “(Queiroz, 1950, p. 172)

“ (...) Na mesa, encostada ao muro denegrido, sulcado pelo fumo das candeias, sobre uma toalha de estopa, duas velas de sebo em castiçais de lata iluminavam grossos pratos — de louça amarela, ladeados por colheres de estanho e por garfos de ferro. Os copos, de um vidro espesso, conservavam a sombra roxa do vinho que neles passara em fartos anos de fartas vindimas. A malga de barro, atestada de azeitonas pretas, contentaria Diógenes. Espetado na côdea de um imenso pão reluzia um imenso facalhão. E na cadeira senhorial reservada ao meu Príncipe, derradeira alfaia dos velhos Jacintos, de hirto espaldar de couro, com a madeira roída de caruncho, a clina fugia em melenas pelos rasgões do assento puído (...) entrou esmagando o soalho, com uma terrina a fumejar. E o Melchior, que seguia erguendo a infusa do vinho, esperava que suas Incelências lhe perdoassem porque faltara tempo para o caldinho apurar... (...) provou o caldo, que era de galinha e rescendia (...) tinha fígado e tinha moela (...) “(Queiroz, 1950, p. 172-173)

“ (...) pôs sobre a mesa uma travessa a transbordar de arroz com favas (...) Diante do louro frango assado no espeto e da salada que ele apetecera na horta, agora temperada com um azeite da serra (...) o vinho de Tormes, caindo de alto, da bojuda infusa verde — um vinho fresco, esperto, seivoso, e tendo mais alma, entrando mais na alma, que muito poema ou livro santo. (...) “(Queiroz, 1950, p. 174-175)

(...) a contemplar o sumptuoso céu de Verão (...) Na cidade (como notou Jacinto) nunca se olham, nem lembram os astros – por causa dos candeieiros de gás ou dos globos de electricidade que os ofuscam. Por isso (como eu notei) nunca se entra nessa comunhão com o Universo que é a única glória e única consolação da vida.“ (Queiroz, 1950, p. 175)

“ (...) sobre o beiral do telhado? (...) por cima do pinheiral? “(Queiroz, 1950, p. 176)

Da casa de Tormes a Guiais (para cima como referiram) são cerca de 3 léguas e 4 horas de percurso.

“ Eu, largando daqui cedo, pelas seis horas, chego a Guiães às dez, ainda sem calor. “ (Queiroz, 1950, p. 180)

“ (...) Em duas saletas, que uma abertura em arco, lôbrego arco de pedra, separava (...) um castiçal de latão sobre um alqueire; aos pés, como lavatório, um alguidar vidrado em cima de — uma tripeça.” (Queiroz, 1950, p. 180)

“ (...) delicada apanha de espargos com que outrora civilizara ahorta da tia Vicência (...) (Queiroz, 1950, p. 180)

“ (...) delicada apanha de espargos com que outrora civilizara a horta da tia Vicência (...) (Queiroz, 1950, p. 183)

“ (...) Veio depois a devota romaria da Senhora da Roqueirinha. (...) andei num corte de mato, na minha terra das Corcas (...) voltando da Flor da Malva, de casa da minha prima Joanhina, parei em Sandofim, na venda do Manuel Rico (...) “ (Queiroz, 1950, p. 184)

“ (...) Defronte, à porta do ferrador (...) “(Queiroz, 1950, p. 184)

“ (...) andava lá para baixo (...) nos campos de Freixomil... (...) no pomar, com o francês, a apanhar limões doces... “ (Queiroz, 1950, p. 185)

Descrição da casa de Tormes: “ (...) As paredes, muito caiadas e nuas (...) a roupa pendia de cabides de pau; o leito de ferro, com coberta de fustão (...) entre o muro e a banquinha onde um castiçal de latão resplandecia (...) no lavatório pintado de amarelo, imitando bambu, apenas cabia o jarro, a bacia, um naco gordo de sabão; e uma prateleirinha bastava ao esmerado alinhamento da escova, da tesoura, do pente, do espelhinho de feira e do frasquinho de água de alfazema (...) ” (Queiroz, 1950, p. 185)

“ (...) janelas, sem cortinas, contemplavam a beleza da serra, respirando um delicado e macio ar, que se perfumava nas resinas dos pinheirais, depois nas roseiras da horta (...) cadeiras de verga da Madeira, amplas e de braços, ofereciam o conforto de almofadinhas de chita. Sobre a mesa enorme de pau branco, carpinteirada em Tormes, admirei um candeeiro de metal de três bicos, um tinteiro de frade armado de penas de pato, um vaso de capela transbordando de cravos. Entre duas janelas uma cómoda antiga, embutida, com

ferragens lavradas, recebera sobre o seu mármore rosado (...) Uma estante de madeira enchia outro pedaço de parede, entre dois retratos negros com caixilhos negros; sobre uma das suas prateleiras repousavam duas espingardas; nas outras esperavam, espalhados (...) alguns nobres livros (...) Depois em fila decorosa, cadeiras de palhinha, muito novas, muito envernizadas. E a um canto um molho de varapaus. (...)

(Queiroz, 1950, p. 185, 186)

“ Almoçara uma pratada de ovos com chouriço sublime” (Queiroz, 1950, p. 188)

“ (...) água da fonte bebida pela telha ou numa folha de couve (...) “ (Queiroz, 1950, p. 188)

“ (...) Lá em baixo, no Naves, um riachote¹⁰⁷ que se atira pelo vale da Seranda... (...) Estive lá em cima, ao pé da fonte da Lira, à sombra de uma grande árvore, subtegmime não sei quê (...) (Queiroz, 1950, p. 189)

“ (...) Um copo de água, bem lavado, da fonte velha! (...) (Queiroz, 1950, p. 191)

“ (...) fomos vaguear pelos caminhos coleantes daquela quinta rica, que, através de duas léguas, ondula por vale e monte. (...) Já não arreceava a humidade mortal das relvas; nem repelia como impertinente o roçar das ramagens; nem o silêncio dos altos o inquietava como um despovoamento do Universo. (...) para se embrenhar através de arbustos emaranhados, e receber na face a carícia das folhas tenras; sobre os outeiros, parava, imóvel, retendo os meus gestos e quase o meu hálito, para se embeber de silêncio e de paz: e duas vezes o surpreendi atento e sorrindo à beira dum regatinho palreiro, como se lhe escutasse a confidência... ” (Queiroz, 1950, p. 193)

“A vida é essencialmente Vontade e Movimento: e naquele pedaço de terra, plantado de milho, vai todo um mundo de impulsos, de forças que se revelam, e que atingem a sua expressão suprema, que é a Forma.” ” (Queiroz, 1950, p. 194)

“ (...) Olha para aquele castanheiro. Há três semanas que cada manhã o vejo, e sempre me parece outro... A sombra, o sol, o vento, as nuvens, a chuva, incessantemente lhe

¹⁰⁷ Procurar mapa para identificar rios

compõem uma expressão diversa e nova, sempre interessante. Nunca a sua frequência me poderia faltar... “ (Queiroz, 1950, p. 195)

“ (...) Horácio dedicaria uma ode àquele cabrito assado num espeto de cerejeira. E com as trutas, e o vinho do Melchior, e a cabidela (...) caí numa cadeira de verga, na mais larga, e de melhores almofadas (...) ” (Queiroz, 1950, p. 197)

“ (...) na capelinha do vale da Carriça (...)” (Queiroz, 1950, p. 201)

“ (...) da Igreja de S. José, cujo sino leve tangia, na enevoadada doçura da manhã (...) “ (Queiroz, 1950, p. 203)

“ (...) Assim, pelas várzeas entrecorridas de regueiros, lenta nos recostos dos matos, escorregando mais rápida pelos córregos pedregosos, seguia a procissão sempre com a cruz adiante, alta e prateada (...) Ramos baixos de lódão ou de salgueiro passavam uma derradeira carícia (...) Um regato por vezes nos acompanhava, com discreto fulgir entre as relvas, sussurrando (...) e nos quintalinhos umbrosos galos, de cima das pilhas de mato faziam soar o seu clarim festivo. Depois adiante da fonte da Lira, como o caminho se alongava, e desejassemos poupar o nosso velho abade, cortámos através de uma seara, já alta, quase madura, toda entremeada de papoulas (...) Ora vê tu a Natureza... Num simples enterrar de ossos, quanta graça e quanta beleza!

Na capelinha, nova, dominando o vale da Carriça, solitária e muito nua, no meio de um adro, ainda mal alisado sem uma verdura de relva, uma frescura de arbusto (...) ” (Queiroz, 1950, p. 204)

“ (...) parámos num souto de carvalheiras, onde esperava a velhíssima égua do abade (...) a égua se empurrava pelo córrego acima (...) “(Queiroz, 1950, p. 206)

“ (...) nós recolhemos a casa metendo pela serra da Lombinha, através dos milhos (...) sentados no pomar, no rebordo do tanque, enquanto o Manuel Hortelão apanhava laranjas no alto de uma escada arrimada a uma alta laranjeira (...) “(Queiroz, 1950, p. 207)

“ (...) já se anda a limpar a eirazinha para a debulha (...) Agora só a couvinha na horta, a beldroega, os espinafres, algum feijãozinho em terra muito fresca... (...) “ (Queiroz, 1950, p. 208)

Num tanque junto à casa de Tormes: “ (...) E à borda do tanque nos quedámos, calados, na fresca doçura do anoitecer, entre o cheiro avivado das madressilvas do muro, olhando o crescente da Lua, que surdia dos telhados de Tormes. (...) “ (Queiroz, 1950, p. 210)

“ (...) um domingo, costeando o largo campo da Ribeirinha, sempre escasso de águas, agora mais ressequido por Verão de tanta secura, o meu Príncipe parou a considerar os três carneiros do caseiro, que retouçavam com penúria uma relvagem pobre. “ (Queiroz, 1950, p. 210)

“ (...) por cabeços e barrancos, largou a percorrer a quinta toda (...) ” (Queiroz, 1950, p. 212)

“ (...) Aquelas rochas além empecendo? (...) ” (Queiroz, 1950, p. 213)

“ (...) Um vale importuno dividia dois campos? (...) “ (Queiroz, 1950, p. 213)

“ (...) sob soalheiras de junho (...) “ (Queiroz, 1950, p. 213)

“ (...) a um canto da varanda, enquanto Jacinto, na livraria, escrevia (...) (Queiroz, 1950, p. 213)

“ (...) não conhece a Veleira¹⁰⁸, lá para os lados de Penafiel? Isso é um condado! E uma terra chá, boa terra, toda Junta, ali em volta da casa, com uma torre: (...) “ (Queiroz, 1950, p. 214)

“ (...) aqui no Inverno, com o nevoeiro a subir do rio logo pela manhã, e a friagem a trespassar os ossos, e ventanias que atiram carvalheiras de raízes ao ar, e chuvas e chuvas que se desfaz a serra!... (...) “ (Queiroz, 1950, p. 214)

Junto à casa: “ (...) desembocávamos da alameda de plátanos, e diante de nós se dividiam matutivamente, mais brancos entre o verde matutino, os caminhos coleantes da quinta (...) “ (Queiroz, 1950, p. 216)

“ (...) com aquela subtil sensibilidade bucólica que nele se desenvolvera, e incessantemente se afinava, qualquer breve beleza, do ar ou da terra, lhe bastava para um longo encanto (...) “ (Queiroz, 1950, p. 216)

“ (...) caminhar por entre um pinheiral, de tronco a tronco, calado, embebido no silêncio, na frescura, no resinoso aroma, empurrando com o pé as agulhas e as pinhas secas. Qualquer água corrente o retinha (...) “ (Queiroz, 1950, p. 216)

¹⁰⁸ Tentar descobrir onde se situa.

Da igreja para Tormes: “ (...) me reteve meio domingo, depois da missa, **no cabeço**, junto a um velho curral desmantelado, sob uma grande árvore, — só porque em torno havia quietação, doce aragem, um fino piar de ave na ramaria, um murmúrio de regato entre canas verdes, e por sobre a sebe, ao lado, um perfume, muito fino e muito fresco, de flores escondidas. (...) “ (Queiroz, 1950, p. 216)

“ (...) Repara homem para **aquele bocadinho de vale** (...)“ (Queiroz, 1950, p. 217)

“ (...) Recolhendo ao casarão, já o encontrávamos com as janelas meio cerradas, os soalhos borrifados para aquelas quentes rêslias de sol de Junho que depois do almoço docemente nos retinham na livraria, preguiçando (...) “(Queiroz, 1950, p. 217)

Sob o sol de Junho após o almoço: “ (...) A essa hora, enquanto **pelo arvoredado mudo os mais agitados pardais dormiam**, e o Sol mesmo parecia repousar, imóvel na rutilância da sua luz (...) “ (Queiroz, 1950, p. 217)

“ (...) depois das revelações do Severo na **venda do Torto** (...) “ (Queiroz, 1950, p. 218)

Na casa de Tormes: “ (...) pesado do almoço (...) me estirava **no canapé de verga**. Ele, diante **da mesa**, direito **na cadeira** (...) “ (Queiroz, 1950, p. 219)

“ (...) Não convinha bulir em nada (...) antes **das colheitas e da vindima!** (...) “ (Queiroz, 1950, p. 221)

“ (...) qualquer rapazinho que passasse, tangendo uma vaca para o pasto (...) ” (Queiroz, 1950, p. 221)

“ (...) à borda dum caminho ou num campo em monda (...) ” (Queiroz, 1950, p. 222)

“ (...) saber (...) a época das sementeiras e das ceifas, e que as árvores de fruta se semeiam no Inverno (...) “(Queiroz, 1950, p. 222)

“ Outra satisfação do meu Príncipe era conhecer **os nomes de todos os campos, as nascentes de água, e as delimitações da sua quinta**.

— Vês **acolá, para além do ribeiro, o pinheiral**. Já não é meu, é dos Albuquerque. (...) ” (Queiroz, 1950, p. 223)

“ (...) as noites da serra, no **vasto casarão** (...) “ (Queiroz, 1950, p. 223)

“ (...) as histórias (...) **de Guiães, do abade** (...) dos nossos parentes da **Flor da Malva** (...) desavenças por causa de **servidões ou de águas** (...) mas nada decerto o encantava tanto como **atravessar as casas**, pé ante pé, **até uma saleta que dava para o pomar**, e ai

ficar encostado à janela, sem luz, num enlevado sossego, a escutar longamente, languidamente, os rouxinóis que cantavam no laranjal. (...)” (Queiroz, 1950, p. 223)

“(...) ir antes de almoço à Corujeira, onde o Silvério o esperava para decidirem da sorte de uns castanheiros, muito velhos, muito pitorescos, inteiramente interessantes, mas já roídos, e ameaçando desabar. (...) bruscamente, desabou sobre nós uma grossa chuva oblíqua, vergastada pelo vento (...) avistámos num campo mais alto, à beira de um alpendre, o Silvério, debaixo de um guarda-chuva vermelho, que acenava, nos indicava o trilho mais curto para aquele abrigo. (...) no vendaval, que num instante alagara os campos, inchara os ribeiros, esboroava a terra dos socalcos, lançara num desespero todo o arvoredo, tornara a serra negra, bravamente agreste, hostil, inabitável. (...)” (Queiroz, 1950, p. 226, 227)

“(...) Ainda estive para me abrigar em casa do Esgueira, que é um caseiro de cá. Aquela casa, ali abaixo, onde está a figueira... (...)” (Queiroz, 1950, p. 227)

“(...) O alpendre que nos cobria assentava sobre duas paredes em ângulo, de pedra solta, restos de algum casebre desmantelado, e sobre um esteio fazendo cunhal. Nesse momento só abrigava madeira, um cuculo de cestos vazios, e um carro de bois (...)” (Queiroz, 1950, p. 228)

“(...) há um boticário, em Guiães (...) Médico é o Dr. Avelino, daqui a légua e meia, nas Bolsas. (...)” (Queiroz, 1950, p. 229)

“(...) No campo, em declive diante de nós, ia um longo correr de ribeiros barrentos (...)” (Queiroz, 1950, p. 229)

“(...) Como todos os casebres da serra, o do Esgueira era de grossa pedra solta, sem reboco, com um vago telhado, de telha musgosa e negra, um postigo no alto, e a rude porta que servia para o ar, para a luz, para o fumo, e para a gente. E em redor, a Natureza e o Trabalho tinham, através de anos, ali acumulado trepadeiras e flores silvestres, e cantinhos de horta, e sebes cheirosas, e velhos bancos roídos de musgo, e panelas com terra onde crescia salsa, e regueiros cantantes, e vinhas nos olmos, e sombras e charcos (...)” (Queiroz, 1950, p. 232)

“(...) chão de terra batida, uma mancha húmida reluzia, da chuva caída através da telha rota. A parede, coberta de fuligem, das longas fumaraças da lareira, era tão negra como o chão. E aquela penumbra de porcaria escura parecia atulhada, numa desordem escura, de trapos, cacos, restos, onde só mostravam forma compreensível uma arca de pau negro, e

por cima, pendurado de um prego, entre uma serra e uma candeia, um grosso saiote escarlate. (...)” (Queiroz, 1950, p. 233)

Distância de Tormes à casa do Zé Fernandes em Guiães: “ (...) tantas vezes trotei por aquelas três léguas entre a nossa e a velha alameda dos Jacintos (...)” (Queiroz, 1950, p. 241)

“ (...) A tua vizinha mais chegada, a filha do D. Teotónio, com efeito, salvo o respeito que se deve à casa ilustre dos Barbedos, é um mostrengo! A irmã dos Albergarias, da Quinta da Loja (...)” (Queiroz, 1950, p. 243)

“ (...) Temos a Melo Rebelo, de Sandofim (...) a minha prima Joaninha, da Flor da Malva! (...) a estrada da Flor da Malva aqui é impossível para carruagens (...)” (Queiroz, 1950, p. 244)

“ (...) Na taberna do Pedro, à entrada da freguesia (...) o Pedro, com as mangas arregaçadas, por trás do balcão, não cessava de encher os decilitros com uma vasta infusa. (...)” (Queiroz, 1950, p. 245)

“ (...) Nas janelas, que deviam ter apenas portadas, segundo o secular costume da serra, decidira pôr vidraças (...)” (Queiroz, 1950, p. 245)

“ (...) Descíamos nesse momento, com os cavalos à rédea, por um córrego precipitado e escabroso; um vento leve ramalhava nas árvores, um regato saltava ruidosamente entre as pedras. (...)” (Queiroz, 1950, p. 245)

“ (...) o plano perfeito de uma escola, que ele queria erguer, naquele campo da Carriça, junto à capelinha que abrigava «os ossos». Pouco a pouco, aí também criaria uma biblioteca (...)” (Queiroz, 1950, p. 246)

“ (...) Havia então uma distribuição de cavacas e merengues de Guiães, às raparigas e às crianças – e, no pátio, para os homens circulavam as infusas de vinho branco. (...)” (Queiroz, 1950, p. 248)

“ (...) Toda essa semana a passara eu em Guiães, nos preparos da vindima – e de manhã cedo, nesse Domingo ilustre, me fui debruçar da varanda do quarto do saudoso tio Afonso, vigiando a estrada, por onde devia aparecer o meu Príncipe (...)” (Queiroz, 1950, p. 249)

“ (...) bailarico campestre, no pátio, já enfeitado para esse efeito de lanternas chinesas (...) à cozinha, onde a tia Vicência presidia a um violento bater de gemas de ovos dentro de uma imensa terrina (...) “ (Queiroz, 1950, p. 249, 250)

“ (...) Subindo a escadaria ligeira, penetrando no alegre corredor, com a sua janela ao fundo engrinaldada de rosinhas, Jacinto louvava grandemente a nossa casa, que o repousava das rijas muralhas, das grossas portas feudais de Tormes. (...) “ (Queiroz, 1950, p. 251)

“ (...) acumulando no prato montes de cabidela, depois altas serras de arroz de forno, depois bifes de numerosa cebolada, exaltava a nossa cozinha, jurava nunca ter provado nada tão sublime. (...) “ (Queiroz, 1950, p. 253)

“ (...) Nós fumámos um preguiçoso charuto no jardim, ao pé do repuxo, sob a recolhida sombra do cedro (...) “ (Queiroz, 1950, p. 254)

“ (...) contornando ainda numa volta larga para lhe mostrar o lagar, uma plantação de aspargos, e o sítio onde existira a ruína de um velho castro romano. (...) “ (Queiroz, 1950, p. 254)

“ (...) quando eu o arrastei à adega, para que ele admirasse a famosa pipa, que tinha, em relevo, na madeira do tampo, as complicadas armas dos Sandes. (...) “ (Queiroz, 1950, p. 254)

“ (...) o gordo Melo Rebelo, de Sandofim, os dois manos Albergarias, da quinta da Loja (...) O Snr. D. Teotónio (...) Raras vezes sai da sua linda casa da Abrujeira (...)“ (Queiroz, 1950, p. 258) **Abrujeira distava de Guiães** “ (...) meia légua de estrada boa. “ (Queiroz, 1950, p. 268)

“ (...) À mesa onde os pudins, as travessas de doces de ovos, os antigos vinhos de Madeira e Porto, nas suas pesadas garrafas de cristal lapidado (...) a sopa, que era de galinha com macarrão e arroz (...) ” (Queiroz, 1950, p. 259)

“ (...) o champanhe, depois do assado (...) “ (Queiroz, 1950, p. 262)

“(...) A tia Albergaria rondava de janela em janela, assustada com a volta à Roqueirinha.”
“(Queiroz, 1950, p. 267)

Abrujeira distava de Guiães (...) meia légua de estrada boa. (...) (p. 268)

Desde Guiães “ (...) Ao outro dia, depois de almoço, eu e Jacinto montámos a cavalo para um grande passeio até à Flor da Malva (...) trotando pela fácil estrada de Sandofim (...) O vale por baixo parecia a Jacinto, que nunca ali passara, uma pintura da Escola Francesa do século XVIII (...) ondulavam as terras verdes, e com tanta paz e frescura corria o risonho Serpão, e tão afáveis e prometedores de fartura e contentamento alvejavam os casais nas verduras ligeiras. (...) Este caminho para a Flor da Malva (...) “ (Queiroz, 1950, pp. 271, 272)

“(...) parando o cavalo, apontei com o chicote para o vale:
— Olha, acolá, onde está aquela fila de olmos, e há o riacho, já são terras do tio Adrião. Tem ali um pomar, que dá os pêssegos mais deliciosos de Portugal... (...) o doce que ela faz com esses pêssegos, menino, é alguma coisa de extraceleste (...) “ (Queiroz, 1950, p. 273)

“(...) apareceu, à volta da estrada, o longo muro da quinta dos Velosos, e depois a capelinha de S. José de Sandofim. E imediatamente piquei para o largo, para a taverna do Torto, por causa daquele vinhinho branco (...) “ (Queiroz, 1950, p. 273)

“(...) – Delicioso vinho!... Hei de querer deste vinho em Tormes... É perfeito. — Hem? Fresquinho, leve, aromático, alegrador, todo alma!... (...) “ (Queiroz, 1950, p. 273)

“(...) Na feira da Roqueirinha (...) “ (Queiroz, 1950, p. 276)

“(...) já passávamos o cruzeiro (...) “ (Queiroz, 1950, p. 276)

Chegada à Flor da Malva e descrição da quinta: “ (...) Que casa é aquela com os dois torreões?

— A Flor da Malva. (...)

Sobre um outeirinho, afastada da estrada por arvoredos, que um muro cerrava, e dominando, a Flor da Malva voltava para oriente e para o Sol a sua longa fachada com os dois torreões quadrados, onde as janelas, de varanda, eram emolduradas em azulejos. O

grande portão de ferro, ladeado por dois bancos de pedra, ficava ao fundo do terreirinho, onde um imenso castanheiro derramava verdura e sombra. (...) subiu pela alameda. (...) subimos, por uma curta avenida de velhas árvores, até outro terreiro, com um alpendre, uma casa de rapazes, toda coberta de heras, e uma casota de cão (...) “(Queiroz, 1950, p. 277)

“ (...) E o Manuel da Porta correu da fonte, onde enchia um grande balde (...) D. Joanhina ainda agora andava no laranjal (...) Seguimos por ruazinhas bem areadas, orladas de alfazema e buxo alto (...) quando chegámos ao laranjal, à beira da larga rua da quinta que levava ao tanque (...) – Talvez esteja lá para baixo, para o tanque... Descemos a rua, ladeada de velhas árvores, que a cobriam com as densas ramas cruzadas. Uma fresca, límpida água de rega corria e luzia num caneiro de pedra. Entre os troncos, as roseiras bravas ainda tinham uma frescura de Verão. E o pequeno campo, que se avistava para além, rebrilhava com uma doçura, toda amarelo e branco, dos malmequeres e botões-de-Ouro. (...) “(Queiroz, 1950, p. 278)

“ (...) O tanque, redondo, fora esvaziado para se lavar, e agora de novo o repuxo o ia enchendo de uma água muito clara, ainda baixa, onde os peixes vermelhos se agitavam na alegria de recuperarem o seu pequeno oceano. Sobre um dos bancos de pedra que circundavam o tanque, pousava um cesto cheio de dalias cortadas (...) um rapaz, que sobre uma escada podava as camélias, vira a Sra. D. Joana seguir para o lado da parreira. Marchámos para a parreira, ainda toda carregada de uva preta, Duas mulheres, longe, ensaboavam num lavadouro, na sombra de grandes faias. (...) – É uma bela quinta – murmurava o meu Príncipe, encantado. – Magnífica! E bem tratada... Olha aquele cebolinho! (...) “(Queiroz, 1950, p. 279)

“ (...) Passámos pela horta, uma horta ajardinada, como a sonhara o meu Príncipe, com os seus talhões debruados de alfazema, e madressilva enroscada nos pilares de pedra, que faziam ruazinhas frescas toldadas de parra densa. E demos volta à capela, onde crescia aos dois lados da porta uma roseira chá; com uma rosa única, muito aberta, e uma moita de baunilha, onde Jacinto apanhou um raminho para cheirar, Depois entrámos no terraço em frente da casa, com a sua balastrada de pedra, toda enrodilhada de jasmineiros amarelos. A porta envidraçada estava aberta: e subimos pela escadaria de pedra, no

imenso silêncio em que toda a Flor da Malva repousava, até à antecâmara, de altos tetos apainelados, com longos bancos de pau, onde desmaiavam na sua velha pintura as complicadas armas dos Cerqueiras. (...) “ (Queiroz, 1950, p. 279-280)

“ (...) aquela com quem casou em Maio, na capelinha de azulejos, quando o grande pé de roseira se cobrira todo de rosas (...) “ (Queiroz, 1950, p. 281)

“ (...) O telefone porém, subtilmente, mudamente, estendeu outro longo fio, para Valverde. (...) Para casa do médico (...) Em Guiães está o boticário, está o carnicheiro... E, depois, estás tu! (...) “ (Queiroz, 1950, p. 285)

Estação de Tormes à época: “ (...) No largo por trás da estação, debaixo dos eucaliptos, que revi com gosto, esperavam os três cavalos, e dois belos burros brancos (...) “ (Queiroz, 1950, p. 285)

Subida para Tormes pelo “Caminho de Jacinto”: “ (...) Em fila começámos a subir para a serra. A tarde adoçava o seu esplendor de Estio. Uma aragem trazia, como ofertados, perfumes de flores silvestres. As ramagens moviam, com um aceno de doce acolhimento, as suas folhas vivas e reluzentes. Toda a passarinhada cantava, num alvoroço de alegria e de louvor. As águas correntes, saltantes, luzidias, despediam um brilho mais vivo, numa pressa mais animada. Vidraças distantes de casas amáveis flamejavam com um fulgor de ouro. A Serra toda se ofertava, na sua beleza eterna e verdadeira. (...) “ (Queiroz, 1950, p. 305)

Notas:

A castanho são afirmações/constatações do Autor da dissertação

A azul são as Passagens da Obra passíveis de serem fotografadas, na atualidade.

Bibliografia

Queiroz, J.M.E.d. (1950). *A Cidade e As Serras* (de acordo com 1ª edição 1901) Porto: Lello & Irmão.

Anexo II – Transcrições de *A Ilustre Casa de Ramires*

A Ilustre Casa de Ramires – Transcrição de Paisagens e lugares

“ (...) Gonçalo Mendes Ramires (que naquela sua velha aldeia de Santa Irenéia, e na vila vizinha, a asseada e vistosa Vila-Clara, e mesmo na cidade, em Oliveira, todos conheciam pelo "Fidalgo da Torre") (...) “ (Queiroz, 1900: 5)

Descrição da casa da Torre:

“ A livraria, clara e larga, escaiolada de azul, com pesadas estantes de pau-preto onde repousavam no pó e na gravidade das lombadas de carneira, grossos fólhos de convento e de foro, respirava para o pomar por duas janelas, uma de peitoril e poiais de pedra almofadados de veludo, outra mais rasgada, de varanda, frescamente perfumada pela madressilva que se enroscava nas grades. Diante dessa varanda, na claridade forte, pousava a mesa – mesa imensa de pés torneados, coberta com uma colcha desbotada de damasco vermelho (...) da sua cadeira de couro, Gonçalo Mendes Ramires (...) avistava sempre a inspiradora da sua Novela - a Torre, a antiquíssima Torre, quadrada e negra sobre os limoeiros do pomar que em redor crescera, com uma pouca de hera no cunhal rachado, as fundas frestas gradeadas de ferro, as ameias e a miradoura (...) robusta sobrevivência do Paço acastelado, da falada Honra de Santa Irenéia, solar dos Mendes Ramires (...) “ (Queiroz, 1900: 5-6)

“ (...) apareceu um lavrador dos Bravais (...) repercorreu miudamente toda a quinta (...) esquadrinhou o curral e a adega, contou as oliveiras e as cepas (...) umas voltas desconfiadas em torno da eira e da horta, umas demoras sumidas dentro da tulha (...) ao Fidalgo, sentado num banco de pedra do jardim, debaixo duma mimosa (...) “ (Queiroz, 1900: 21)

“ (...) estirado no divan de damasco azul (...) o antigo relógio de charão (...) pensou numa caminhada pela fresca estrada dos Bravais (...) eleito novamente deputado, nas Eleições Gerais de abril, pelo círculo de Vila Clara. (...) a jornada à Feitosa, à quinta do Sanches Lucena, demandava uma hora a cavalo (...) “ (Queiroz, 1900: 24)

“ (...) Sentado no rebordo do tanque redondo e sem água que ornava o pátio, erguendo para o casarão (...) o Titó movia lentamente como um leque um velho chapéu de palha (...) (Queiroz, 1900: 25)

“ (...) cear no Gago (...) uma **tainha assada** (...) O Gago abre **pipa nova de vinho, do abade de Chandim**. Eu conheço o vinho. É daqui, **da ponta fina**. “ (...) (Queiroz, 1900: 25)

“ (...) hoje, para o **jantar, só caldo de galinha e galinha cozida**. (...) para mim **um franguinho assado** “ (...) (Queiroz, 1900: 26)

“ (...) Onde nos encontramos? **Na Assembleia?** (...) Tenho Senhora. Das dez para as dez e meia **no chafariz...** (...) Depois de um **passeio pelos Bravais e pelo vale da Riosa**. (...) antes de entrar **no quarto** para se vestir, empurrou a **porta envidraçada sobre a escura escada da cozinha** (...) **sombrios fundos de grande laje e de grande abóbada que restavam do antigo Palácio** (...) Gonçalo desceu **dois degraus da gasta escadaria de pedra** (...) Saíra para o **pátio da horta** “ (...) (Queiroz, 1900: 26)

“ (...) ao menos, devia tomar **o caldinho de galinha, que apurara desde o meio-dia**, cheirava que nem feito no céu! “ (...) (Queiroz, 1900: 27)

“ (...) um **imenso espelho rolando entre colunas douradas** (...) (Queiroz, 1900: 27)

“ (...) atirando o volume **para o poial da janela** (...) (Queiroz, 1900: 30)

“ (...) e o bródio que deram **na Feitosa...** (...) deixar aquela **linda quinta...**(...)” (Queiroz, 1900: 31)

“ **Em Vila-Clara**, às dez horas, sentado **num dos bancos de pedra do Chafariz, sob as olaias** (...) E a "meia" **batia no relógio da Câmara** (...) ao subirem a **Calçadinha** (...) “ (Queiroz, 1900: 32)

“ (...) **na sala alta do Gago**, ao cimo da **escada esguia e íngreme que subia da taberna**, a um canto **da comprida mesa alumiada por dois candeeiros de petróleo** (...) “ (Queiroz, 1900: 33)

“ (...) começou por **uma pratada de ovos com chouriço**, devorou **metade da tainha**, devastou o seu **"frango de doente"**, clareou o **prato da salada de pepino**, findou por um montão de **ladrilhos de marmelada** (...) esvaziou uma **caneca vidrada de Alvaralhão** (...) ferver **um café** (...) “ (Queiroz, 1900: 34)

“ (...) porque ambos **moravam no alto da Vila** – ele **defronte do Correio**, o outro **na viela das Teresas** (...) “ (Queiroz, 1900: 37)

“ (...) pela estrada, com a lua **no alto dos outeiros de Valverde** (...) “ (Queiroz, 1900: 40)

“ (...) Ramires e Cavaleiros eram famílias vizinhas, uma com a velha torre em Santa Irenéia (...) a outra com quinta bem tratada e rendosa em Corinde. (...) sob os arvoredos da quinta ou passeando pelos arredores de Bravais e Valverde “ (Queiroz, 1900: 40)

“ (...) sob as olaias do Mirante (...) sobre o muro baixo da mãe-d'água. (...) “ (Queiroz, 1900: 41)

“ (...) com brasão legítimo na sua casa apalaçada de Corinde e terras fartas em redor, de boa sementeira (...) Quando desciam ambos as alamedas da quinta (...) “ (Queiroz, 1900: 41)

“ (...) junto à ponte da Portela, onde os campos se alargam, e da estrada se avista Vila Clara, que a lua branqueava toda, desde o convento de Santa Teresa, rente ao Chafariz, até o muro novo do cemitério, no alto, com os seus finos ciprestes. Para o fundo do vale, clara também no luar, era a igreja de Craquede, Santa Maria de Craquede, resto do antigo Mosteiro (...) Sob o arco, docemente, o riacho lento, arrastando entre os seixos, sussurrava na sombra (...) “ (Queiroz, 1900: 44)

“ (...) os foros de Craquede, a herdade de Praga, e as duas quintas históricas, Treixedo e Santa Irenéia (...) “ (Queiroz, 1900: 45)

“ (...) habitava no Terreiro da Louça um imenso casarão cheio de retratos de avoengos e de árvores de costado (...) “ (Queiroz, 1900: 45)

(...) em Oliveira, à esquina do largo de El-Rei e da rua das Tecedeiras, num palacete que o Bacoco herdara, com largas terras, do seu tio Melchior, Deão da Sé (...) “ (Queiroz, 1900: 45)

“ (...) no portão da Torre, nem na portinha verde, à esquina da casa, sobre três degraus. (...) “ (Queiroz, 1900: 46)

“ (...) No corredor espirrava urna lamparina mortiça, já sem azeite, junto ao castiçal de prata. (...) a Torre, que, por cima dos telhados da vasta casa, mergulhava as ameias, o negro miradouro “ (Queiroz, 1900: 47)

“ (...) Era um lavrador, com casal na Riosa (...) trazia arrendada a Cortiga, a falada propriedade dos condes de Monte-Agra (...) “ (Queiroz, 1900: 60)

“ (...) A sala de jantar da Torre, que abria por três portas envidraçadas para uma funda varanda alpendrada, conservava, (...) dois formosos panos de Arras representando a

Expedição dos Argonautas. Louças da Índia e do Japão, desirmanadas e preciosas, recheavam um imenso armário de mogno. E sobre o mármore dos aparadores rebrilhavam os restos, ainda ricos, das pratas famosas dos Ramires (...) na varanda luminosa e fresca, bem esteirada, revestida até meio muro por finos azulejos do século XVIII, e oferecendo a um canto, para as preguiças do charuto, um profundo canapé de palhinha com almofadas de damasco (...) “ (Queiroz, 1900: 60)

“ (...) a quinta que, dali, se abrangia até os álamos da ribeira do Coice e aos outeiros suaves de Valverde. (...) “ (Queiroz, 1900: 60)

A ribeira do Coice será muito provavelmente o rio Cabrum os outeiros de valverde poderão ser do outro lado do Cabrum na atual freguesia de Ramires – Cinfães. A Confirmar

“ (...) - E os seus votos, Pereira amigo, segundo o costume, lá foram para o eterno Sanches Lucena, direitinhos, como os rios vão para o mar!

O Pereira também riu, com um riso agradado que lhe descobria os maus dentes. Pois o círculo era uma propriedade do Sr. Sanches Lucena! Cavalheiro de fortuna, homem de bem, conhecedor, serviçal... E então, quando lhe calhava como em abril o apoio do Governo, nem Nosso Senhor Jesus Cristo que voltasse à Terra e se propusesse por Vila-Clara desalojava o patrão da *Feitosa!* (...) “ (Queiroz, 1900: 61)

Ver como eram os círculos eleitorais à época¹⁰⁹ para tentar ver a que se refere quando fala do círculo eleitoral de Vila-Clara.

“ (...) entrava com um prato de ovos estrelados (...) nessa tarde comia as sopas com o genro nos Bravais (...) “ (Queiroz, 1900: 61)

¹⁰⁹ “ (...) **As Cortes gerais, extraordinárias e constituintes de 1821** (...) Tratava-se de um sufrágio indirecto em que se deveriam formar juntas eleitorais de freguesia, de comarca e de província. Os cidadãos maiores de 25 anos (nalguns casos os maiores de 21 anos) com emprego, ofício ou ocupação útil, elegiam representantes que, por sua vez, escolhiam os eleitores de comarca. Estes reuniam-se na capital da província e elegiam os deputados às cortes constituintes, os quais não podiam ser menores de 25 anos, à razão de um por cada trinta mil habitantes. Todo este intrincado processo eleitoral das primeiras eleições portuguesas ficou concluído no dia de Natal de 1820. (...)” Retirado do site do parlamento: <http://www.parlamento.pt/Parlamento/Paginas/AMonarquiaConstitucional.aspx>, última consulta em 1 de novembro de 2015.

“ (...) o «jantar da família», sempre muito farto e saboroso na Torre, e começando por essas pesadas sopas de pão, presunto e legumes, que ele desde criança adorava e chamava *as palanganas*. Depois, barrando de manteiga uma bolacha: (...) “ (Queiroz, 1900: 62)

“ (...) em Política quem mais grita mais arranja. Olhe a estrada da Riosa! Ainda em papel, a lápis vermelho... (...) “ (Queiroz, 1900: 62)

“ (...) na cheirosa sopa, dentro duma caçoila nova, com raminhos de hortelã. (...) ” (Queiroz, 1900: 63)

“ (...) nessa semana começava um corte de madeiras para os lados de Sandim (...) o José Casco dos Bravais! (...) “ (Queiroz, 1900: 63)

“ (...) Então no sábado, em Oliveira, para a escritura... (...) “ (Queiroz, 1900: 65)

“ (...) que terra a dele, a *Ribeirinha!* A melhor propriedade destas vinte léguas em redor. Linda propriedade! A do André Cavaleiro que lhe está pegada, a *Biscaia*, não se lhe compara (...) “ (Queiroz, 1900: 66)

“ (...) no sábado, na cidade. (...) **a cidade é Oliveira, nome ficcionado que corresponde a (cidade de Lamego)**

“ (...) saber de lavra que transformara o chavascal do Monte-Agra numa maravilha de seara, vinha e horta!... (...) “ (Queiroz, 1900: 66)

“ (...) Sempre vou à *Feitosa*... (...) junto da varanda, considerou um momento a Torre, as poeirentas frestas engradadas de ferro, as resistentes ameias, ainda inteiras, onde agora adejava um bando de pombas... (...) “ (Queiroz, 1900: 67)

“ (...) Por baixo da Torre (como lhe contara o papá) ainda negrejava a masmorra feudal, meio atulhada, mas com restos de correntes chumbadas aos pilares, e na abóbada a argola de onde pendia a polé, e no lajedo os buracos em que se escorava o potro. (...) “ (Queiroz, 1900: 68)

“ (...) parou a égua ao portão da *Feitosa* (...) “ (Queiroz, 1900: 68)

Da Feitosa para a Torre

(...) Pensava agora em alongar por Valverde: depois recolheria por Vila-Clara, e tentaria o Gouveia a partilhar na Torre um cabrito assado no espeto de cerejeira (...) Mas ao atravessar a "Cruz das Almas", onde a estrada de Corinde, tão linda, com as suas filas de

álamos, cruza a ladeira de Valverde, parou - notando ao fundo, para o lado de Corinde (...) Manuel Solha, do lugar da Finta. “ (Queiroz, 1900: 69-70)

“ (...) Assim se avizinhavam da *Bica-Santa* (...) Aí a estrada, cortada na encosta dum monte, alarga e forma um arejado terraço, donde se abrange todo o vale de Corinde, tão rico em casais, em arvoredos, em searas, em águas. No pendor do monte, coberto de carvalhos e de fragas musgosas, brota a fonte nomeada que (...) curava males de entranhas e que uma devota senhora de Corinde, D. Rosa Miranda Carneiro, mandou encanar desde o alto até a um tanque de mármore, onde agora corre beneficemente, por uma bica de bronze, sob a imagem e patrocínio de Santa Rosa de Lima. De cada lado do tanque se encurvam dois compridos bancos de pedra, que a espalhada ramaria das carvalheiras tolda de sombra e frescura. E um suave retiro onde se apanham violetas, se comem merendas, e senhoras dos arredores se sentam em rancho, nas tardinhas de domingo, escutando os melros, gozando a povoada, luminosa e verdejante largueza do vale.

Antes porém de desembocar na *Bica-Santa*, e perto do lugar do Serdal, a estrada de Corinde quebra numa volta (...) “ (Queiroz, 1900: 72)

“ (...) desde o baile do Barão das Marges, em Oliveira, o famoso baile de Entrudo (...) “ (Queiroz, 1900: 75)

“ (...) aquele era, nos arredores da *Feitosa*, o seu passeio preferido. (...) do terraço da Bica, sem esforço, sentado no banco, avistava numa largueza terras suas. (...) Para além daquele souto, até a chã e ao cômodo onde está a casota amarela e por trás o pinhal, tudo é meu... O pinhal ainda é meu... Acolá, do renque de álamos para diante, depois do lameiro, é também meu... Ali, do lado da ermida, pertence ao Monte-Agra... Mas, mais para lá, passado o azinhal, pelo monte acima, é tudo meu! (...) Além os pastos... Adiante os centeios... Depois o bravio...(...) acolá, detrás do olival (...) Além, por trás do moinho, passa a estrada de Santa Maria de Craquede. São os túmulos dos seus antepassados... (...) visitamos detidamente as ruínas. E acredite que fiquei impressionado! Aquele bocado de claustro tão antigo, os grandes esquifes de pedra, a espada chumbada à abóbada por cima do túmulo do meio... (...) ter sempre aquela lâmpada de bronze acesa de noite e de dia... “ (Queiroz, 1900: 79-80)

“ (...) Depois meto pelo atalho da Crassa, porque tenho às oito horas na Torre, à minha espera para jantar, o Titó. (...)” (Queiroz, 1900: 81)

“ (...) O vulto porém descera da estrada, logo sumido sob as árvores numa quelha que contorna o Casal do Miranda, e desemboca adiante, na Portela, junto das primeiras casas de Vila-Clara. (...)” (Queiroz, 1900: 83)

“ (...) O palacete dos Barrolos em Oliveira (conhecido desde o começo do século pela Casa dos Cunhais) erguia a sua fidalga fachada de doze varandas no largo de El-Rei, entre uma solitária viela que conduz ao Quartel e à rua das Tecedeiras, velha rua mal empedrada, ladeiranta, oprimida pelo comprido terraço do jardim, e pelo muro fronteiro da antiga cerca das Mônicas. (...)” (Queiroz, 1900: 83)

“ (...) para a quinta de Treixedo, terra tão generosa, tão mal amanhada! (...)” (Queiroz, 1900: 87)

“ (...) sempre no Paço do Bispo, na Biblioteca... Parece que se entretém a fazer um livro sobre os Bispos.

- Bem sei, a História da Sé de Oliveira... (...)” (Queiroz, 1900: 87)

“ (...) quarto, um dos mais espaçosos e alegres do Palacete, forrado de cretones cor de canário com uma varanda para o jardim, e duas janelas de peitoril sobre a rua das Tecedeiras e os velhos arvoredos do convento das Mônicas. (...)” (Queiroz, 1900: 90)

“ (...) numa das quintas do Barrolo, a Ribeirinha, sobretudo a Murtosa, com a linda mata, os musgosos muros de convento, a aldeia em redor (...)” (Queiroz, 1900: 92)

“ (...) Filha dum certo D. Antônio, senhor (hoje Visconde) dos Paços de Severim (...)” (Queiroz, 1900: 92)

“ (...) Gracinha, lentamente, subiu os três degraus de mármore do jardim. (...) sob os loureiros da rua que conduzia ao Mirante (...) desse cômodo Mirante, construção do século XVIII, imitando um Templozinho do Amor, que rematava o longo terraço do jardim e dominava a rua das Tecedeiras. Mas a calçada permanecia silenciosa, sob as derramadas sombras de arvoredo do Palacete e do Convento. (...)” (Queiroz, 1900: 93-94)

“ (...) pelo corredor de paredes azuis, adornadas com gravuras coloridas das batalhas de Napoleão (...)” (Queiroz, 1900: 95)

“ (...) vinho verde de Amarante, de Vidainhos (...) “ (Queiroz, 1900: 96)

“ (...) Vive ao pé do Cemitério, num cacifro que tresanda a petróleo, onde este senhor e as autoridades vão jogar o quino, e derriçar com umas sirigaitas de casabeque vermelho e de farripas...

“ (...) A D. Casimira tinha uma bela frangalhada com ervilhas. O João Gouveia trouxe do Gago uma travessa de bolos de bacalhau que calharam... (...) “ (Queiroz, 1900: 98)

“ (...) e larga até a estrada de Ramilde, que é uma África... (...) “ (Queiroz, 1900: 100)

“ (...) E o Cavaleiro, esse, como *parceiro*, vive de graça neste belo palácio de S. Domingos, com cocheira, com jardim, com horta... (...) sobre os telhados musgosos da Cordoaria. Do lado da rua das Pegas (...) em Oliveira (...) “ (Queiroz, 1900: 104)

“ (...) acabou o charuto sob as acácias do Terreiro da Louça (...) recolhia aos cunhais (...) uma trotada a cavalo, até o Pinhal de Estevinha (...) “ (Queiroz, 1900: 107)

“ (...) Na rua das Brocas por onde desciam, no silêncio, e solidão das lojas cerradas (...)“ (Queiroz, 1900: 109)

“ (...) está no cemitério de S. Miguel (...) Da rua da Princesa D. Amélia até o largo de El-Rei (...) “ (Queiroz, 1900: 111)

“ (...) tomou o caminho que, atravessando os pomares da espalhada aldeia de Canta-Pedra, entronca na estrada dos Bravais. (...) “ (Queiroz, 1900: 117)

“ (...) Vou bem por aqui, para Canta-Pedra?

- Vai, sim senhor. Embaixo, à ponte, mete para a direita, para os álamos. E é sempre a seguir... (...) “ (Queiroz, 1900: 118)

“ (...) meteu a galope pelo copado caminho de álamos que acompanha o riacho das Donas. Em Canta-Pedra nem se demorou a estudar (...) o vale, a ribeira espraçada, as ruínas do Mosteiro de Recadães sobre a colina, e no cabeço fronteiro o moinho que assenta sobre as denegridas pedras da antiga e tão falada Honra de Avelãs. o céu, cinzento e abafado desde manhã, entenebrecia para os lados de Craquede e de Vila-Clara. (...) ele, sempre galopando, entrou na estrada dos Bravais. (...) “ (Queiroz, 1900: 118-119)

“ (...) Agosto findava: e o demorado estio amarelecera toda a relva, as pastagens famosas do vale, até a folhagem de amieiros e freixos pela beira do riacho das Donas que se arrastava entre as pedras lustrosas, em fios escassos, com dormido murmúrio. Sobre um

outeiro, dos lados de Ramilde, avultava, entre possantes ruínas eriçadas de sarças, a denegrada *Torre Redonda*, resto da velha Honra de Avelãs, incendiada durante as cruas rixas dos de Salzedas e dos de Landim (...) No cabeço fronteiro e mais alto, dominando o vale, o mosteiro de Recadães estendia as suas cantarias novas, com o forte torreão, asseado como o duma fortaleza (...) “(Queiroz, 1900: 121)

“ (...) para o lado dos Bravais, onde no domingo se fazia a romaria celebrada da Senhora das Candeias. (...) desceu à estrada, tomou pelo caminho que se estreita entre o muro da Torre e as terras de centeio onde assentavam no século XII as barbacãs da Honra de Santa Irenéia. (...) “(Queiroz, 1900: 125)

“ (...) chegara à esquina do muro da quinta, onde uma ladeirenta e apertada azinhaga a divide do pinheiral e da mata. Do portão nobre, que outrora se erguera nesse recanto com labores e brasão de armas, restam apenas os dois umbrais de granito, amarelados de musgo, cerrados contra o gado por uma cancela de tábuas mal pregadas, carcomidas da chuva e dos anos. E nesse momento, da azinhaga funda (...) “(Queiroz, 1900: 126)

“ (...) correu à cancela entalada nos velhos umbrais de granito, pulou por sobre as tábuas mal pregadas, enfiou pela latada que orla o muro (...) Ao fim da vinha, junto aos milheirais, uma figueira brava, densa em folha, alastrara dentro dum espigueiro de granito destelhado e desusado (...) até o muro da Mãe d'Água. (...) retomou a carreira até o canto do pomar – onde encontrou fechada uma porta, velha (...) E respirou enfim no agasalho do pomar murado, diante das varandas da casa (...) junto da Torre (...) entrou na horta, costeou o feijoal “(Queiroz, 1900: 129)

“ (...) desde Ramilde até Corinde (...) “(Queiroz, 1900: 133)

“ (...) Ao começo da vila, porém, recolheu discretamente a escolta na taverna da Serena: e ele cortou para o Mercado da Erva, para a Tabacaria do Simões (...) abalou para a Calçadinha. E atravessava o largo da Chafariz (...) “(Queiroz, 1900: 135)

“ (...) seguiu pensativamente por defronte do Correio; torneou a branca escadaria da igreja de S. Bento; meteu, alheado e sem reparar, pela estrada plantada de acácias que conduz ao Cemitério. E, naquele alto da Vila, donde, ao desembocar da Calçadinha, se abrange a largueza rica dos campos desde Valverde a Craquede (...) “(Queiroz, 1900: 142)

“ (...) Mas às nove e meia Gonçalo (...) ainda se barbeava, em camisa, diante do vasto espelho de colunas douradas. Depois aproveitou a caleche para deixar na Feitosa (...) Ao meio-dia, esfaimado, almoçou na Vendinha (...) batia a meia depois das duas quando enfim se apeou em Oliveira diante do portão do antigo convento de S. Domingos, ao fundo da praça, onde seu pai, quando chefe do Distrito, instalara faustosamente as repartições do Governo Civil. (...) da Arcada, que orla um lado da praça (outrora praça da Prataria, hoje praça da Liberdade) “ (Queiroz, 1900: 146)

“ (...) O tio Duarte, da casa das Balsas (...) romântico plangente de 1848 (...) “ (Queiroz, 1900: 158)

“ (...) dos famosos alperces do Convento de Santa-Brígida, de Oliveira (...) “ (Queiroz, 1900: 160)

“ (...) Recolhendo do Tanque-Velho, do fundo da quinta, onde passara a calma, depois do almoço, na frescura do arvoredos, entre sussurros de águas correntes (...) “ (Queiroz, 1900: 166)

“ (...) pela rua larga da horta, recoberta de parreira (...) “ (Queiroz, 1900: 172)

“ (...) A casa do Cavaleiro em Corinde era uma edificação dos fins do século XVIII, sem elegância e sem arte, pintada de amarelo, lisa e vasta, com quatorze janelas de frente, quase ao meio duma quinta chá, toda de terras lavradas. Mas uma avenida de castanheiros conduzia, com alinhada nobreza, ao pátio da frente, ornado por dois tanques de mármore. Os jardins conservavam a abundância esplêndida de rosas que os tornara (...) “ (Queiroz, 1900: 175)

“ (...) no corredor, ornado de jarrões da Índia, de arcas de charão (...) os nobres soalhos de Corinde (...) “ (Queiroz, 1900: 177)

“ (...) desceram a escada de caracol (...) numa sala abobadada, rodeada de bancos de madeira com as armas dos Cavaleiros nas espaldas, André ficou diante da porta envidraçada do jardim (...) uns passeios tristonhos por esses jardins, pela rua Grande (...) E no terraço, junto à balaustrada de pedra enramada de hera (...) “ (Queiroz, 1900: 178)

“ (...) Desceram a escadaria redonda, por entre os vasos de louça azul que transbordavam de gerânios, de sécias, de canas-da-índia. (...) Naquele banco, sob a magnólia (...) toda

essa parte do muro, que pegava com o lavadouro, fora derrubada depois da morte da mamã, para alargar a estufa... (...) “ (Queiroz, 1900: 179)

“ (...) Por três degraus de tijolo baixaram ao outro jardim, desafogado de arvoredo e sombra, onde desabrochava desde maio, com esplendor, o tão celebrado bosque de roseiras, orgulho da quinta de Corinde (...) “ (Queiroz, 1900: 180)

De “Corinde” para “Oliveira”

“ (...) É um bonito passeio pelos Freixos, sempre com sombra (...)“ (Queiroz, 1900: 181)

“ (...) Na sala de jantar, esteirada, com denegridos painéis de flores e frutas sobre um papel vermelho imitando damasco, André ocupou a veneranda cadeira de braços do avô Martinho (...) “ (Queiroz, 1900: 181)

“ (...) no relógio sempre adiantado da igreja de S. Cristóvão, em Oliveira, quando André Cavaleiro e Gonçalo, descendo da rua Velha, penetraram no Terreiro da Louça (agora largo do Conselheiro Costa Barroso). (...) “ (Queiroz, 1900: 183-184)

“ (...) tocando num coreto que o Conselheiro, (...) mandara construir sobre o velho Pelourinho demolido, a charanga do Regimento ou a filarmônica *Lealdade* tornavam aquele largo o centro mais sociável da quieta e caseira cidade. (...) como começara no Convento de Santa Brígida (...) as senhoras rareavam nos bancos de pedra e nas cadeiras do Asilo espalhadas por sob as acácias. (...) para espiarem todo o Ferreiro, as casas que o cerram do lado de S. Cristóvão e do lado das Trinas, a rua Velha e a rua das Velas (...) com as costas para o Terreiro, junto da grade de ferro que o limita sobre a antiga muralha - donde se dominam campos, a cerca do Seminário Novo, todo o pinhal da Estevinha e as voltas lustrosas da ribeira de Crede. (...) “ (Queiroz, 1900: 184)

“ (...) seguiam pela correnteza de casas que o palacete de D. Arminda Vilegas domina, com o pesado brasão dos Vilegas na cimalha, as suas dez nobres varandas de ferro opulentadas por cortinas de damasco amarelo. (...) “ (Queiroz, 1900: 185)

“ (...) esse sublime vinho verde da quinta de Vidainhos, em Amarante. (...) “ (Queiroz, 1900: 195)

“ (...) velho Gramilde, de Ramilde; o Padre José Vicente, da Finta (...) o Visconde de Rio-Manso, que dispunha da imensa freguesia de Canta-Pedra. (...) dono da quinta da Varandinha (...) “ (Queiroz, 1900: 206)

“(…) Comendador Romão Barros (…) para o bródio faustoso com que ele celebrava, **na sua quinta da Roqueira, a festa de S. Romão**. E essa semana inteira, depois outra, as gastou assim **por Vila-Clara** (…) o bilhar **da rua das Pretas**. (…) “ (Queiroz, 1900: 206)

“(…) junto da Torre o velho Cosme **de Nacejas** e depois num domingo, cruzando às Ave-Marias **na Bica-Santa** o Adrião Pinto **do lugar da Levada** (…) Gonçalo atravessava o lugarejo da **Veleda**, no caminho de **Canta-Pedra**. **Ao fim dos casebres que se apertam à orla da estrada alveja, muito caiada, num terreiro defronte da Igreja, a taverna famosa "do Pintainho"**, onde os caramanchões do quintal e a nomeada do coelho guisado atraem vasto povo nos dias da **feira da Veleda**. (…) “ (Queiroz, 1900: 208)

“(…) depois duma madrugada **às perdizes, em Valverde** (…) a Rosa preparara uma **pescada com tomates**, depois **um bacalhau assado**, formidáveis. (…) no **lugar de Nacejas**, ao pé da **Fábrica de vidros** (…) “ (Queiroz, 1900: 209)

“(…) visitar **Santa Maria de Craquede**, onde estão os túmulos dos antigos tios Ramires. (…) **além dos túmulos do claustro, há outros, ainda mais antigos, que foram arrombados no tempo dos Franceses, e que ficam num subterrâneo**, onde se não pode entrar sem licença e sem que tragam a chave. (…) “ (Queiroz, 1900: 211)

“(…) no **largo do Chafariz** o encontrou com o Videirinha, ambos **sentados num banco, sob as olaias escuras**. (…) “ (Queiroz, 1900: 212)

Vindo da Torre: “ (…) estugou o trote **pelo atalho da Portela**. (…) adiante, ao desembocar **na antiga estrada real**¹¹⁰ (…) Só retomou um passo indiferente, **ao acercar da linha do Caminho de Ferro**, onde um carro de lenha e dois homens esperavam **diante da cancela, que se fechara para a lenta passagem dum trem carregado de pipas**. (…) – Então hoje a ganhar a rica vida **por Craquede?**...

– Cá me arrasto às vezes **para a passagem do comboio de Oliveira**, meu Fidalgo. (…) “ (Queiroz, 1900: 218-219)

“(…) **ao cabo do pinheiral silencioso**, que estiradas réstias de sol docemente douravam – avistou a caleche da **Feitosa**, **parada sob uma carvalha** (…) **A estrada real de Oliveira** **costeia aí o antigo adro do mosteiro de Craquede** queimado pelo fogo do céu, naquela irada tempestade que chamam de S. Sebastião, e que aterrou Portugal em 1616. **Uma erva**

¹¹⁰ Ver mapa de meados do séc. XIX.

agora alfombra o chão, crescida e verde, entre os poderosos troncos dos castanheiros velhíssimos. A igrejinha nova alveja, bem caiada, ao fundo da ramaria; e, ligada a ela por um muro esbrechado que densa hera veste, tomando todo o lado nascente do Terreiro – sobe, enche ainda magnificamente o céu lustroso a fachada da Igreja do vetusto Mosteiro, suavemente amarelecida e brunida pelos tempos, com o seu imenso portal sem portas, a rosácea desmantelada, e esvaziados os nichos de enterramento onde outrora se estiraçavam as imagens dos fundadores (...) Duas casas térreas povoam o lado fronteiro do adro uma limpa, com as ombreiras das janelas pintadas de azul estridente, a outra deserta, quase sem telhado, afogada na verdura dum quinteiro bravo, onde girassóis resplandecem. Um pensativo silêncio envolvia o arvoredado, as altivas ruínas. E nem o quebrava, antes serenamente o embalava, o sussurro duma fonte, que a estiagem adelgacera em fio lento, e mal enchia o seu tanque de pedra, toldado pela pálida e rala folhagem de um chorão muito alto. (...) “ (Queiroz, 1900: 219)

“ (...) desde pequeno não penetrava nas ruínas de Craquede, seguia por um carreirinho cortado na relva, atentamente, encantado com aquela romântica solidão de lenda e verso, quando, sob o arco do portal, apareceram as duas senhoras. (...) “ (Queiroz, 1900: 220)

“ (...) Era um banco de pedra, rente ao muro esbrechado que a hera afogava. Em torno a relva crescia, mais silvestre e florida com os derradeiros malmequeres e botões-de-ouro que o sol de agosto poupava. Um aromazinho fino, de algum jasmineiro emaranhado na hera, errava, adocicava a serena tarde. E na rama dum álamo, defronte do portão da Capela duas vezes um melro cantara. Gonçalo sacudiu todo o banco cuidadosamente com o lenço. E sentado na ponta, junto de D. Maria, louvou também a frescura, o recolhimento daquele cantinho de Craquede... (...) Oh! não existia subterrâneo!... Sim, existia – mas entulhado, sem sepulturas, sem antigüidades. (...) E eu com tanta curiosidade por aquele túmulo aberto, com a tampa rachada... (...) “ (Queiroz, 1900: 221-222)

“ (...) Gonçalo correu, empurrou a porta da Capela. Depois acompanhou as duas senhoras pela pequenina nave soalhada, entre delgados pilares recobertos de uma cal áspera e crua – que recamava também as paredes lisas, apenas guarnecidas, na sua rígida nudez, por litografias de Santos dentro de caixilhos de pinho (...) Depois voltou para o adro, acendeu um cigarro. E, pisando lentamente a relva, considerava quanto a viuvez melhorara D.

Ana. (...) As senhoras desciam os dois degraus da Capela. Um melro esvoaçou na ramagem dos álamos. (...) Em silêncio, sob a ramagem das carvalhas, caminharam para a caleche (...) “ (Queiroz, 1900: 227-228)

“ (...) para saber a distância da Feitosa a Treixedo, a outra quinta histórica dos Ramires (...) – A Treixedo, prima?... Cinco léguas fartas, com maus caminhos. (...) é muito bonito sítio, num alto, com um resto de muralhas... Treixedo era um castelo enorme... Na quinta há uma lagoa entre arvoredos antigos... Oh! sítio delicioso para um pic-nic (...) “ (Queiroz, 1900: 229)

Descrição do “claustro” de Carquere: “ (...) transpôs o portal, atravessou o espaço descoberto que fora a nave - atulhado de caliça, de cacos, de pedras despedaçadas da abóbada e afogadas nas ervas bravas. E pela brecha dum muro a que ainda se amparava um pedaço de altar - penetrou na silenciosa crista Afonsina. Só dela restam duas arcadas em ângulo, atarracadas sobre rudes pilares, lajeadas de poderosas lajes puídas que nessa manhã o sacristão cuidadosamente varrera. E contra o muro, onde rijas nervuras desenham outros arcos, avultam os sete imensos túmulos dos antiqüíssimos Ramires, denegridos, lisos, sem um lavor, como toscas arcas de granito, alguns pesadamente encravados no lajedo, outros pousando sobre bolas que os séculos lascaram. Gonçalo seguia um carreiro de tijolo, rente aos arcos, recordando quando ele outrora e Gracinha pulavam ruidosamente por sobre essas campas, enquanto no pátio do claustro, entre as pilastras tombadas e a verdura das ruínas, a boa Miss Rhodes, agachada, procurava florinhas silvestres. Na abóbada, sobre o mais vasto túmulo, lá negrejava chumbada a espada, a famosa espada, com a sua corrente de ferro pendendo do punho, a folha roída pela ferrugem das longas idades. Sobre outro lá ardia a lâmpada, a estranha lâmpada mourisca, que não se apagara desde a tarde remota em que algum monge, com uma tocha de saimento, silenciosamente a acendera... (...) Depois na ponta do claustro era o túmulo aberto, e ao lado, derrubada em dois pedaços, a tampa (...) Repuxou desesperadamente a égua pelo muro desmantelado, nas ruínas da nave pulou para o selim, e varou num trote o portal, galgou o adro com ânsia – só sossegou ao avistar, ao fim do pinhal, a cancela do Caminho de Ferro aberta, e uma velha que a passava tangendo o seu burro carregado de erva. (...) “ (Queiroz, 1900: 229-230)

“ (...) uma tarde o Sr. Gonçalo Mendes Ramires passava a cavalo pela quinta da Varandinha (...) “(Queiroz, 1900: 245)

Mais uma descrição da Torre: “ (...) admirar de perto a famosa torre, mais velha que Portugal – ambos desceram ao pomar. (...) gabou sinceramente o laranjal. (...) “(Queiroz, 1900: 246)

“ (...) E desde já me proponho a ensinar à Sra. D. Rosa. se ela o não sabe, o jogo da péla¹¹¹ à antiga portuguesa. (...) “(Queiroz, 1900: 246)

Mais um enquadramento na Casa dos Cunhais: “ (...) O relógio da parede, na sala de espera, gemia preguiçosamente as cinco horas. O palacete repousava num claro silêncio. E, depois da poeira e dos solavancos da estrada, pareceu mais doce a Gonçalo a frescura do seu quarto com as quatro janelas abertas sobre o jardim regado e sobre a cerca das Mônicas. Cuidadosamente, guardou logo numa gaveta da cômoda a pasta preciosa de marroquim. Uma criada de olhos repolhudos entrara com o jarrão d'água quente: - e o Fidalgo, como sempre, chasqueou a moça sobre os lindos sargentos de Cavalaria, cujo quartel tentador dominava o lavadouro da quinta, e retinha as raparigas da casa ensaboando todo o dia com paixão. Depois ainda se demorou, mudando o fato empoeirado, assobiando vagamente, encostado à varanda sobre a calada rua das Tecedeiras. O sino das Mônicas lançou um lindo repique... E Gonçalo, enfastiado da sua solidão, decidiu descer pelo terraço do jardim, e surpreender Gracinha nas suas devoções, na Igrejinha. (...) Gonçalo, no jardim, ainda tardou por entre os alegretes, compondo para o casaco um ramo de flores ligeiras. Depois rodeou a estufa, sorrindo da porta com que o Barrolo a enriquecera, uma porta envidraçada, arqueada em ferradura, com um monograma de cores rutilantes; e meteu pela rua que conduzia ao repuxo, coberta de silêncio e penumbra pela rama enlaçada dos seus altos loureiros. Adiante, circundado de bancos de pedra, de árvores de aroma e flor, cantava dormentemente o fino repuxo num tanque redondo, de borda larga, onde se espaçavam grossos vasos de louça branca com o brasão ramalhudo dos Sás. Certamente na véspera ou de manhã se lavara o tanque, porque

¹¹¹ jogo antigo, considerado como precursor do ténis, em que se batia uma bola com uma raquete *péla* in Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2015. [consult. 2015-11-08 11:35:21]. Retirado de: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/péla>, última consulta em 8 de novembro de 2015.

na água muito transparente, sobre as lajes muito claras, nadavam com redobrada vivacidade, em lampejos rosados, os peixes que Gonçalo assustou mergulhando e agitando a bengala. E daquela borda do tanque já ele avistava ao fundo de outra rua, debruada de dalias abertas, o Mirante - uma construção do século XVIII, simulando um Templozinho grego, cor de rosa desbotado, com um gordo Cupido sobre a cúpula, e janelinhas de rocalha entre o meio-relevo das colunas caneladas por onde trepavam jasmineiros.

Gonçalo arrancou, como costumava, folhas dum ramo de lúcia-lima para esmagar e perfumar as mãos; e continuou para o Mirante, vagorosamente, por entre as dalias apinhadas. Na álea, novamente ensaibrada, os sapatos finos de verniz que calçara pousavam sem rumor no saibro mole. E assim, num silêncio de sombra indolente, se acercou do Mirante - e duma das janelinhas que, mal cerrada, conservava corrida por dentro a persiana de tabuinhas verdes. Rente dessa janela era a escada de pedra, que, do elevado e comprido terraço sobre que se estendia o jardim, comunicava com a encovada rua das Tecedeiras, quase em frente à Capela das Mônicas. E Gonçalo, sem pressa, descia - quando, através da persiana rala, sentiu dentro do Mirante um sussurro, um cochichar perturbado. Sorrindo, pensou que alguma das criadas da casa se refugiara nesse templozinho de amor com um dos sargentos terríveis de cavalaria... Mas, não! impossível! Pois se, momentos antes, Gracinha roçara aquela janela e pisara aquela escada, no seu caminho para as Mônicas! (...)“(Queiroz, 1900: 248-249)

“ (...) no atarantado pavor de que o surpreendessem junto do Mirante e da torpeza escondida - enfiou pela rua das dalias, encolhido, com os sapatos leves no saibro mole, costeou o repuxo por sob a ramaria dos arbustos, remergulhou na escuridão dos loureiros, deslizou sorrateiramente por trás da estufa - penetrou no sossego do Palacete. (...) Abalou através das salas desertas como uma sombra acossada; escorregou abafadamente pela escadaria de pedra, varou o portão numa carreira, espreitando, com medo do Joaquim da Porta. No largo parou, diante da grade do relógio do sol. (...) sobre o portal da Igreja de S. Mateus, redemoinhando nos telhados musgosos da Cordoaria (...) sentiu a ansiedade desesperada de escapar para longe, para imensamente longe do largo, do Palacete, da cidade (...) Pensou na alquilaria do Maciel, a mais retirada, para além das últimas casas,

na estrada do Seminário. E cosido com os muros baixos dessas ruas pobres, correu, mandou engatar uma caleche fechada. (...) Gonçalo recordou o divã que guarnecia o Mirante. Era enorme, de mogno, todo coberto de riscadinho, com molas lassas que rangiam. (...) No relógio da Piedade sete horas batiam (...) “ (Queiroz, 1900: 250-251)

“ (...) senhora que habitava uma quinta formosa junto a Treixedo (...) “ (Queiroz, 1900: 250-251)

“ (...) esse Mirante e a torpeza abrigada dentro das suas paredes cor-de-rosa empestassem o jardim, o Palacete, o largo d'El-Rei, toda a cidade de Oliveira (...) “ (Queiroz, 1900: 253)

“ (...) Ela preferia passear na estrada. E ambos se encaminharam para o velho banco de pedra que os álamos abrigavam em frente ao portão da Torre. (...) ambos seguiram pela tira de relva que orla os álamos. (...) “ (Queiroz, 1900: 264)

“ (...) desceram da Portela à Torre, com tenção de estirar o passeio até aos Bravais. (...) Entraram pela porta do pomar onde um fio lento d'água se atardava nos regueiros. Aos brados galhofeiros do Fidalgo a Rosa acudiu, limpando as mãos ao avental. O quê! dois convidados! Mesmo quatro, e mais valentes, que graças a Deus nosso Senhor o jantarinho sobrava! Ainda de tarde comprara a uma mulher da Costa um cesto de sardinhas, graúdas e gordas que regalavam!... O Titó reclamou logo uma fritada tremenda de sardinha e ovos. (...) “ (Queiroz, 1900: 267)

“ (...) na solidão favorável do arvoredos dos Bravais. (...) “ (Queiroz, 1900: 268)

“ (...) uma imensa e lustrosa lua nova surgia, ao fundo da quinta escura, por trás dos outeiros de Valverde. (...) “ (Queiroz, 1900: 268)

“ (...) Através da quinta, pedaços de muros caídos, algum trilho de rua mais descoberto, a água do Tanque-Grande, rebrilhavam ao luar que resvalava dos cerros; e a quietação do arvoredos, da claridade, da noite penetravam na alma com adormecedora carícia. (...) “ (Queiroz, 1900: 269)

“ (...) Como sombras atravessaram uma sala onde dormia, esquecida desde os Ramires do século XVIII, uma espineta de charão. No patamar da escada que conduzia à portinha verde, Gonçalo, para os alumiar, erguera um castiçal. (...) “ (Queiroz, 1900: 272)

“ (...) Ao sair o portão, o Fidalgo da Torre meteu a égua, sem destino, num passo indolente, pela estrada costumada dos Bravais. Mas no Casal Novo, onde dois pequenos jogavam a bola debaixo das carvalheiras, pensou em visitar o Visconde de Rio-Manso. Certamente lhe consertaria os nervos a companhia de tão sereno e generoso velho. E, se ele o convidasse a almoçar, gastaria os seus cuidados visitando essa falada quinta da Varandinha e cortejando o «Botão de Rosa».

Gonçalo recordava apenas confusamente que o terraço da Varandinha dominava uma estrada plantada de choupos, algures, entre o lugar da Cerda e a espalhada aldeia de Canta-Pedra. E tomou o caminho velho que desce das carvalheiras do Casal Novo, e penetra no vale, entre o cabeço de Avelã e as ruínas do Mosteiro de Ribadais, no solo histórico onde Lopo de Baião derrotara a mesnada de Lourenço Ramires... Ora enterrada entre valados, ora entre toscos muros de pedra solta, a vereda seguia sem beleza, e cansativa; mas as madressilvas nas sebes, por entre as amoras maduras, rescendiam; o fresco silêncio recebia mais frescura e graça dos frêmitos de asa que o roçavam; e tanto era o radiante azul nos céus serenos que um pouco elo seu rebrilho e serenidade se instilava na alma. Gonçalo, mais desanuviado, não se apressava; na Igreja dos Bravais, quando ele passara ao Casal Novo, batiam apenas as nove horas; e depois de costear um lameiro de erva magra parou a acender pachorrentamente um charuto, rente da velha ponte de pedra que galga o riacho das Donas. Quase seca pela estiagem, a água escura mal corria, sob as folhas largas dos nenúfares, por entre os juncais que a atulhavam. Adiante, à orla dum ervaçal, no abrigo duma moita de álamos, reluziam as pedras dum lavadouro. Na outra margem, dentro dum velho bote encalhado, um rapazito, uma rapariguinha conversavam profundamente, com dois molhos de alfazema esquecidos nos regaços. Gonçalo sorriu do idílio - depois teve uma surpresa descobrindo, no cunhal da ponte, rudemente entalhado, o seu Brasão de Armas, um Açor enorme, que alargava as garras ferozes. Talvez aquelas terras outrora pertencessem à Casa - ou alguns do seus avós benéficos construía a ponte, sobre torrente então mais funda, para segurança dos homens e dos gados.

O caminho, para além da ponte, alteava entre campos ceifados. As medas lourejavam, pesadas e cheias, por aquele ano de fartura. Ao longe, dos telhados baixos dum lugarejo, vagarosos fumos subiam, logo desfeitos no radiante céu. E lentamente, como aqueles

fumos distantes, Gonçalo sentia que todas as suas melancolias lhe escapavam da alma, se perdiam também no azul lustroso... Uma revoada de perdizes ergueu o voo dentre o restolho. Gonçalo galopou sobre elas, gritando, sacudindo o seu forte chicote de cavalo-marinho, que zinia como uma fina lâmina.

Em breve o caminho torceu, costeando um souto de sobreiros, depois cavado entre silvados com largos pedregulhos aflorando na poeira - e ao fundo o sol faiscava sobre a cal fresca duma parede. Era uma casa térrea, com porta baixa entre duas janelas envidraçadas, remendos novos no telhado e um quinteiro que uma escura e intensa figueira assombreava. Numa esquina pegava um muro baixo de pedra solta, continuado por uma sebe, onde adiante uma velha cancela abria para a sombra duma ramada. Defronte, no vasto terreiro que se alargava, jaziam cantarias, uma pilha de traves; passava uma estrada, lisa e cuidada, que pareceu a Gonçalo a de Ramilde. Para além, até a um distante pinheiral, desciam chás e lameiros. (...) “ (Queiroz, 1900: 283-284)

“ (...) Sabe por acaso qual é o bom caminho para a quinta do Sr. Visconde de Rio-Manso, a Varandinha?

– Para a quinta do Rio-Manso... Siga pela estrada até a pedreira, depois à esquerda a seguir, sempre rente da várzea... (...) “ (Queiroz, 1900: 288)

“ (...) Adiante, onde se erguia um cruzeiro em memória do abade Paguim, assassinado, Gonçalo reconheceu um largo atalho para a estrada dos Bravais que chamavam o Caminho da Moleira. (...) daquela azinhaga solitária (...) até que desembocaram na estrada alta entre taludes escarpados, revestidos de giesta brava. “ (Queiroz, 1900: 288)

“ (...) - Alto! Agora pode voltar para trás... Mas, antes: como se chama aquele seu lugar?

– A Grainha, meu Fidalgo. (...) “ (Queiroz, 1900: 288)

“ (...) Depois, pela conhecida estrada, galopou para a Torre. (...) Para além dos Bravais, mais galopou, ao avistar a Torre. (...) “ (Queiroz, 1900: 289)

“ (...) Era o seu quarto de solteira, claro e fresco sobre o pomar, onde ainda se conservava o seu leito de linda madeira embutida, um toucador ilustre que pertencera à Rainha D. Maria Francisca de Sabóia, e o sofá, as cadeiras de casimira clara em que Gracinha bordara, num arrastado labor de anos, o Açor negro dos Ramires. E sempre que voltava à Torre Gracinha gostava de reviver, no seu quarto, as horas de solteira, remexendo as

gavetas, folheando velhos romances ingleses na estantezinha envidraçada, ou simplesmente da varanda contemplando a querida quinta estendida até aos outeiros de Valverde, a verde quinta, tão misturada à sua vida que cada árvore lhe sussurrava, cada recanto de verdura era como um recanto do seu pensamento. (...) Ela correu da varanda, onde regava nos seus antigos vasos vidrados plantas sempre renovadas e cuidadas pela Rosa com carinho. (...) “ (Queiroz, 1900: 297)

“ (...) Gonçalo aclamava a travessa de pescada à espanhola (...) “ (Queiroz, 1900: 303)

“ (...) recolher à Torre pela estrada mais fresca da Bica Santa. E passara o lugarejo do Cerdal, quando na volta aguda do Caminho, rente ao souto de azinheiros (...) “ (Queiroz, 1900: 329)

“ (...) Toda a freguesia dos Bravais marchara para a Igreja, cerrada como uma hoste, como José Casco na frente erguendo uma enorme bandeira, entre dois tambores que estouravam. O Visconde de Rio-Manso entrara no adro da Igreja de Ramilde na sua vitória, com a neta toda vestida de branco, seguido por uma vistosa fila de *char-à-bancs*, onde se apinhavam eleitores sob toldos de verdura. Na Finta todos os casais se esvaziavam, as mulheres carregadas de ouro, os rapazes de flor na orelha, correndo à Eleição do Fidalgo entre o repenicar das violas, como à romaria dum Santo. E diante da taberna do Pintainho, em face à Igreja, a gente da Veleda, da Riosa, do Cercal erguera um arco de buxo, com dístico vermelho, sobre paninho: «Viva o nosso Ramires, flor dos homens!» (...) “ (Queiroz, 1900: 339)

“ (...) A Torre iluminara! Das suas fundas frestas, através das negras reixas de ferro, saía um clarão; e muito alta, sobre as velhas ameias, refulgia uma serena coroa de lumes! (...) Gonçalo sentiu um desejo de subir a esse imenso eirado da Torre. (...) Não entrara na Torre desde estudante - e sempre ela lhe desagradara por dentro, tão escura, de tão duro granito, com a sua nudez, silêncio e frialdade de jazigo, e logo no pavimento térreo os negros alçapões chapeados de ferro que levavam às masmorras. (...) “ (Queiroz, 1900: 339)

“ (...) E com eles atravessou o pomar, penetrou pela atarracada poterna, de funda ombreira, começou a trepar a esguia escadaria de pedra, que tanta sola de ferro polira e puíra. (...) talvez obscura e sem nome, apenas defendesse algum ângulo de muralha, para

os lados em que o Castelo enfrentava com as terras semeadas e os olmedos da Ribeira. (...) compreendida nas construções do Paço formoso que se erguera dentre o sombrio Castelo Afonsino, e que dominava Santa Irenéia (...) admirou com um respeito novo a sua vastidão, a sua força, os seus empinados escalões, os seus muros tão espessos. que as frestas esguias na espessura se alongavam como corredores, escassamente alumeadas pelas tigelinhas de azeite (...) Em cada um dos três sobrados parou, penetrando curiosamente, quase com uma intimidade, nas salas nuas e sonoras, de vasto lajedo, de tenebrosa abóbada, com os assentos de pedra, estranho buraco ao meio, redondo como o dum poço e ainda pelas paredes riscadas de sulcos de fumos, os anéis dos tocheiros. Depois em cima, no imenso eirado que a fieira de lamparinas, cingindo as ameias, enchia de claridade, Gonçalo, erguendo a gola do paletó na aragem mais fina, teve a dilatada sensação de dominar toda a Província. (...) Lentamente caminhou em roda das ameias, até o miradouro a que um candeeiro de petróleo, sobre uma cadeira de palhinha posta em frente à fresta, estragava o entono feudal. (...) Por baixo a quinta, toda a largueza dos campos, a espessura dos arvoredos se fundiam em escuridão. (...) por vezes além, para o lado dos Bravais, lampejavam foguetes remotos. Um clarão amarelado e fumarento, caminhando mais longe, entestando para a Finta, era decerto um rancho com archotes festivos. Na alta Igreja da Veleda tremeluzia uma iluminação vaga, rala. Outras luzes, incertas através do arvoredo, riscavam o velho arco do Mosteiro, em Santa Maria de Craquede. Da terra escura subia, por vezes, um errante som de tambores. E lumes, fachos, abafados rufos, eram dez freguesias celebrando amoravelmente o Fidalgo da Torre, que lhes recebia o amor e o preito no eirado da sua torre, envolto em silêncio e sombra. (...)

“(Queiroz, 1900: 340-341)

“(...) As luzinhas sobre a capela de Veleda, sobre o arco de Santa Maria de Craquede, esmoreciam, já ralas. (...)” (Queiroz: 343)

“(...) Deputado por Vila-Clara (...)” (Queiroz: 343) – **Vila Clara tinha 10 freguesias**

“(...) Depois das festas de Natal, que ele passou alegremente nos Cunhais, ajudando Gracinha a cozinhar bolos de bacalhau por uma receita sublime do Padre José Vicente, da Finta (...)” (Queiroz: 345)

(...) o bom rendeiro, apressava desde madrugada dois moços na final limpeza da horta, agora muito cuidada, já com meloal, já com morangal, e duas novas ruas, ambas bordadas de roseiras e recobertas de latada que a parra densa já recobria. (...) “ (Queiroz: 347)

“ (...) Em novembro voltaram a Oliveira (...) acordou com um lindo sol nas vidraças. Para a missa das onze na Sé (...) “ (Queiroz: 349)

“ (...) Na outra primavera o Barrolo (...) imaginou demolir o Mirante para construir outra estufa, mais vasta, com um repuxo entre palmeiras, que formaria «um jardim de inverno catita». (...) começaram por esvaziar o Mirante da velha mobília que o guarnecia desde o tempo do tio Melchior (...) “ (Queiroz: 350)

“ (...) lembrou que o comboio chegava ao apeadeiro de Craquede às dez e quarenta, não trazendo atraso. Mas talvez o Sr. Doutor apeasse em Corinde, por causa das bagagens... (...) – Duvido – murmurou Gracinha. – Em todo o caso o José está com tenção de partir de madrugada, para o encontrar na bifurcação, em Lamelo. (...) “ (Queiroz: 350-351)

“ (...) se o Barrolo lhe poderia ceder daquele vinho verde de Vidainhos. (...) “ (Queiroz: 357)

“ (...) E os três amigos desceram ao pátio onde, por curiosidade do Titó, visitaram as obras da cavaliariça. (...) “ (Queiroz: 358)

“ (...) E juntamente entrava o Padre Soeiro, recolhendo duma volta pelos Bravais, com o seu grande guarda-sol de paninho e o seu breviário. (...) E para conversar de Gonçalo, da espera em Craquede, acompanhou aqueles senhores até a ponte da Portela. João Gouveia manquejava, aperreado por umas infames botas novas que nessa manhã estreara. E descansaram um momento no belo banco de pedra que o pai de Gonçalo mandara colocar, quando Governador Civil de Oliveira. Era esse o doce sítio donde se avista Vila-Clara, tão asseada, sempre tão branca, àquela hora toda rosada, desde o vasto convento de Santa Teresa até o muro novo do cemitério no alto, com os seus finos ciprestes.

Para além dos outeiros de Valverde, longe, sobre a Costa, o sol descia, vermelho como um metal candente que arrefece, entre nuvens vermelhas, acendendo ainda, em ouro coruscante, as janelas da Vila.

Ao fundo do vale, uma claridade nimbava as altas ruínas de Santa Maria de Craquede, entre o seu denso arvoredado. Sob o arco, o rio cheio corria sem um rumor, já dormente na

sombra dos choupos finos, onde ainda pássaros cantavam. E na volta da estrada, por cima dos álamos que escondiam o casarão, a velha Torre, mais velha que a Vila e que as ruínas do Mosteiro, e que todos os casais espalhados, erguia o seu esguio miradoiro, envolto no vôo escuro dos morcegos, espreitando silenciosamente a planície e o sol sobre o mar (...) Um pequeno com uma alta aguilhada passou, recolhendo duas vacas lentas. Do lado da Vila, o Padre José Vicente da Finta trotou na sua égua branca, saudou o Sr. Administrador, o amigo Soeiro, abençoando também a chegada do Fidalgo para quem já preparara uma bela cesta da sua uva moscatel. Três caçadores, com uma matilha de coelheiros, atravessaram a estrada, descendo pelo portelo à quelha que contorna o casal do Miranda. (...) “ (Queiroz: 358-359)

“ (...) Um silêncio ainda claro, de imenso repouso, tão doce como se descesse do céu, cobria a largueza povoada dos campos, onde não se movia uma folha, na macia transparência do ar de setembro. Os fumos das lareiras acesas já se escapavam, lentos e leves, dentre a telha rala. Na loja do João ferreiro, adiante da Portela, o clarão da forja avivou, mais vermelho. Um bum-bum de tambor bateu festivamente para o lado dos Bravais, cresceu apressado, marchando – nalgum cabeço, depois lentamente se afastou, esmoreceu, logo sumido, em arvoredos ou no vale mais fundo.

João Gouveia, que se recostara no canto do largo assento de pedra, com o seu coco sobre os joelhos, acenou para o lado dos Bravais:

– Estou a lembrar aquela passagem do romance do Gonçalo «E por todo o fresco vale até Santa Maria de Craquede, os atambores mouriscos abafados no arvoredo, tarará! tarará! ou mais vivos nos cerros, ratatá! ratatá! convocavam a mesnada dos Ramires, na doçura da tarde... (...) “ (Queiroz: 359-360)

“ (...) Os três amigos retomaram o caminho de Vila-Clara. No céu branco uma estrelinha tremeluzia sobre Santa Maria de Craquede. E Padre Soeiro, com o seu guarda-sol sob o braço, recolheu à Torre vagarosamente, no silêncio e doçura da tarde (...) “ (Queiroz: 362)

NOTA FINAL

A Publicação de *A Ilustre Casa de Ramires* começou a 20 de Novembro de 1897 na *Revista Moderna* (...) A primeira parte do original é enviada a 17 de Novembro de 1893 (...) “ (Queiroz: 363)

Notas:

A castanho são afirmações/constatações do Autor da dissertação

A azul são as Passagens da Obra passíveis de serem fotografadas, na atualidade.

Bibliografia

Queiroz, J.M.E.d. (s.d). *A Ilustre Casa de Ramires* (de acordo com 1ª edição 1900).
Lisboa: Livros do Brasil.

Anexo III – Transcrições de *O Crime do Padre Amaro*

O Crime do Padre Amaro – Transcrição de descrições de Lugares e Paisagens do Douro (Alusão à Freguesia de Feirão)

“ (...) E em Feirão! Caía-me a chuva na cama. (...) ” (Queiroz, 1880 p. 26)

“ (...) – Foi o ar da serra, – dizia o pároco – fez-me bem. – Contou então a sua triste existência em Feirão, na alta beira, durante a aspereza do Inverno, só, com pastores. O Cónego deitava-lhe o vinho do alto, fazendo-o espumar. (...) ” (Queiroz, 1880 p. 27)

“ (...) Dois meses depois Amaro foi nomeado pároco em Feirão, na Gralheira, serra da Beira Alta. Esteve ali desde Outubro até ao fim das neves.

Feirão é uma paróquia pobre de pastores e naquela época quase desabitada. Amaro passou o tempo muito ocioso, ruminando o seu tédio à lareira, ouvindo fora o Inverno bramir na serra. (...) ” (Queiroz, 1880 p. 47)

Notas:

A azul são as Passagens da Obra passíveis de serem fotografadas, na atualidade.

Bibliografia

Queiroz, J.M.E.d. (s.d). *O Crime do Padre Amaro* (de acordo com 2ª edição 1880). Porto: Lello & Irmão.

Anexo IV – Transcrições de *Os Maias*

Os Maias – Transcrição de descrições de Lugares e Paisagens

O livro "Os Maias" foi publicado em 1888. Nele são retratadas paisagens e lugares do Douro a saber:

“(…) e algumas raras pessoas que em Lisboa ainda se lembravam dos Maias, e sabiam que desde a Regeneração eles viviam retirados na sua quinta de Santa Olávia, nas margens do Douro, tinham perguntado a Vilaça se essa gente estava atrapalhada. (...) Os Maias eram uma antiga família da Beira, sempre pouco numerosa, sem linhas colaterais, sem parentelas - e agora reduzida a dois varões, o senhor da casa, Afonso da Maia, um velho já, quase um antepassado, mais idoso que o século, e seu neto Carlos que estudava medicina em Coimbra. Quando Afonso se retirara definitivamente para Santa Olávia, o rendimento da casa excedia já cinquenta mil cruzados: mas desde então tinham-se acumulado as economias de vinte anos de aldeia” (Queiroz, s d, p. 6)

Vilaça era o procurador da família Maia.

“(…) e se o Afonso naquela idade amava o sossego de Santa Olávia, seu neto (...) não queria, depois de formado, ir sepultar-se nos penhascos do Douro. (...) a falta de um jardim devia ser muito sensível a quem saía dos arvoredos de Santa Olávia (...) ” (Queiroz, s d, p. 7)

“ Em Santa Olávia as chaminés ficavam acesas até Abril; depois ornavam-se de braçadas de flores, como um altar doméstico; e era ainda aí, nesse aroma e nessa frescura, que ele gozava melhor o seu cachimbo, o seu Tácito, ou o seu querido Rabelais.

Todavia, Afonso ainda ia longe, como ele dizia, de ser um velho borrarheiro. Naquela idade, de verão ou de inverno, ao romper do sol, estava a pé, saindo logo para a quinta, depois da sua boa oração da manhã que era um grande mergulho na água fria. Sempre tivera o amor supersticioso da água; e costumava dizer que nada havia melhor para o homem - que sabor de água, som de água, e vista de água. O que o prendera mais a Santa Olávia fora a sua grande riqueza de águas vivas, nascentes, repuxos, tranquilo espelhar de águas paradas, fresco murmúrio de águas regantes... E a esta viva tonificação da água atribuía ele o ter vindo assim, desde o começo do século, sem uma dor e sem uma doença, mantendo a rica tradição de saúde da sua família, duro, resistente aos desgostos e anos -

que passavam por ele, tão em vão, como passavam em vão, pelos seus robles de Santa Olávia, anos e vendavais. (...) Em Santa Olávia, as crianças corriam para ele, dos portais, sentindo-o acariciador e paciente. Tudo o que vive lhe merecia amor: - e era dos que não pisam um formigueiro, e se compadece da sede duma planta. (Queiroz, s d, pp. 11-12)

“ Vilaça costumava dizer que lhe lembrava sempre o que se conta dos patriarcas, quando o vinha encontrar ao canto da chaminé, na sua coçada quinzena de veludilho, sereno, risonho, com um livro na mão, o seu velho gato aos pés. (...) “ (Queiroz, s d, p. 12)

Sobre o gato “ (...) **Tinha nascido em Santa Olávia**, e recebera então o nome de Bonifácio: depois, ao chegar à idade do amor e da caça fora-lhe dado o apelido mais cavalheiresco de D. Bonifácio de Calatrava: agora, dorminhoco e obeso, entrara definitivamente no remanso das dignidades eclesiásticas, e era o Reverendo Bonifácio... (...) “ (Queiroz, s d, p. 13)

“ (...) Afonso da Maia partia com o neto e com todos os criados para a quinta de Sta. Olávia. Quando Vilaça, em fevereiro, foi lá acompanhar o corpo de Pedro, que ia ser depositado no jazigo de família, não pôde conter as lágrimas ao avistar aquela vivenda onde passara tão alegres natais. Um baetão preto recobria o brasão de armas, e esse pano de esquife parecia ter distingido todo o seu negrume sobre a fachada muda, sobre os castanheiros que ornavam o pátio; dentro os criados abafavam a voz, carregados de luto; não havia uma flor nas jarras; o próprio encanto de Santa Olávia, o fresco cantar das águas vivas por tanques e repuxos, vinha agora com a cadência saudosa de um choro. E Vilaça foi encontrar Afonso na livraria, com as janelas cerradas ao lindo sol de inverno, caído para uma poltrona (...) “ (Queiroz, s d, p. 52)

Por uma manhã de abril, nas vésperas de Páscoa, Vilaça chegava de novo a Santa Olávia. Não o esperavam tão cedo; e como era o primeiro dia bonito dessa primavera chuvosa os senhores andavam para a quinta. O mordomo, o Teixeira, que ia já embranquecendo, mostrou-se todo satisfeito de ver o senhor administrador com quem às vezes se correspondia, e conduziu-o à sala de jantar onde a velha governante, a Gertrudes, tomada de surpresa, deixou cair uma pilha de guardanapos e para lhe saltar ao pescoço.

As três portas envidraçadas estavam abertas para o terraço, que se estendia ao sol, com a sua balaustrada de mármore coberta de trepadeiras: e Vilaça, adiantando-se para os

degraus que desciam ao jardim, mal pôde reconhecer Afonso da Maia naquele velho de barba de neve, mas tão robusto e corado, que vinha subindo a rua de romãzeiras com o seu neto pela mão. (...) “ (Queiroz, s d, p. 53)

“ (...) – E ninguém a espera-lo, **nem um criado lá em baixo no rio!** – dizia Afonso. (...) Ia abraçar Carlos outra vez entusiasmado, mas o rapaz fugiu-lhe com uma bela risada, **saltou do terraço, foi pendurar-se dum trapézio armado entre as árvores** (...) O Vilaça, **de guarda-sol debaixo do braço**, contemplava-o embevecido. “ (Queiroz, s d, p. 54)

“**Tinham entrado na sala de jantar, onde um lume de lenha na chaminé de azulejo esmorecia na fina e larga luz de abril; porcelanas e pratas resplandeciam nos aparadores de pau-santo; os canários pareciam doidos de alegria.** “ (Queiroz, s d, pp 54-55)

“ (...) – Eu creio que **prepararam o quarto azul** ao Sr. Vilaça, hein? Disse Afonso. No quarto em que você costumava ficar dorme agora a viscondessa... (...) Afonso recolhera-a por dever de parentela, e para haver uma senhora em Santa Olávia. (...) “ (Queiroz, s d, p. 55)

“ (...) – Vilaça, vá-se arranjar, depressa, que **daqui a pouco é o jantar.**

O administrador surpreendido olhou também o relógio, depois **a mesa já posta, os seis talheres, o cesto de flores, as garrafas de Porto.**

– Então **Vossa Excelência agora janta de manhã? Eu pensei que era o almoço...**

– Eu lhe digo, o Carlos necessita ter um regime. De madrugada está já na quinta; **almoça às sete; e janta à uma hora.** E eu, enfim, para vigiar as maneiras do rapaz... (...) “ (Queiroz, s d, p. 55)

“ (...) – Olá! Quem toca por cá? – exclamou Vilaça, **parando nos degraus da escada, ao ouvir em cima um afinar gemente de rebeca.**

– É o Sr. Brown, o inglês, o preceptor do menino... Muito habilidoso, é um regalo ouvi-lo; toca às vezes à noite na sala, **o senhor juiz de direito acompanha-o na concertina...** Aqui, senhor Vilaça, **o quarto de Vossa Senhoria...**

– **Muito bonito, sim senhor!**

O verniz dos móveis novos brilhava na luz das duas janelas, sobre o tapete alvadio semeado de florzinhas azuis: e as bambinelas, os reposteiros de cretone, repetiam as

mesmas folhagens azuladas sobre fundo claro. Este conforto fresco e campestre deleitou o bom Vilaça.

Foi logo apalpar os cretones, esfregou o mármore da cómoda, provou a solidez das cadeiras. Eram as mobílias compradas no Porto, hem? Pois, elegantes. E, realmente, não tinham sido caras. Nem ele fazia ideia! Ficou ainda em bicos de pés a examinar duas aguarelas inglesas representando vacas de luxo, deitadas na relva, à sombra de ruínas românticas. O Teixeira observou-lhe, com o relógio na mão:

– Olhe que Vossa Senhoria tem só dez minutos... O menino não gosta de esperar.

Então o Vilaça decidiu-se a desenrolar o cache-nez; depois tirou o seu pesado colete de malha de lã; e pela camisa entreaberta via-se ainda uma flanela escarlate por causa dos reumatismos, e os bentinhas de seda bordada. O Teixeira desapertava as correias da maleta; ao fundo do corredor, a rebecca atacara o «Carnaval de Veneza»; e através das janelas fechadas sentia-se o grande ar, a frescura, a paz dos campos, todo o verde de abril. (...) “ (Queiroz, s d, pp. 56-57)

“ (...) Mas não, parece que era sistema inglês! Deixava-o correr, cair, trepar às árvores, molhar-se, apanhar soalheiras, como um filho de caseiro. E depois o rigor com as comidas! Só a certas horas e de certas coisas... E às vezes a criancinha, com os olhos abertos, a aguar! Muita, muita dureza. (...) “ (Queiroz, s d, pp. 57-58)

“ (...) depois, tomando de sobre a cama a sobrecasaca do procurador, foi-lhe passando a escova pela gola, de leve e por amabilidade, em quanto dizia, junto ao toucador onde o Vilaça acamava as duas longas repas sobre a calva: (...) Os senhores já estavam todos na sala. Junto do fogão, onde as achas consumidas morriam na cinza branca, o Brown percorria o Times. Carlos, a cavalo nos joelhos do avô, contava-lhe uma grande história de rapazes e de bulhas (...) “ (Queiroz, s d, p. 58)

“ (...) – Vilaça! A senhora viscondessa...

O administrador porém procurou-a debalde, com os olhos abertos pela sala. Carlos ria, batendo as mãos: – e Vilaça descobriu-a enfim a um canto, entre o aparador e a janela, sentada numa cadeirinha baixa, vestida de preto, tímida e queda, com os braços rechonchudos pousados sobre a obesidade da cinta. (...) Dois escudeiros tinham

começado a servir a sopa, o Teixeira esperava, perfilado por traz do alto espaldar da cadeira de Afonso. (...) “ (Queiroz, s d, p. 59)

“ (...) Naturalmente, nesse dia, falou-se da jornada de Lisboa, do bom serviço da malaposta, do caminho de ferro que se ia abrir... O Vilaça já viera no comboio até ao Carregado.

– De causar horror, hein? – perguntou o abade, suspendendo a colher que ia levar à boca. O excelente homem nunca saíra de Resende; e todo o largo mundo, que ficava para além da penumbra da sua sacristia e das árvores do seu passal, lhe dava o terror duma Babel. Sobre tudo essa estrada de ferro, de que tanto se falava... (...) “ (Queiroz, s d, p. 60)

“ (...) – Ora sirva-se desse fricassé, ande abade, disse Afonso, que eu sei que é o seu fraco, e deixe lá o latim...

O abade obedeceu com deleite; e escolhendo no molho rico os bons pedaços de ave (...)” (Queiroz, s d, p. 63)

“ O jantar findava. Fora, o sol deixara o terraço e a quinta verdejava na grande doçura do ar tranquilo, sob o azul ferrete. Na chaminé só restava uma cinza branca: os lilases das jarras exalavam um aroma vivo, a que se misturava o do creme queimado, tocado de um fio de limão: os criados, de coletes brancos, moviam o serviço donde se escapava algum som argentino: e toda a alva toalha adamascada desaparecia sob a confusão da sobremesa onde os tons dourados do vinho do Porto brilhavam entre as compoteiras de cristal. (...)“ (Queiroz, s d, p. 64)

“ (...) O café para o terraço, Teixeira.

O dia fora convidava, adorável, dum azul suave, muito puro e muito alto, sem uma nuvem. Defronte do terraço os gerânios vermelhos estavam já abertos; as verduras dos arbustos, muito tenras ainda, duma delicadeza de renda, pareciam tremer ao menor sopro; vinha por vezes um vago cheiro de violetas, misturado ao perfume adocicado das flores do campo; o alto repuxo cantava; e nas ruas do jardim, bordadas de buxos baixos, a areia fina faiscava de leve aquele sol tímido de primavera tardia, que ao longe envolvia os verdes da quinta, adormecida a essa hora de sesta numa luz fresca e loira. “ (Queiroz, s d, p. 65)

“ (...) a irreligião daquele velho fidalgo, senhor de quase toda a freguesia, era uma das suas dores. “ (Queiroz, s d, p. 67)

“ Quando Afonso da Maia, Vilaça e o abade recolheram do seu passeio pela freguesia, escurecera, havia luzes pelas salas, e tinham chegado já as Silveiras, senhoras ricas da quinta da Lagoaça. “ (Queiroz, s d, p. 67)

“ (...) Depois da ceia Vilaça acompanhou ainda um momento Afonso da Maia à livraria, onde, antes de recolher, ele tomava sempre à inglesa o seu cognac e soda.

O aposento, a que as velhas estantes de pau preto davam um ar severo, estava adormecido tepidamente, na penumbra suave, com as cortinas bem fechadas, um resto de lume na chaminé, e o globo do candeeiro pondo a sua claridade serena na mesa coberta de livros. Em baixo, os repuxos cantavam alto no silêncio da noite.

Enquanto o escudeiro rolava para o pé da poltrona de Afonso, numa mesa baixa, os cristais e as garrafas de soda, Vilaça, com as mãos nos bolsos, de pé e pensativo, olhava a brasa da acha que morria na cinza branca. Depois ergueu a cabeça, para murmurar, como ao acaso (...) “ (Queiroz, s d, p. 77)

“ Carlos passava as férias grandes em Lisboa, às vezes em Paris ou Londres; mas por Natais e Páscoas vinha sempre a Santa Olávia, que o avô mais só se entretinha a embelezar com amor. As salas tinham agora soberbos panos de Arraz, paisagens de Rousseau e Daubigny, alguns móveis de luxo e de arte. Das janelas a quinta oferecia aspectos nobres de parque inglês: através dos macios tabuleiros de relva, davam curvas airosas as ruas areadas: havia mármore entre as verduras; e gordos carneiros de luxo dormiam sob os castanheiros. (...) “ (Queiroz, s d, p. 91)

Notas:

A castanho são afirmações/constatações do Autor da dissertação

A azul são as Passagens da Obra passíveis de serem fotografadas, na atualidade.

Bibliografia

Queiroz, J.M.E.d. (s.d). *Os Maias* (de acordo com 1ª edição 1888). Lisboa: Livros do Brasil.

Anexo V – Evolução da Designação das Freguesias em Baião, Cinfães, Lamego e Resende

Evolução do nome das Freguesias do Concelho de Baião (Censos 1900, Censos 2011 e CAOP 2013)

Censos 1900	Censos 2011	CAOP 2013
Ancede (Santo André)	Ancede	União das Freguesias de Ancede e Ribadouro
Baião (Santa Leocadia)	Baião (Santa Leocádia)	
Campello (S. Bartolomeu)	Campelo	União das Freguesias de Campelo e Ovil
Covellas (S. Thomé)	São Tomé de Covelas	Frende
Frende (Santa Maria)	Frende	Gestaçô
Gestaçô (S. João Batista)	Gestaçô	Gove
Gove (Santa Maria)	Gove	Grilo
Grillo (S. João Batista)	Grilo	Loivos do Monte
Loivos do Monte (S. Paio)	Loivos do Monte	Santa Marinha do Zêzere
Loivos da Ribeira (Santa Maria Madalena)	Loivos da Ribeira	Valadares
Mesquinhata (S. Tiago)	Mesquinhata	Viariz
Ovil (S. João Batista)	Ovil	
	Ribadouro	União das Freguesias de Baião (Santa Leocádia) e Mesquinhata
Santa Cruz do Douro (Santa Cruz)	Santa Cruz do Douro	
Santa Marinha do Zêzere (Santa Marinha)	Santa Marinha do Zêzere	União das Freguesias de Loivos da Ribeira e Tresouras
Teixeira (S. Pedro)	Teixeira	União das Freguesias de Santa Cruz do Douro e São Tomé de Covelas
Teixeiró (Santa Maria)	Teixeiró	União das Freguesias de Teixeira e Teixeira
Trezouras (S. Miguel)	Tresouras	
Valladares (S. Tiago)	Valadares	
Viaris (S. Faustino)	Viariz	

Evolução do nome das Freguesias do Concelho de Cinfães (Censos 1900, Censos 2011 e CAOP 2013)

Censos 1900	Censos 2011	CAOP 2013
Alhões (S. Pelagio)	Alhões	União das Freguesias de Alhões, Bustelo, Gralheira e Ramires
Bustello (S. João Batista)	Bustelo	
Espadanedo (S. Christovam)	Espadanedo	Espadanedo
Ferreiros de Tendais (S. Pedro)	Ferreiros de Tendais	Ferreiros de Tendais
Fornellos (S. Martinho)	Fornelos	Fornelos
Gralheira (Nossa Senhora da Graça)	Gralheira	
Moimenta (S. Martinho)	Moimenta	Moimenta
Nespereira (Santa Marinha)	Nespereira	Nespereira
Oliveira do Douro (S. Miguel)	Oliveira do Douro	Oliveira do Douro
Ramires (Santa Marinha)	Ramires	
S. Christovam de Nogueira (S. Christovam)	São Cristóvão de Nogueira	São Cristóvão de Nogueira
S. Tiago de Piães (S. Tiago)	Santiago de Piães	Santiago de Piães
Sinfães (S. João Batista)	Cinfães	Cinfães
Sousello (Santo André)	Souselo	Souselo
Tarouquella (Santa Maria Maior)	Tarouquela	Tarouquela
Tendaes (S. Christovam)	Tendais	Tendais
Travancas (Santa Leocadia)	Travanca	Travanca

Evolução do nome das Freguesias do Concelho de Lamego (Censos 1900, Censos 2011 e CAOP 2013)

Censos 1900	Censos 2011	CAOP 2013
Avões (S. João Batista)	Avões	Avões
Bigorne e Pretarouca (S. Sebastião e S. Nicolau)	Bigorne	União das Freguesias de Bigorne, Magueija e Pretarouca
Britiande (S. Silvestre)	Britiande	Britiande
Cambres (S. Martinho)	Cambres	Cambres
Cepões (Nossa Senhora do Rosário)	Cepões	União das Freguesias de Cepões, Meijinhos e Melcões
Ferreirim (Santo António)	Ferreirim	Ferreirim
Ferreiros de Avões (Santa Maria)	Ferreiros de Avões	Ferreiros de Avões
Figueira (S. João Batista)	Figueira	Figueira
Lalim (Santa Maria)	Lalim	Lalim
Lamego – Almacave (Santa Maria Maior)	Lamego (Almacave)	Lamego (Almacave e Sé)
Lamego – Sé (Nossa Senhora da Assunção)	Lamego (Sé)	
Lazarim (S. Miguel)	Lazarim	Lazarim
Magueija (S. Tiago)	Magueija	
Meijinhos (Santa Maria)	Meijinhos	
Melcões (S. Silvestre)	Melcões	
Parada do Bispo (Santo André)	Parada do Bispo	
Penajoia (S. Salvador)	Penajóia	Penajóia
Penude (S. Pedro)	Penude	Penude
	Pretarouca	
Samodães (S. Pedro)	Samodães	Samodães
Sande (S. Tiago)	Sande	Sande
Valdigem (S. Martinho)	Valdigem	
Varzea de abrunhaes (S. Pedro)	Várzea de Abrunhais	Várzea de Abrunhais
Villa Nova de Souto de El-Rei (S. Sebastião)	Vila Nova de Souto d' El-Rei	Vila Nova de Souto d' El-Rei

Evolução do nome das Freguesias do Concelho de Resende (Censos 1900, Censos 2011 e CAOP 2013)

Censos 1900	Censos 2011	CAOP 2013
Anreade (S. Miguel)	Anreade	União das Freguesias de Anreade e S. Romão de Aregos
Barrô (Nossa Senhora da Assunção)	Barrô	Barrô
Carquere (Santa Maria)	Cárquere	Cárquere
Feirão (Santa Luzia)	Feirão	
Felgueiras (S. João Batista)	Felgueiras	União das Freguesias de Felgueiras e Feirão
Freigil (Nossa Senhora da Purificação)	Freigil	União das Freguesias de Freigil e Miomães
Miomães (S. João batista)	Miomães	
Ovadas (S. Pelagio)	Ovadas	União das Freguesias de Ovadas e Panchorra
Panchorra (S. Lourenço)	Panchorra	
Paus (S. Pedro)	Paus	Paus
Resende (S. Salvador)	Resende	Resende
S. Cipriano (S. Cipriano)	São Cipriano	São Cipriano
S. João da Fontoura (S. João Batista)	São João de Fontoura	São João de Fontoura
S. Martinho de Mouros (S. Martinho)	São Martinho de Mouros	São Martinho de Mouros
S. Romão de Aregos (S. Romão)	São Romão de Aregos	

Anexo VI – Evolução da capacidade de Alojamento Turístico no concelho de Baião (2010-2016)

Segue upload do ficheiro

Anexo VII – Evolução da capacidade de Alojamento Turístico no concelho de Cinfães (2010-2016)

Segue upload do ficheiro

Anexo VIII – Evolução da capacidade de Alojamento Turístico no concelho de Lamego (2010-2016)

Segue upload do ficheiro

Anexo IX – Evolução da capacidade de Alojamento Turístico no concelho de Resende (2010-2016)

Segue upload do ficheiro